



TEOSOFIA

INTRODUÇÃO AO CONHECIMENTO SUPERSSENSÍVEL
DO MUNDO E DO DESTINO HUMANO

RUDOLF STEINER



TEOSOFIA

INTRODUÇÃO AO CONHECIMENTO SUPERSSENSÍVEL
DO MUNDO E DO DESTINO HUMANO

RUDOLF STEINER

RUDOLF STEINER

TEOSOFIA

**INTRODUÇÃO AO CONHECIMENTO SUPERSSENSÍVEL DO MUNDO
E DO DESTINO HUMANO**

Tradução e edição 2021 por ©David De Angelis

Todos os direitos reservados

ÍNDICE

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

INTRODUÇÃO

A NATUREZA DO HOMEM

- I A ENTIDADE CORPÓREA DO HOMEM

- II. A ENTIDADE ANIMADA DO HOMEM

- III. A ENTIDADE ESPIRITUAL DO HOMEM

- IV - CORPO, ALMA E ESPÍRITO

REENCARNAÇÃO ESPIRITUAL E DESTINO (KARMA)

OS TRÊS MUNDOS - I - O MUNDO DA ALMA

- II - A ALMA NO MUNDO ANIMADO APÓS A MORTE

- III. O MUNDO ESPIRITUAL

- IV - O ESPÍRITO NO MUNDO ESPIRITUAL APÓS A MORTE

**- V - O MUNDO FÍSICO E SUA CONEXÃO COM O MUNDO ANIMICO
E ESPIRITUAL**

- VI FORMAS DE PENSAMENTO E A AURA HUMANA

O CAMINHO DO CONHECIMENTO

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

O propósito deste livro é dar uma descrição de certas partes do mundo supersensível. Quem quiser admitir apenas o mundo sensato, considerará tal descrição como um produto vazio da imaginação. Mas aquele que procura os caminhos que conduzem para fora do mundo dos sentidos logo entenderá que a vida humana só adquire valor e significado se penetrar com os olhos em outro mundo. Esta penetração não distrai, como muitos temem, o homem da vida "real". Pois só assim ele aprende a permanecer firme e seguro na vida. Ele aprende a conhecer as causas, enquanto que se as ignorar, ele apalpa como um cego através dos efeitos. Só através do conhecimento do mundo supersensível é que a "realidade" sensata adquire sentido. Portanto, este conhecimento aumenta, e não diminui, a nossa capacidade de vida. Só quem compreende a vida pode tornar-se um homem verdadeiramente "prático".

O autor deste livro não descreve nada que não possa testemunhar a partir da sua própria experiência, do tipo de experiência que se pode ter neste campo. Portanto, ele só descreverá coisas que ele mesmo experimentou a este respeito.

A forma como lemos no nosso tempo não se aplica a este livro. De certa forma, cada página, muitas vezes até algumas frases, deve ser conquistada com esforço. Isto tem sido conscientemente direccionado. Pois só assim o livro pode tornar-se para o leitor o que tem de ser para ele. Quem quer que seja que apenas o folheie, não o terá lido de todo. As verdades que ela contém devem ser vivenciadas. A Ciência Espiritual só é eficaz neste sentido.

O livro não pode ser julgado de acordo com os critérios da ciência comum se o ponto de vista para tal julgamento não for derivado do livro em si. Se, no entanto, o crítico adotar este ponto de vista, ele verá que esta exposição nunca está em desacordo com os verdadeiros métodos científicos. O autor sabe que ele

não quis, mesmo com uma única palavra, entrar em conflito com a sua consciência científica.

Aqueles que desejam procurar as verdades aqui expostas por outros meios, encontrá-las-ão na minha Filosofia da Liberdade. Por caminhos diferentes, os dois livros tendem para o mesmo fim. O outro não é necessário para a compreensão de um, embora possa, naturalmente, ser útil.

Aqueles que procuram "últimas verdades" neste livro talvez a ponham de lado, insatisfeitos. O autor se propôs a expor as verdades fundamentais do domínio geral da ciência espiritual.

É, naturalmente, inerente à natureza do homem exigir uma resposta imediata às perguntas sobre o início e o fim do mundo, sobre o propósito da existência e sobre a essência de Deus. Mas aquele que não quer dar palavras e conceitos para o intelecto, mas verdadeiro conhecimento para a vida, sabe que num livro que contém os primeiros elementos do conhecimento espiritual não lhe é permitido dizer coisas que pertencem aos passos superiores da sabedoria. Só depois de compreender estes primeiros elementos é que se pode ver como as questões de ordem superior devem ser colocadas. Em outro livro meu que está relacionado com este, Ciência Oculta, você encontrará mais comunicações sobre o campo tratado aqui.

Quem em nossos dias publicar uma exposição de fatos supersensíveis deve ser claro sobre duas coisas. Em primeiro lugar, que nossa era precisa cultivar um conhecimento supersensível; em segundo lugar, que a vida espiritual hoje está cheia de representações e sentimentos que podem fazer tal descrição parecer a muitos até mesmo como um devaneio e um sonho selvagem. A nossa era precisa de conhecimentos supersensíveis, pois tudo o que o homem aprende do modo ordinário sobre o mundo e a vida levanta nele uma série de questões que só podem ser respondidas por verdades supersensíveis. Mas não se enganem: o que se pode aprender nas correntes culturais atuais sobre os fundamentos da

existência não é, para a alma profundamente sentimental, uma resposta, mas sim uma série de perguntas sobre os grandes enigmas do mundo e da vida. Durante algum tempo, pode-se ter a impressão de possuir uma solução para os enigmas da vida nos "resultados de fatos rigorosamente científicos" e nas deduções de alguns dos pensadores modernos. Se, porém, a alma desce às profundezas para onde deve ir, se realmente se compreende a si mesma, o que a princípio lhe pode ter parecido uma solução, só lhe aparecerá como um estímulo para a verdadeira questão. E uma resposta a tal pergunta não deve ser dirigida apenas para satisfazer uma curiosidade humana, mas dela depende a calma interior e a harmonia da vida da alma. A obtenção de tal resposta não só satisfaz a sede de conhecimento, mas também torna o homem melhor no seu trabalho e o leva à tarefa da vida, enquanto que a falta de uma solução para esses problemas o paralisa na alma e, por fim, também no corpo. O conhecimento supersensível não é algo apenas para as nossas necessidades teóricas, mas também para a verdadeira praxe da vida. Precisamente devido ao caráter da vida espiritual moderna, o conhecimento espiritual é um campo de conhecimento indispensável no nosso tempo.

Por outro lado, é um fato que muitos hoje rejeitam com a máxima energia o que mais precisam. O poder de muitas opiniões baseadas na "experiência científica segura" é tão grande para alguns que não podem deixar de considerar o conteúdo de um livro como este como uma loucura. Aquele que expõe o conhecimento supersensível pode enfrentar estas coisas sem qualquer ilusão.

Certamente, alguém será facilmente tentado a exigir dele provas 'irrefutáveis'. Mas não se reflete que, com tal exigência, se cai em um erro. Pois, certamente sem perceber, não se exige a evidência inerente às coisas, mas aquela que se quer ou se pode reconhecer. O autor deste livro sabe que ele não contém nada de inadmissível para aqueles que estão no terreno da ciência natural moderna. Ele também sabe que é possível concordar com todas as exigências desta ciência, e precisamente por esta razão encontrar a representação do mundo supersensível, como aqui exposta, bem fundamentada. De facto, uma forma de pensar estritamente científica deve sentir-se à vontade com esta representação. E quem pensa desta forma terá, diante de certas discussões, um sentimento que pode ser caracterizado por estas palavras profundamente verdadeiras de Goethe: "Uma

falsa doutrina não pode ser refutada, porque repousa na convicção de que o falso é verdadeiro". Os argumentos são inúteis diante daqueles que desejam admitir apenas aquelas provas que se conformam à sua própria maneira de pensar. Aquele que conhece a verdadeira natureza do que é "provar", percebe claramente que a alma humana encontra a verdade por outros caminhos que não o da discussão.

Dos vários prefácios que Steiner ditou para esta sua obra fundamental numa sucessão de reimpressões com modificações e adições, apenas o Prefácio da terceira edição é dado aqui.

Dos outros, parece que, durante uns quinze anos, o livro ficou "como um ser vivo" diante do autor, que continuou a trazer incansavelmente tudo o que havia adquirido em sua investigação supersensível, sentindo sempre a necessidade, depois de ter dado uma descrição científico-espiritual, de trazê-lo a uma maior clareza. "A descoberta da palavra exata, do giro da frase adequada para expressar um fato, uma experiência, depende dos caminhos percorridos pela alma. Nesses caminhos, a expressão, que permaneceu inalcançável quando foi procurada, apresenta-se quando chegou a hora. Depois de 1918, o autor sentiu que não tinha mais que mudar "nada substancial".

Sobre a gênese do livro, assim como sobre como lê-lo, qualquer pessoa pode consultar utilmente o capítulo XXXIII da autobiografia de Steiner (La mia vita, F.lli Bocca Editori), onde se diz, entre outras coisas, que "um livro antroposófico corretamente composto deve ser um despertar de vida espiritual no leitor, não uma soma de comunicações". A sua leitura não deve ser um

Eu sei bem", continua Rudolf Steiner, "o quanto o que eu dei nos livros está longe de despertar tal experiência nas almas que os lêem". "Sei bem", continua Rudolf Steiner, "o quanto o que eu dei nos livros está longe de despertar pelo seu próprio poder interior tal experiência nas almas que os lêem". Mas também sei o quanto tenho lutado, página por página, para conseguir o máximo que posso

nessa direção. O meu estilo não é mantido de forma a permitir que os meus sentimentos subjectivos penetrem nos períodos. Enquanto escrevo, amorteco o que sobe do calor íntimo e do sentimento profundo para um estilo matemático e seco. Mas só este estilo pode ser um despertador; pois o leitor deve despertar o calor e o sentimento em si mesmo; ele não pode permitir, num estado de consciência amortecida, que lhe sejam simplesmente despejados pelo autor".

INTRODUÇÃO

Quando, no outono de 1813, Johann Gottlieb Fichte expôs sua Doutrina como fruto maduro de uma vida inteiramente dedicada ao serviço da verdade, ele disse imediatamente no início as seguintes palavras: "Esta doutrina pressupõe um sentido interior inteiramente novo, pelo qual se abre um mundo novo que, para o homem comum, não existe". E então ele recorreu a um simulacro para mostrar como a sua doutrina deve permanecer elusiva para aqueles que a julgariam pelas representações dos sentidos comuns: "Imagine um mundo de cegos nascidos, para quem, portanto, as coisas e suas relações são conhecidas apenas pelo que é revelado pelo tato. Vá e fale com eles sobre cores e outras condições que só existem em virtude da luz e da visão. Você estará falando em vão, e será uma sorte se eles lhe disserem isso, pois então você não será lento para reconhecer o seu erro, e, a menos que você possa abrir os olhos deles, você vai parar a conversa inútil".

Agora aquele que fala aos homens daquelas coisas a que Fichte aqui alude, encontra-se demasiadas vezes numa condição análoga à do vidente no meio dos cegos nascidos. Mas estas são as coisas que se referem à verdadeira natureza do homem e aos seus objectivos supremos. E aquele que acha necessário "cessar o discurso inútil" deve desesperar da humanidade. Pelo contrário, não se deve duvidar por um momento da possibilidade de "abrir os olhos" de qualquer um que coopere com a sua boa vontade.

Com base nesta premissa, todos aqueles que sentiram ter desenvolvido o "órgão da percepção interior" capaz de reconhecer a verdadeira natureza do homem, escondida dos sentidos exteriores, falaram e escreveram. Portanto, desde os primeiros tempos, sempre se falou de uma "sabedoria oculta".

Aquele que compreendeu algo disso sente que o possui com a mesma certeza

que o homem com a visão sadia tem sobre a representação das cores. Então esta "sabedoria oculta" não precisa de "provas" para ele. E ele também sabe que para aqueles que, como ele, têm o "órgão da percepção superior" aberto, ele não precisa de provas. Homens dotados desse sentido superior podem falar uns com os outros, assim como aquele que visitou a América pode falar com alguém que, embora não tenha estado lá, é capaz de formar uma ideia, pois, quando tiver oportunidade, verá com os seus próprios olhos as coisas descritas pelo outro.

Mas aquele que observa o mundo supersensível não deve falar apenas com aqueles que, como ele, investigam o mundo espiritual. Ele deve dirigir as suas palavras a todos os homens. Pois ele deve relatar coisas que dizem respeito a todos; de fato, ele sabe que, sem conhecimento delas, ninguém pode ser "homem" no verdadeiro sentido da palavra. E ele fala a todos os homens, porque sabe que há diferentes graus de compreensão pelo que tem a dizer. Ele sabe que mesmo os homens que ainda estão longe do tempo em que a possibilidade de inquérito espiritual próprio estará aberta para eles, podem compreendê-lo. Pois o sentimento e a compreensão da verdade estão em cada homem.

E a este entendimento, que pode ser acendido em cada alma saudável, ele primeiro se vira. Ele também sabe que neste entendimento está contida uma força que pouco a pouco deve levar aos passos superiores do conhecimento. Esse sentimento que talvez a princípio não veja nada do que está exposto a ele é em si mesmo o mágico que abrirá "o olho espiritual". Ele germina na escuridão. A alma não vê; mas, através deste sentimento, é tomada pela força da verdade; e então, pouco a pouco, a verdade se aproxima da alma e lhe abre o "sentido superior". Para alguns pode levar mais tempo, para outros menos; mas quem tiver paciência e constância alcançará o objetivo.

Se nem todos os cegos nascidos podem ser operados, todos os olhos espirituais podem ser abertos; é apenas uma questão de tempo.

Erudição e cultura científica não são condições necessárias para o

desdobramento deste "sentido superior". Ele pode abrir-se tanto no homem simples como no erudito. Pelo contrário, o que é considerado em nossa época como a "única" ciência, muitas vezes pode ser mais um empecilho do que uma ajuda. Pois, pela sua natureza, esta ciência admite como "realidade" apenas aquilo que se enquadra nos sentidos comuns. E por grandes que sejam os seus méritos no reconhecimento desta verdade, ela cria, quando declara válido para todo o conhecimento humano o que é necessário e salutar para o seu próprio domínio, uma série de preconceitos que impedem o acesso a verdades superiores.

Muitas vezes se opõe ao que aqui foi dito que barreiras intransponíveis são colocadas no caminho do conhecimento humano, e que todo conhecimento que não as leve em conta deve, portanto, ser rejeitado. E talvez seja considerado imodesto fazer afirmações sobre coisas que, de acordo com a convicção de muitos, estão além do alcance da cognição humana. Tal objecção esquece o facto de que o conhecimento superior deve ser precedido por um desenvolvimento dos poderes cognitivos humanos. Aquilo que, antes desse desenvolvimento, se encontra além dos limites do conhecimento, cai, após o despertar de certas faculdades latentes em cada homem, inquestionavelmente dentro do domínio do conhecimento.

Há, no entanto, uma coisa a ter em conta. Poder-se-ia dizer: "Para que serve falar aos homens sobre coisas para as quais os seus poderes cognitivos não estão preparados e que, portanto, permanecem fechadas para eles? Mas esta seria uma observação errada. Certas faculdades são necessárias para descobrir as coisas que aqui são discutidas; mas se, depois de serem descobertas, essas coisas são comunicadas, qualquer pessoa que deseje aplicar a lógica sem preconceitos e um bom senso de verdade pode entendê-las. Este livro comunica apenas aquelas coisas que, para quem permite um pensamento não unilateral, sem preconceitos e um sentido livre e aberto da verdade para operar dentro dele, pode dar a impressão de responder satisfatoriamente aos enigmas da vida humana e aos fenômenos do mundo. Pergunte-se: "Se as coisas aqui declaradas são verdadeiras, existe ou não uma explicação satisfatória da vida?" E você vai descobrir que a vida de cada homem responde afirmativamente.

Para ser um "mestre" nestes campos superiores da existência, porém, não basta que os sentidos de um homem tenham sido abertos para percebê-los. Também aqui é necessário "conhecimento", tal como é necessário para ser um mestre no campo da realidade ordinária. A "visão superior" não faz de um homem um "erudito" em assuntos espirituais, assim como os sentidos sadios não nos fazem "eruditos" no mundo da realidade sensata. Mas, como as realidades inferiores e espirituais são, em última análise, mas dois aspectos de uma mesma essência fundamental, aquele que é ignorante no campo do conhecimento superior, permanecerá, na sua maioria, no campo do conhecimento inferior. Este fato gera naqueles que, por vocação espiritual, se sentem chamados a pronunciar-se sobre os domínios espirituais da existência, o sentimento de responsabilidade ilimitada. Impõe-lhe modéstia e reserva. O sentimento desta responsabilidade, porém, não deve impedir ninguém de lidar com as verdades superiores, nem mesmo aqueles que, por causa das condições diárias de suas vidas, não têm o lazer de se dedicar às ciências comuns. Pois pode-se cumprir a tarefa humana mesmo que se ignore a botânica, a zoologia, a matemática e as outras ciências; mas não se pode ser um "homem" no sentido pleno da palavra sem ter de alguma forma se aproximado do conhecimento da natureza e do destino do homem revelado pelo conhecimento supersensível.

O autor deste livro não quer expor nada que não seja um fato para ele, assim como uma experiência no mundo externo é um fato para os olhos, ouvidos e intelecto comum.

Estas experiências são acessíveis a qualquer pessoa que esteja determinada a seguir o "caminho do conhecimento" descrito no final deste livro. Uma atitude correta em relação às coisas do mundo supersensível é assumida quando se assume que o pensamento e o sentimento sadio são capazes de compreender toda a verdadeira cognição que pode fluir dos mundos superiores, e que, partindo dessa compreensão e tornando-a uma base sólida, também se deu um passo importante em direção à visão direta, embora, para alcançá-la, algo mais seja necessário. Por outro lado, uma pessoa é barrada das portas do verdadeiro conhecimento superior se desprezar este caminho e desejar penetrar nos mundos

superiores apenas de outra forma. A máxima de admitir os mundos superiores somente depois de tê-los visto é um impedimento para a clarividência. O desejo de compreender através do pensamento sadio aquilo que se pode ver mais tarde evoca forças importantes na alma, que conduzem precisamente a essa clarividência.

A NATUREZA DO HOMEM

As seguintes palavras de Goethe marcam admiravelmente o ponto de partida de um dos caminhos que conduzem ao conhecimento da natureza do homem: "Assim que ele toma consciência dos objetos à sua volta, o homem os considera em relação a si mesmo; e com razão, porque todo o seu destino depende de gostar ou não deles, de o atrair ou repelir, de o ajudar ou de o prejudicar. Esta forma de ver e julgar as coisas parece ser tão fácil quanto necessário, e ainda assim expõe o homem a mil erros que muitas vezes o humilham e tornam a sua vida amarga. Uma tarefa muito mais difícil é assumida por aqueles que, movidos por um animado impulso de conhecimento, aspiram a observar os objetos da natureza em si mesmos e em suas relações mútuas; pois logo se queixam da falta da norma que lhes é de ajuda quando, como homens, observam as coisas em relação a si mesmos. Falta-lhes a norma do prazer e do desgosto, da atração e da repulsa, da utilidade e do mal. Devem renunciar totalmente a tudo isso; devem, por mais indiferentes e, por assim dizer, divinos seres, criar e investigar o que é, e não o que é agradável. Assim, nem a beleza nem a utilidade das plantas devem mover o verdadeiro botânico; ele deve investigar sua estrutura, sua relação com o resto do reino vegetal e, assim como o sol as fez brotar e iluminar a todas elas, assim ele, com um olhar igual e calmo, deve olhar para elas e abraçá-las a todas, desenhando a norma de seu conhecimento, os dados de seu julgamento não de si mesmo, mas do círculo das coisas observadas".

Este pensamento de Goethe chama a atenção do homem para três coisas. Em primeiro lugar, aos objectos de que é continuamente informado através dos sentidos, e que toca, cheira, prova, ouve e vê. Em segundo lugar, sobre as impressões que os objetos lhe causam, sobre o prazer e o desgosto, o desejo ou a aversão que suscitam nele, e pelo qual ele julga uns agradáveis e outros desagradáveis, uns úteis e outros prejudiciais. E, em terceiro lugar, sobre o conhecimento que ele, como "ser divino, por assim dizer", adquire sobre as coisas, sobre os segredos da sua natureza e atividade que lhe são revelados.

Na vida humana, estes três campos são claramente distintos. E o homem percebe que está ligado ao mundo de três maneiras. O primeiro é predeterminado, e ele o aceita como um fato. Na segunda, ele faz do mundo uma coisa que lhe diz respeito, que tem importância para ele. Na terceira, ele o considera como um objetivo para o qual deve lutar incessantemente.

Porque é que o mundo aparece ao homem desta tripla maneira? A simples observação pode mostrar isto. Estou a caminhar sobre um prado florido. Através dos meus olhos, as flores revelam-me as suas cores. Este é o facto de eu aceitar como dado. Eu gosto do esplendor das cores. Assim, eu transformo o dado em meu próprio caso. Com ela, através dos meus sentimentos, eu junto as flores com a minha própria existência. Um ano depois, volto para o mesmo prado. Há outras flores. Eles despertam em mim uma nova satisfação. A minha alegria do ano anterior é ressuscitada como uma memória. Está em mim; o objecto que o despertou já não está lá. Mas as flores que vejo agora são da mesma espécie que as do ano anterior; elas cresceram de acordo com as mesmas leis. Se esclareci essas espécies, essas leis, encontro-as nas flores deste ano, tal como as reconheci nas do ano anterior. E talvez eu reflita: "As flores do ano passado desapareceram; a alegria que me deram ficou apenas na minha memória". Só em conjunto com o meu ser. Mas o que eu reconheci no ano passado em relação às flores e estou reconhecendo novamente este ano vai durar o mesmo tempo que as semelhantes crescem. É algo que se revelou para mim, mas que não depende da minha existência como a minha alegria depende. Os meus sentimentos de alegria permanecem dentro de mim; as leis, a essência das plantas permanecem fora de mim, no mundo.

Desta tripla maneira, o homem se une continuamente às coisas do mundo. Que nada seja introduzido neste fato no início, mas que seja aceito simplesmente como ele é oferecido. O resultado é que o homem tem três aspectos de sua natureza. Isto, e nada mais, desejamos que o presente indique através das três palavras corpo, alma e espírito. Quem acrescentar a estas palavras qualquer opinião preconcebida ou, pior ainda, qualquer hipótese, irá necessariamente entender mal o que vamos dizer. Pela palavra corpo se entende aquilo pelo qual as coisas que rodeiam o homem se manifestam para ele, como, no exemplo anterior, as flores do prado. Por alma entende-se aquilo pelo qual ele liga as

coisas à sua existência, sente em relação a elas prazer e desgosto, alegria e repugnância, alegria e dor. Por espírito entendemos aquilo que se revela no homem quando, segundo a expressão de Goethe, ele vê as coisas como um "ser, por assim dizer, divino".

Neste sentido, o homem consiste em corpo, alma e espírito.

Através do seu corpo ele pode entrar em uma relação momentânea com as coisas. Através da sua alma, ele retém dentro de si as impressões que as coisas lhe fazem; e através do seu espírito, aquilo que as coisas guardam dentro de si é-lhe revelado. Somente observando o homem sob estes três aspectos podemos esperar chegar a uma compreensão da sua natureza. Pois estes três aspectos mostram-no a estar relacionado de três maneiras diferentes com o resto do mundo.

Através do seu corpo ele está relacionado com as coisas que se oferecem aos seus sentidos a partir do exterior. Os materiais do mundo exterior compõem este seu corpo; as forças do mundo exterior também atuam nele. E tal como, através dos seus sentidos, contempla as coisas do mundo exterior, assim também pode contemplar a sua própria existência corporal. Mas é impossível contemplar da mesma forma a existência da alma. Tudo o que em mim é processo corporal pode ser percebido pelos sentidos corporais. O meu prazer e tristeza, a minha alegria e dor, não podem ser percebidos nem por mim nem pelos outros através dos sentidos corporais. O campo da alma é inacessível à percepção corporal. A existência corpórea do homem é manifesta aos olhos de todos; sua existência anímica ele carrega dentro de si como seu próprio mundo. Através do espírito, porém, o mundo externo lhe é revelado de uma forma mais elevada. Os segredos do mundo exterior lhe são de fato revelados no seu íntimo; mas ele sai espiritualmente de si mesmo e deixa as coisas falarem por si mesmas, do que é importante para eles, não para ele. O homem olha para o céu estrelado: o arrebatamento que a sua alma sente lhe pertence; as leis eternas das estrelas que ele agarra em pensamento, em espírito, não lhe pertencem, mas às estrelas.

O homem é, portanto, um cidadão de três mundos. Através do seu corpo, ele pertence ao mundo que também pode perceber com o seu corpo; através da sua alma, ele constrói o seu próprio mundo; através do seu espírito, um mundo mais elevado do que os outros dois lhe é revelado.

É evidente que, devido à diferença essencial desses três mundos, só será possível lançar luz sobre eles e sobre a parte do homem neles, através de três modos diferentes de observação.

- I A ENTIDADE CORPÓREA DO HOMEM

O corpo humano é conhecido através dos sentidos do corpo. E o modo de observação não pode ser diferente daquele pelo qual aprendemos sobre todos os outros objetos perceptíveis para os sentidos. Assim como se observa minerais, plantas e animais, também se pode observar o homem. Ele está relacionado com estas três formas de existência. Como os minerais, ele constrói seu corpo a partir dos materiais da natureza; como as plantas, ele cresce e se reproduz; como os animais, ele percebe os objetos ao seu redor e, com base nas impressões que ele recebe, forma suas experiências interiores. O homem pode assim ser reconhecido como tendo uma existência mineral, vegetal e animal.

A diferença na estrutura entre minerais, plantas e animais responde às três formas do seu ser. E esta estrutura - a forma - é aquela que é percebida com os sentidos e que só ela pode ser chamada de "corpo". Mas o corpo humano é diferente do corpo animal. Todos devem reconhecer esta diferença, o que quer que pensem mais sobre a relação entre humanos e animais. Mesmo o materialista mais radical, que nega qualquer elemento animico, não pode deixar de subscrever o julgamento expresso por Carus na sua obra *Organon of Nature and Spirit*: "A estrutura mais sutil e íntima do sistema nervoso, e sobretudo do cérebro, é de fato um problema ainda não resolvido pelo anatomista e pelo fisiologista; mas que a concentração desses órgãos está aumentando na série animal até atingir no homem um grau que não tem paralelo em nenhum outro organismo, é um fato completamente estabelecido; em relação ao desenvolvimento espiritual do homem, é de suprema importância, podemos até dizer que já é uma explicação suficiente. Onde a estrutura do cérebro não está devidamente desenvolvida, onde, como na microcefalia e no idiota, o cérebro parece pequeno e insuficiente, é óbvio que se pode falar da aparência de idéias originais e cognição tão pouco quanto se pode esperar a continuação da espécie de um homem cujos órgãos genitais se atrofiaram completamente. A estrutura vigorosa e harmoniosamente desenvolvida de toda a pessoa, e do cérebro em particular, não substituirá, naturalmente, a genialidade, mas oferecerá a primeira e indispensável condição para a conquista da cognição superior".

Tal como reconhecemos as três formas de existência do corpo humano: mineral, vegetal e animal, também devemos reconhecer uma quarta forma de existência, especificamente humana. No caso da forma mineral da existência, o homem está relacionado com tudo o que é visível; no caso da forma vegetal da existência, com todos os seres que crescem e se reproduzem; no caso da forma animal da existência, com todos aqueles que percebem o seu ambiente e, com base em impressões externas, têm experiências interiores; no caso da forma humana da existência, o homem forma um reino próprio, mesmo no aspecto corpóreo.

- II. A ENTIDADE ANIMADA DO HOMEM

Como um mundo interior próprio, a entidade animada do homem difere da sua corporeidade. Este personagem torna-se aparente assim que consideramos a sensação mais simples. Ninguém pode, a princípio, saber se outra pessoa experimenta uma sensação tão simples como ele. É bem conhecido que há pessoas que sofrem de daltonismo. Eles só vêem as coisas em diferentes tons de cinza. Outros são parcialmente daltónicos. Eles não podem, portanto, perceber certas tonalidades de cor. A imagem do mundo transmitida pelos seus olhos é bastante diferente da imagem dos chamados homens normais. E o mesmo se aplica, mais ou menos, aos outros sentidos. Isto é suficiente para mostrar que a mera sensação já pertence ao mundo interior. Com os meus sentidos corporais posso perceber a mesa vermelha que outro percebe, mas não consigo perceber a sensação de vermelho do outro.

Devemos, portanto, qualificar a sensação como um fato animado. Se nos dermos conta deste fato, logo deixaremos de considerar as experiências interiores como meros processos cerebrais ou similares.

A sensação é primeiramente ligada ao sentimento. Uma sensação produz prazer no homem, outra desagradada. Estes são os movimentos da sua vida interior, animada. Em seus sentimentos, o homem cria para si mesmo um segundo mundo, além do que atua sobre ele de fora. E um terceiro factor intervém: a vontade. Através dela, o homem age mais uma vez no mundo externo. E assim ele imprime no mundo externo o carácter do seu ser interior. Nos atos de sua vontade, a alma do homem flui, por assim dizer, para fora. As ações do homem se distinguem dos acontecimentos de natureza externa pelo fato de que elas carregam a marca de sua vida interior. Assim, a alma se opõe ao mundo exterior como aquilo que é próprio do homem. Ele recebe estímulos do mundo exterior, forma o seu próprio mundo. A corporeidade torna-se a base da alma.

- III. A ENTIDADE ESPIRITUAL DO HOMEM

A parte animada do homem não é determinada apenas pelo corpo. O homem não vagueia sem rumo de uma impressão sensorial para outra; nem age sob o impulso de qualquer estímulo exercido sobre ele de fora ou dos processos do seu corpo. Ele reflecte sobre as suas percepções e as suas acções. Refletindo sobre percepções, ele adquire conhecimento sobre as coisas; refletindo sobre acções, ele traz em sua vida um elo sensato. E ele só sabe que vale a pena cumprir sua tarefa como homem se, tanto no conhecimento como na acção, ele se deixar guiar por pensamentos corretos. A alma é assim confrontada com uma dupla necessidade. Pelas leis do corpo é determinado pela necessidade natural; pelas leis que o guiam para o pensamento correto, ele se permite ser determinado porque reconhece livremente sua necessidade. Às leis do corpo o homem está sujeito pela natureza; às leis do pensamento ele próprio se submete.

Desta forma, o homem se torna um participante de uma ordem superior àquela à qual ele pertence com seu corpo. E esta é a ordem espiritual. Como o corpo difere da alma, assim a alma, por sua vez, difere do espírito. Enquanto falarmos apenas das moléculas de carbono, hidrogênio, nitrogênio e oxigênio, que se movimentam no corpo, não consideramos a alma. A vida da alma só começa onde, no contexto desse movimento, surge a sensação: "Eu sinto algo doce", ou "Eu sinto prazer". Igualmente pouca consideração é dada ao espírito, desde que observemos apenas as experiências mímicas que passam pelo homem, quando ele se entrega inteiramente ao mundo exterior e à vida do seu corpo. Pelo contrário, a parte animica é apenas a base da parte espiritual, tal como a parte corporal é a base da parte animica.

O naturalista tem a ver com o corpo, o psicólogo com a alma, e o cientista espiritual com o espírito. Quem quiser explicar a natureza do homem em pensamento, deve ser obrigado a esclarecer a diferença entre corpo, alma e espírito através da reflexão sobre o seu próprio "eu".

- IV - CORPO, ALMA E ESPÍRITO

O homem só pode compreender-se a si próprio adequadamente quando a importância do pensamento no seu ser é deixada clara. O cérebro é o instrumento corporal do pensamento. Assim como o homem pode ver cores com um olho bem formado, também o cérebro, bem formado, o serve para pensar. Todo o corpo do homem é formado de tal forma que o órgão do espírito, o cérebro, é a sua coroa de glória. A estrutura do cérebro humano só pode ser compreendida em relação ao seu propósito, que é o de ser a base corporal do espírito pensante. Um olhar comparativo sobre o mundo animal mostra isso. Nos anfíbios o cérebro ainda é pequeno em comparação com a medula espinhal; nos mamíferos é proporcionalmente maior. No homem, atinge o seu maior tamanho em relação ao resto do corpo.

Contra observações como as aqui feitas sobre o pensamento, reina uma série de preconceitos. Há aqueles que tendem a desvalorizar o pensamento e a colocar "a vida íntima do sentimento" mais acima. Dizem que não se sobe ao conhecimento superior por meio do "pensamento árido", mas por meio do calor, da força imediata do sentimento. Aqueles que falam assim temem que um pensamento claro possa amortecer os sentimentos. No pensamento cotidiano, que é dirigido apenas para coisas utilitárias, este é certamente o caso. Mas no caso de pensamentos que levam às regiões superiores da existência, o oposto é verdadeiro. Não há sentimento ou entusiasmo que, no calor, beleza e altivez, seja comparável aos sentimentos acendidos pelos pensamentos puros, cristalinos, que se referem aos mundos superiores. Os sentimentos mais elevados não são aqueles que surgem "por si mesmos", mas aqueles que conquistamos pelo pensamento enérgico - trabalho.

O corpo humano está organizado de acordo com o pensamento. Os mesmos materiais e forças que também existem no reino mineral são combinados no corpo humano de tal forma que, por meio dessa combinação, ele pode se manifestar. Esta estrutura mineral, de acordo com sua tarefa, será chamada, nas

considerações a seguir, de corpo físico do homem.

A estrutura mineral constituída de forma a ter o cérebro como centro surge pela reprodução e atinge a sua figura completa pelo crescimento. O homem tem reprodução e crescimento em comum com plantas e animais. Pela reprodução e crescimento distingue-se o vivo do mineral sem vida. Os vivos nascem dos vivos através do germe. O descendente liga-se ao antepassado na série de seres vivos. As forças pelas quais um mineral é formado são dirigidas sobre os próprios materiais que o compõem. Um cristal de rocha é formado pelas forças inerentes ao silício e ao oxigênio, que são combinadas nele. As forças que formam um carvalho devemos procurar indiretamente, através do germe, na planta materna e paterna. E a forma do carvalho é preservada na reprodução desde os antepassados até aos descendentes. Nos seres vivos existem determinantes internos, congênitos.

Era uma concepção muito rude da natureza que os animais inferiores e até mesmo os peixes podiam ser formados a partir da lama. A forma de um ser vivo é transmitida através da hereditariedade. O desenvolvimento de um ser vivo depende do ser paterno e materno do qual ele nasceu ou, em outras palavras, da espécie a que pertence. Os materiais de que é composto mudam incessantemente; a espécie persiste ao longo da vida e é transmitida aos descendentes. A espécie é o que determina a combinação de materiais. A esta força que configura a espécie, nós damos o nome de força vital. As forças minerais são expressas em cristais, portanto a força que forma a vida é expressa nas formas de vida vegetal e animal.

O homem percebe as forças minerais através dos seus sentidos corporais. Sem o olho não há percepção da luz; sem o ouvido não há percepção do som. De todos os sentidos existentes no homem, os organismos inferiores possuem apenas uma espécie de sentido tátil. Para eles, à maneira das percepções humanas, existem apenas as forças minerais que se enquadram no sentido tátil. Na medida em que os outros sentidos se desenvolvem nos animais superiores, o mundo à sua volta, que também é percebido pelo homem, torna-se mais rico e mais variado.

Portanto, depende dos órgãos de um ser que o que existe no mundo externo também exista para ele como percepção, como sensação. O que no ar é um certo movimento, no homem torna-se a sensação de som.

Com os sentidos comuns, o homem não percebe as manifestações da força da vida. Ele vê as cores da planta, ele cheira o seu perfume; a este modo de observação a força da vida não se manifesta. Mas tão pouco quanto o cego nato tem o direito de negar as cores, tão pouco os sentidos comuns têm o direito de negar a força da vida. As cores existem para o cego nato assim que ele é operado; assim, quando o órgão correspondente é aberto no homem, as muitas espécies de plantas e animais criados pela força da vida existem para ele como percepção, e não indivíduos sozinhos.

Com a abertura deste órgão, amanhece todo um novo mundo para o homem. Ele já não percebe apenas as cores, cheiros e outras manifestações dos seres vivos, mas percebe a sua própria vida. Em cada planta, em cada animal, ele percebe, além da figura física, a figura espiritual cheia de vida. Para ter uma palavra para esta figura espiritual, podemos chamar-lhe o corpo etérico ou vital.

Para o investigador da vida espiritual, o assunto se apresenta da seguinte forma. Para ele o corpo etérico não é meramente um produto dos materiais e forças do corpo físico, mas é uma entidade autônoma, real, que desperta esses materiais e forças para a vida. Ele está falando no sentido da ciência espiritual quando diz: "Um corpo puramente físico, por exemplo, um cristal, deriva sua forma das forças formadoras físicas inerentes ao que não tem vida; um corpo vivo não deriva sua forma dessas forças, pois no instante em que a vida se retira dele e é abandonado às forças físicas sozinho, ele se desintegra. O corpo vital é uma entidade pela qual, em cada momento da vida, o corpo físico é preservado da destruição.

Para ver este corpo vital, para percebê-lo em outro ser, é necessário ter o olho espiritual desperto. Sem isso, a existência do corpo etérico pode ser admitida por

razões lógicas; com o olho espiritual, porém, pode-se vê-lo como se vê a cor com o olho físico.

Não se deve ficar chocado com o termo "corpo etérico". Aqui "éter" significa algo que não seja o éter hipotético da física. Aceitemos este termo simplesmente como uma designação para o que descrevemos. E assim como o corpo físico humano na sua estrutura é uma imagem da sua tarefa, também o é o corpo etérico. O corpo etérico também só é entendido quando é considerado em relação ao espírito pensante. Na sua organização em relação ao espírito pensante, o corpo etérico do homem difere do corpo das plantas e dos animais.

Tal como, pelo seu corpo físico, o homem pertence ao mundo mineral, assim, pelo seu corpo etérico, ele pertence ao mundo da vida. Após a morte, o corpo físico dissolve-se no mundo mineral; o corpo etérico, no mundo vital. Pela expressão 'corpo' queremos dizer aquilo que dá 'forma', 'figura' a um ser de qualquer natureza. O termo "corpo" não deve ser confundido com "forma física do corpo". No sentido deste livro, a palavra "corpo" também pode ser usada para aquilo que é animado ou espiritual na forma.

O corpo vital ainda é algo externo ao homem. Com o primeiro movimento de sensação, o eu interno responde aos estímulos do mundo exterior. Por mais longe que se vá seguindo o que se tem o direito de chamar o mundo externo, não se encontrará sensação.

Os raios de luz penetram no olho; propagam-se para a retina. Ali (no chamado pigmento visual) eles provocam processos químicos; o efeito desses estímulos propaga-se através do nervo óptico até o cérebro, onde surgem outros processos físicos. Se pudéssemos observá-los, veríamos simplesmente processos físicos, como em qualquer outra parte do mundo exterior. Se eu pudesse observar o corpo vital, veria que o processo físico cerebral é, ao mesmo tempo, um processo vital. Mas a sensação da cor azul que um homem tem quando os raios de luz penetram nele, eu não consigo encontrar por este meio em lugar algum. Surge

apenas dentro da alma daquele homem. Se, portanto, o ser de quem recebe os raios se esgotasse com o corpo físico e o corpo etérico, a sensação não poderia ter lugar. A atividade pela qual a sensação é realizada é essencialmente distinta da atividade da força vital. A partir desta última actividade, a outra suscita uma experiência interior. Se não despertasse o outro, teríamos um processo vital simples, tal como observamos também na planta. Imagina o homem a receber impressões de todos os lados. Em todas as direcções de onde ele recebe estas impressões, devemos também pensar nele como a fonte daquela actividade que responde às impressões com sensações. Esta fonte de actividade pode ser chamada de alma senciente. Esta alma senciente não é menos real que o corpo físico. Se um homem está diante de mim e eu desconsidero a sua alma senciente, representando-o apenas como um corpo físico, é como se eu considerasse apenas a tela de um quadro.

Algo semelhante tem de ser dito sobre a percepção da alma senciente ao que foi dito sobre o corpo etérico. Os órgãos do corpo são "cegos" para ele. Assim também o órgão é capaz de perceber a vida diretamente. Mas tal como este órgão percebe o corpo etérico, assim, através de um órgão ainda mais elevado, o mundo interior da sensação pode revelar-se a uma percepção particular supersensível. O homem então não só recebe as impressões do mundo físico e vital, mas também vê as sensações. Diante de um homem dotado deste órgão, o mundo das sensações de outro ser se apresenta como uma realidade externa. Deve ser feita uma distinção entre experimentar o mundo das próprias sensações e contemplar o mundo das sensações de um outro ser. No mundo das próprias sensações, qualquer homem pode naturalmente olhar; para ver o mundo das sensações de outro ser, só o vidente com um "olho espiritual" aberto pode. Sem ser um vidente, o homem só conhece o mundo dos sentimentos como um mundo interior, como experiências escondidas na sua alma; quando o olho espiritual está aberto, aquilo que de outra forma vive apenas na interioridade do outro ser é iluminado pela visão espiritual exterior.

Para evitar mal-entendidos, que se diga explicitamente que o vidente não experimenta em si mesmo o que o outro ser tem como sua parte do mundo das sensações. O outro experimenta a sensação do ponto de vista da sua própria interioridade; o vidente, por outro lado, percebe uma manifestação, uma

revelação do mundo da sensação.

A alma senciente em relação à sua actividade depende do corpo etérico. Pois dela extrai o que tem de brilhar como sensação. E como o corpo etérico é a vida dentro do corpo físico, a alma senciente também depende indiretamente dele. Só com um olho saudável e bem construído se pode ter sensações adequadas de cor. Assim a corporeidade age sobre a alma senciente. É assim determinada e limitada na sua acção pelo corpo. Vive dentro dos limites traçados pela corporeidade.

O corpo é assim construído de substâncias minerais, vivificadas pelo corpo etérico, e por sua vez limita a alma senciente. Ele, portanto, que possui o órgão capaz de "ver" senciente, reconhece que ele é limitado pelo corpo.

Mas o limite da alma senciente não coincide com o do corpo físico. Esta alma salta sobre o corpo físico. A partir disto, vemos que é mais poderoso do que o corpo físico. Mas a força que a limita emana do corpo físico. Assim, entre o corpo físico e etérico, por um lado, e a alma senciente, por outro, está inserido outro elemento da entidade humana. Este é o corpo animado ou senciente. Também se pode dizer: uma parte do corpo etérico é mais fina que a outra, e essa parte mais fina do corpo etérico forma uma unidade com a alma sensível, enquanto que a parte mais grosseira forma uma espécie de unidade com o corpo físico. Mas, como já foi dito, a alma senciente se projeta acima do corpo animado.

O que temos chamado de sensação não é mais do que uma parte do ser animado. (A expressão "alma senciente" é adotada por uma questão de simplicidade).) Às sensações somam-se sentimentos de prazer e desagrado, impulsos, instintos, paixões. Todas elas carregam, como as sensações, o mesmo carácter da vida pessoal e dependem, como as sensações, do corpo físico.

Como no corpo, a alma senciente entra em ação recíproca com o pensamento, com o espírito. Primeiro faz uso do pensamento. O homem forma pensamentos em torno das suas sensações. Desta forma ele explica o mundo externo para si mesmo. A criança que foi queimada reflete e chega ao pensamento: "O fogo está quente". O homem nem sequer segue cegamente os seus próprios impulsos, instintos e paixões; pela reflexão, ele adquire a oportunidade de satisfazê-los. O que chamamos de civilização material vai absolutamente nessa direção. Consiste nos serviços que o pensamento presta à alma senciente. Quantidades imensuráveis de força-pensamento são dirigidas para este fim. É a força do pensamento que construiu navios, ferrovias, telégrafos,

telefones; e tudo isso serve, em grande parte, para satisfazer as necessidades da alma senciente. Como a força vital em formação permeia o corpo físico, assim a força do pensamento permeia a alma senciente. A força vital formadora liga o corpo físico aos ascendentes e descendentes e os coloca em uma ordem de leis que não dizem respeito apenas ao reino mineral. Do mesmo modo, a força pensante coloca a alma em uma ordem de leis à qual, como mera alma senciente, não pertence.

Em termos da alma senciente, o homem é semelhante ao animal. Também no animal se observa a existência de sensações, impulsos, instintos e paixões. Mas o animal segue-os imediatamente. Nele não são atravessados por pensamentos autônomos que transcendem a experiência imediata. O mesmo acontece, em certa medida, no homem não desenvolvido. A alma senciente simples, portanto, difere do elemento mais elevado e mais evoluído que coloca o pensamento ao seu serviço. A alma servida pelo pensamento será chamada a alma racional.

A alma racional interpenetra a alma senciente. Aquele que possui o órgão capaz de "ver" a alma, vê assim a alma racional como uma entidade especial em comparação com a mera alma senciente.

Através do pensamento, o homem sobe acima da sua vida pessoal. Ele conquista

algo para além da sua alma. É para ele uma certeza óbvia que as leis do pensamento concordam com a ordem do universo. Ele se considera como pertencente ao mundo em virtude desta concordância. Esta concordância é um dos factos importantes pelos quais o homem aprende a conhecer a sua própria natureza. Na sua alma, ele procura a verdade; e através desta verdade, não só a alma é expressa, mas também as coisas do mundo. O que pelo pensamento foi reconhecido como verdade tem um significado independente, que se relaciona com as coisas do mundo, e não apenas com a alma. Com o meu entusiasmo pelo céu estrelado vivo em mim mesmo; os pensamentos que formo sobre as órbitas dos corpos celestes têm a mesma importância para o pensamento de cada outro homem que têm para o meu próprio. Seria absurdo falar do meu entusiasmo, se eu não existisse; mas não é igualmente absurdo falar dos meus pensamentos, mesmo sem se referir a mim. Pois a verdade que eu acho que hoje foi verdade ontem, e será verdade amanhã, embora eu só esteja preocupado com ela hoje. Se uma cognição me dá alegria, essa alegria é válida enquanto viver em mim; a verdade da cognição é válida independentemente dessa alegria. Ao compreender a verdade, a alma se une a algo que tem seu próprio valor em si mesmo. E este valor não desaparece com a sensação da alma; nem surge com ela. O que é realmente verdade não surge e não passa: tem um valor indestrutível.

Isto não contradiz o facto de que as "verdades" humanas individuais têm um valor transitório, porque após algum tempo são reconhecidas como erros parciais ou totais. Pois o homem deve dizer a si mesmo que a verdade existe em si mesmo, mesmo que seus pensamentos sejam apenas aspectos transitórios das verdades eternas. Mesmo aqueles que, como Lessing, dizem que estão contentes com uma viagem eterna em direção à verdade, porque a verdade plena e completa só pode pertencer a um Deus, não negam o valor eterno da verdade, mas a confirmam, porque só o que tem valor eterno pode despertar a aspiração eterna. Se a verdade não existisse em si mesma, se ela derivasse seu valor do sentimento da alma humana, não poderia representar um único objetivo para todos os homens. Ao lutar por ela, reconhece-se a sua essência autónoma.

E como é para a verdade, assim é também para aquilo que é verdadeiramente bom. O bem moral 'é independente de simpatias e paixões, na medida em que não se deixa comandar por elas, mas as comanda. O prazer e o desgosto, o

desejo e a repulsa pertencem à alma do homem; o dever está acima do prazer e do desgosto. O dever pode ser tão elevado para o homem que ele até sacrifica a sua vida por ele. E o próprio homem está tão mais elevado, quanto mais enobreceu suas inclinações, seu prazer e seu desgosto, a ponto de, não por compulsão, nem por sujeição, mas espontaneamente, seguir o dever reconhecido. O bem moral tem, como a verdade, o seu valor eterno em si mesmo e não o recebe da alma senciente.

Ao reviver em seu eu interior aquilo que é verdadeiro e bom em si mesmo, o homem se eleva acima da alma simples e senciente. O espírito eterno brilha nele. Surge nela uma luz que é imperecível. Na medida em que ele vive nesta luz, a alma compartilha de um elemento eterno. A ele liga a sua própria existência. Aquilo que a alma traz dentro de si, que é verdadeiro e bom, é imortal nele. Aquilo que é eterno brilha na alma, chamemos-lhe a alma consciente.

A consciência também pode ser falada em relação aos movimentos inferiores da alma. A sensação mais comum é o objeto da consciência. A este respeito, o animal também possui consciência. Pelo nome de alma consciente queremos dizer aqui o núcleo da consciência humana, a alma dentro da alma. A alma consciente distingue-se assim aqui da alma racional como um elemento constituinte particular da própria alma. A alma racional ainda está enredada em sensações, instintos, emoções, etc., mas ainda não está consciente. Todos sabem como parece verdadeiro para ele no início ser o que ele prefere em seus sentimentos. Mas duradoura é apenas aquela verdade que se libertou de todos os vestígios de tais simpatias ou antipatias de sentimentos, etc., e que é verdadeira mesmo quando todos os sentimentos são verdadeiros. A verdade é verdadeira mesmo quando todos os sentimentos pessoais se levantam contra ela. A parte da alma em que esta verdade vive pode ser chamada de alma consciente.

Como no corpo, assim na alma há três partes a serem distinguidas: a alma senciente, a alma racional e a alma consciente. E assim como, agindo de baixo, a corporeidade exerce uma ação limitadora sobre a alma, assim, agindo de cima, a espiritualidade exerce uma ação amplificadora sobre ela. Pois quanto mais a

alma se enche daquilo que é verdadeiro e bom, tanto mais cresce e se estende o eterno nela.

Para aquele que é capaz de contemplar a alma, o esplendor que emana do homem por causa do aumento do eterno nele é tão real para o olho físico quanto a luz que irradia de uma chama. Para o "vidente", o homem corpóreo é apenas uma parte do homem inteiro. O corpo físico se apresenta como uma formação mais grosseira no meio de outros que o penetram e interpenetram por sua vez. Como forma vital, o corpo etérico preenche todo o corpo físico; em todas as direções sobre o corpo etérico está o corpo animado (figura astral). Do corpo animado sobressai a alma senciente, e depois a alma racional, que se torna maior quanto mais abraça a verdade e o bem. Pois a verdade e a bondade determinam a expansão da alma racional. Um homem que vivesse apenas de acordo com suas inclinações, seu prazer e descontentamento, teria uma alma racional cujos limites coincidiriam com os de sua alma senciente. A estas formações, em cujo centro o corpo físico aparece como se envolto em uma nuvem, pode ser dado o nome de aura humana. Isto é o que enriquece o 'ser do homem' quando é contemplado na forma como este livro procura descrever.

No decorrer da evolução da infância, surge o momento na vida do homem quando pela primeira vez ele se sente um ser independente em relação ao resto do mundo. Para homens de fina sensibilidade, esta é uma experiência importante. O poeta Jean Paul relata em suas memórias: 'Nunca esquecerei o que aconteceu em mim, do que nunca contei a ninguém, quando testemunhei o nascimento da minha autoconsciência'. Ainda hoje posso indicar a hora e o lugar. Uma manhã, quando eu ainda era criança, eu estava na porta da frente da casa e olhava para a esquerda em direção ao barracão, quando de repente a visão interior: "Eu sou um eu" me atingiu como um relâmpago, e tem brilhado em mim desde então. Naquele instante o meu ego viu-se pela primeira vez, e para sempre. É difícil pensar aqui em um engano de memória, já que não se poderia misturar a outros com acréscimos a um acontecimento ocorrido no santuário mais íntimo do ser, e cuja novidade por si só poderia preservar do esquecimento circunstâncias acessórias tão comuns.

É bem sabido que as crianças pequenas, quando falam de si mesmas, dizem: "Carlo é bom", "Maria tu queres esta coisa". É apropriado que eles falem de si mesmos como outros, porque ainda não estão conscientes do seu próprio ser autônomo e a consciência do seu "Eu" ainda não nasceu neles. Em virtude da autoconsciência, o homem se designa a si mesmo como um ser autônomo, separado de todos os outros, como "eu". No "eu" o homem resume tudo o que experimenta como uma entidade corporal e animada. Corpo e alma são os portadores do "eu"; o "eu" opera neles. Assim como o corpo físico tem o seu centro no cérebro, também a alma tem o seu centro no "eu". Sensações são despertadas no homem de fora; sentimentos manifestam-se como efeitos do mundo externo; a vontade se relaciona com o mundo externo, uma vez que toma forma em ações externas. O "eu", como a verdadeira essência do homem, permanece completamente invisível. Jean Paul, portanto, chama com razão a percepção do "eu" de algo que acontece no "santuário oculto do ser". Na verdade, com o seu "eu", o homem está sozinho.

E este "eu" é o próprio homem. Isto lhe dá o direito de considerar o "eu" como o seu verdadeiro ser. Assim ele pode designar seu corpo e alma como os envelopes dentro dos quais vive, e pode designá-los como as condições corporais pelas quais ele age. No decurso da sua evolução, o homem aprende cada vez mais a usar estes instrumentos ao serviço do seu "eu". A palavra curta "eu" é um nome que se destaca de todos os outros. Para quem reflete adequadamente sobre a natureza deste nome, o acesso é aberto, ao mesmo tempo, ao conhecimento da entidade humana em um sentido mais profundo. Qualquer outro nome pode ser usado por todos os homens para o objeto correspondente. Todos podem chamar a mesa de "mesa" e a cadeira de "cadeira". Isto não é assim com o nome "eu". Ninguém pode usá-lo para denotar a outra pessoa; todos só podem se chamar "eu". O nome "eu" nunca pode chegar ao meu ouvido de fora, para me designar; só de dentro, só de si mesmo, pode a alma designar a si mesma como "eu". Quando, portanto, o homem se intitula "eu", começa a falar nele algo que nada tem a ver com nenhum dos mundos dos quais os envelopes até então nomeados são removidos. O "eu" adquire cada vez mais domínio sobre o corpo e a alma.

Isto também está expresso na aura. Quanto mais o "eu" domina o corpo e a alma, mais diferenciada, variada e colorida é a aura. A ação do "eu" na aura pode ser

vista pela vidente. O próprio "eu" permanece invisível até mesmo para ele; ele realmente reside no "santuário interior" do homem.

Mas o "eu" recebe em si mesmo os raios de luz que, como luz eterna, brilham no homem. Como o Eu concentra no Eu as experiências de corpo e alma, ele permite que os pensamentos de verdade e bondade penetrem no Eu. Os fenômenos sensatos se revelam ao Eu, por um lado, o espírito se revela a ele, por outro. Corpo e alma se oferecem ao Eu para servi-lo, mas o Eu se oferece ao espírito para que o espírito o preencha. O eu vive no corpo e na alma; o espírito, porém, vive no eu. E o que do espírito vive no "eu" é eterno. Pois o "eu" recebe natureza e valor daquilo com o qual está ligado. Na medida em que vive dentro do corpo físico, está sujeita às leis minerais; na medida em que vive dentro do corpo etérico, está sujeita às leis da reprodução e do crescimento; na medida em que vive dentro da alma senciente e da alma racional, está sujeita às leis do mundo animal; na medida em que contém dentro de si o elemento espiritual, está sujeita às leis do espírito. O que as leis minerais e vitais formam, nasce e perece; o espírito, porém, nada tem a ver com nascer e perecer.

O "eu" vive na alma. Embora a manifestação mais elevada do eu pertença à alma consciente, é preciso dizer que, irradiando dela, o eu penetra toda a alma e, através dela, atua sobre o corpo. E no "eu" o espírito está vivo. O espírito irradia do Eu e vive nele como em seu envelope, da mesma forma que o Eu vive no corpo e na alma como em seus envelopes. O espírito forma o "eu" de dentro para fora; o mundo mineral forma-o de fora para dentro. À espiritualidade que forma o "Eu", e vive como o "Eu", damos o nome de "Eu Espiritual", porque se manifesta como o "Eu" ou "Eu" do homem. A diferença entre o "Eu espiritual" e a "alma consciente" pode ser explicada da seguinte forma. A alma consciente entra em contato com a verdade, independente de qualquer simpatia ou antipatia, e existindo em si mesma; o Eu espiritual traz dentro de si a mesma verdade, mas recebido e abraçado pelo "Eu"; individualizado por ele e assumido no ser autônomo do homem. Porque a verdade eterna foi assim individualizada e unida num só ser com o "eu", o próprio "eu" alcança a eternidade.

O "eu espiritual" é uma manifestação do mundo espiritual dentro do "eu", assim como, por outro lado, a sensação é uma manifestação do mundo físico dentro do "eu". No que é vermelho, verde, claro, escuro, duro, mole, quente, frio, reconhecemos manifestações do mundo corpóreo; no que é verdadeiro e bom, manifestações do mundo espiritual. No mesmo sentido em que as manifestações do mundo corpóreo são chamadas sensações, as manifestações do mundo espiritual podem ser chamadas intuições. O pensamento mais simples já contém intuição, porque não pode ser tocado com as mãos nem visto com os olhos; deve ser revelado ao espírito através do "eu".

Se um homem menos evoluído e outro mais evoluído olham para uma planta, algo bem diferente vive no "eu" do primeiro do que no "eu" do segundo. No entanto, as sensações de ambos são despertadas pelo mesmo objecto. A diferença está no fato de que este último pode formar pensamentos muito mais perfeitos sobre o objeto. Se os objetos fossem manifestados apenas por sensação, não poderia haver progresso na evolução espiritual. A natureza é sentida até mesmo pelo selvagem; as leis da natureza são reveladas apenas ao pensamento, enriquecido pela intuição, do homem mais avançado. Também a criança sente as incitações do mundo exterior como estímulos da vontade; mas as leis do bem moral só lhe são reveladas no decurso do seu desenvolvimento, à medida que aprende a viver no espírito e a compreender as suas revelações.

Assim como sem o olho não haveria sensação de cor, também sem o pensamento superior do "Eu espiritual" não haveria intuição. E assim como a sensação não cria a planta sobre a qual discerne a cor, assim também a intuição não cria o espírito, do qual apenas dá nota.

Por intuição, o "eu" humano que vive na alma tira mensagens do alto, do mundo espiritual, assim como, através dos sentidos, tira mensagens do mundo físico. Assim o mundo espiritual torna-se a vida da alma, tal como o mundo físico se torna a vida da alma através dos sentidos. A alma, ou melhor, o "eu" que brilha dentro dela, abre suas portas de dois lados, para o mundo corpóreo e para o mundo espiritual.

Assim como o mundo físico só pode dar conhecimento de si mesmo ao Eu, construindo com seus materiais e forças um corpo no qual a alma consciente possa viver e no qual possua órgãos capazes de perceber o mundo corpóreo exterior, assim também o mundo espiritual, com seus materiais e forças espirituais, constrói um corpo espiritual no qual o Eu possa viver e, por meio da intuição, perceber o espírito. (É evidente que os termos "matéria espiritual" e "corpo espiritual", tomados literalmente, contêm uma contradição. Devem ser usados somente com o propósito de dirigir o pensamento para aquilo que no mundo espiritual corresponde ao corpo físico do homem).

E assim como o corpo humano individual é construído no mundo físico como uma entidade separada, também o é o corpo espiritual no mundo espiritual. No mundo espiritual há para o homem um "dentro" e um "fora", como no mundo físico. Assim como o homem retira a matéria do ambiente físico e depois a processa em seu corpo físico, também ele retira a espiritualidade do ambiente espiritual e se apropria dela. Espiritualidade é o alimento eterno do homem. E, como o homem nasce do corpo físico, assim nasce do espírito em virtude das leis eternas da verdade e do bem. Ele está separado do mundo espiritual existente fora dele, assim como, como um ser independente, ele está separado do mundo físico. Esta entidade espiritual autônoma pode ser chamada de "Homem Espiritual".

Se examinarmos o corpo humano físico, encontramos nele os mesmos materiais e forças que existem no mundo físico circundante. O mesmo é válido também em relação ao "homem espiritual". Nele pulsa os elementos do mundo espiritual exterior; nele estão ativas as forças do mundo espiritual remanescente. Assim como um ser dotado de vida e sensação é limitado em si mesmo por uma pele física, também o ser espiritual é limitado por uma "pele espiritual". Essa "pele espiritual", que separa o "homem espiritual" do mundo espiritual como um todo e o torna um ser espiritual independente dentro desse mundo, vivendo em si mesmo e percebendo intuitivamente o conteúdo espiritual do mundo, pode ser chamada de envelope espiritual (envelope áurico). Entretanto, deve-se ter em mente que essa "pele espiritual" se expande continuamente com o progresso da

evolução humana, de modo que a individualidade espiritual do homem (seu envelope áurico) é capaz de expansão ilimitada.

Dentro deste envelope espiritual vive o "Homem Espiritual". Ele é construído pela força da vida espiritual no mesmo sentido em que o corpo físico é construído pela força da vida física. Da mesma forma que falamos de um corpo etérico, falaremos de um espírito etérico em relação ao "Homem Espiritual". Este espírito etérico pode ser chamado de "Espírito Vital".

A entidade espiritual do homem está assim dividida em três partes: Homem Espiritual, Espírito Vital e Eu Espiritual.

Para o "vidente", a entidade espiritual do homem, como parte superior - propriamente espiritual - da aura, é uma realidade perceptível. Ele "vê" no envelope espiritual o Homem espiritual como um Espírito vivo; e ele "vê" como, ao receber alimento espiritual do mundo espiritual exterior, esse Espírito vivo aumenta cada vez mais. E ele "vê" como, ao receber alimento espiritual, o envelope espiritual se expande e o Homem espiritual cresce mais e mais. Considerado do ponto de vista do espaço, este crescimento é, naturalmente, apenas uma imagem da realidade. No entanto, na representação desta imagem, a alma humana é dirigida para a realidade espiritual correspondente. A diferença entre a entidade espiritual do homem e a física é precisamente que a entidade física tem um tamanho limitado, enquanto que a espiritual pode crescer ilimitadamente. Aquilo que é absorvido como alimento espiritual tem um valor eterno. A aura humana é assim constituída por duas partes que se interpenetram. A um dá cor e forma à existência física do homem; ao outro, à sua existência espiritual.

O Eu marca a separação entre as duas partes, porque o físico se oferece a si mesmo à sua maneira e constrói um corpo no qual a alma pode viver; e o Eu se oferece a si mesmo por sua vez e faz com que o espírito viva nele, o qual, por sua vez, penetra na alma e lhe atribui a meta do mundo espiritual. Através do

corpo, a alma está encerrada no físico; através do Homem espiritual, ela cresce asas para se mover no mundo espiritual.

Se queremos compreender o homem na sua totalidade, devemos pensar nele como sendo composto de todas as partes já mencionadas. O corpo é construído a partir dos materiais do mundo físico, de modo que sua estrutura é ordenada para servir ao "eu" pensante. Ela passou por uma força vital, e assim se torna um corpo etérico ou vital. Como tal, abre-se, através dos órgãos sensoriais, para o mundo exterior, e torna-se um corpo animado. A alma senciente penetra nela e forma uma unidade com ela. A alma senciente recebe não só as impressões do mundo exterior como sensações; tem sua própria vida, que fecunda, por um lado, com o pensamento e, por outro, com as sensações. Torna-se assim uma alma racional. Isto é possível porque se abre para cima às intuições e para baixo às sensações. Porque: torna-se uma alma consciente. Isto é possível porque o mundo espiritual forma nele o órgão intuitivo, como o corpo físico forma os órgãos dos sentidos. Assim como os sentidos, através do corpo animado, lhe transmitem sensações, também o espírito, através do órgão intuitivo, lhe transmite intuições. O "Homem Espiritual" está assim unido à alma consciente, tal como, no corpo animado, o corpo físico está unido à alma senciente. A alma consciente e o "Eu Espiritual" formam uma unidade. Nesta unidade o "Homem Espiritual" vive como o "Espírito Vital" no mesmo mc, faz como o corpo etérico oferece a base corporal viva ao corpo animado. E assim como o corpo físico está encerrado pela pele física, o "Homem Espiritual" está encerrado pelo envelope espiritual. Daí esta subdivisão do homem como um todo:

- A. Corpo físico

- B. corpo etérico

- C. Corpo de alma

- D. Alma Sentimental

- E. Alma racional

- F. Alma consciente

- G. "Eu Espiritual".

- H. "Espírito Vital

- I. "Homem Espiritual".

No homem terrestre, o corpo animado (C) e a alma senciente (D) formam uma unidade; assim fazem a alma consciente (F) e o Eu espiritual (G). Há, portanto, sete partes constituintes do homem terrestre.

- 1. corpo físico

- 2. corpo etérico ou vital

- 3. corpo de alma sensível

- 4. alma racional

- 5. alma consciente impregnada pelo espírito

- Espírito vital

- 7. "Homem Espiritual".

Na alma, o "Eu" irrompe, recebe seu impulso do espírito e assim se torna o portador do "Homem Espiritual". O homem participa assim dos "três mundos": físico, animico e espiritual. Em virtude do corpo físico, etérico e animado, ele tem suas raízes no mundo físico; e em virtude do "Eu Espiritual", do "Espírito Vital" e do "Homem Espiritual", ele floresce no mundo espiritual. Mas o tronco que, por um lado, tem raiz e, por outro, floresce, é a própria alma.

Em plena harmonia com esta subdivisão do homem, outra simplificada pode ser dada. Embora o "eu" humano brilhe na alma consciente, ele percorre todo o ser animado. As partes do ser animado não estão tão claramente divididas como as do corpo; num sentido mais elevado, elas interpenetram. Se consideramos a alma racional e a alma consciente como os dois envelopes do Eu unidos e o Eu como seu núcleo, podemos dividir o homem no corpo físico, no corpo etérico, no corpo astral e no Eu. A expressão "corpo astral" é então usada para designar aquilo que é composto de todo o corpo animado e alma senciente. Esta velha expressão pode ser usada aqui livremente para aquilo que no ser humano vai além daquilo que é perceptível para os sentidos. Embora, num certo respeito, a alma senciente também seja fortalecida pelo "eu", ela está tão intimamente unida ao corpo animado que, para ambos, quando pensados em conjunto, é permitido o uso de um único termo. Quando o "Eu" é preenchido com o "Eu espiritual", este "Eu espiritual" se apresenta de tal forma que o corpo astral é transformado pela alma. No corpo astral os apetites, luxúrias e paixões humanas atuam primeiro,

como são sentidos; e as percepções sensoriais também atuam. As percepções sensoriais surgem através do corpo animado como um membro humano constitutivo do mundo exterior. Apetites, anseios, paixões, etc., surgem na alma senciente, na medida em que ela está imbuída de poder do interior, antes de se abrir para receber o espírito. Quando o Eu é preenchido com o Eu espiritual, a alma, por sua vez, enche o corpo astral com a força desse Eu espiritual. Isto se expressa no fato de que os apetites, luxúrias e paixões são então atravessados de luz por aquilo que o "eu" recebeu do espírito. Através da sua participação no mundo espiritual, o "Eu" tornou-se senhor do mundo dos apetites, luxúrias, etc., e assim se tornou um mestre do mundo espiritual. Na medida em que isso ocorre, o "Eu espiritual" se manifesta em corpo astral. E como resultado disso, o corpo astral é modificado. O corpo astral aparece então como uma entidade dupla, em parte inalterada, em parte transformada. É, portanto, permissível referir-se ao "Eu espiritual" como manifestado no homem como o corpo astral transformado. Algo semelhante ocorre quando o homem acolhe o "Eu", o "Espírito Vital". Então o corpo etérico é transformado. Ela é interpenetrada pelo "Espírito Vital". Isto manifesta-se como o corpo etérico transformado. E quando o "Eu" recebe em si mesmo o "Homem Espiritual", atinge o poderoso poder de permear o corpo físico com ele. É natural que o que se transforma assim no corpo físico não possa ser percebido pelos sentidos físicos. Do corpo físico, precisamente aquilo que foi espiritualizado se tornou o "Homem Espiritual". Para a percepção sensorial o corpo existe em forma sensata, e na medida em que é espiritualizado é para ser percebido pelas faculdades cognitivas espirituais. Aos sentidos externos, mesmo o corpo físico espiritualmente imbuído aparece apenas na forma sensata. Com base em tudo isto, também se pode fazer a seguinte subdivisão do homem:

- 1. corpo físico

- 2. corpo etérico

- 3. corpo astral

- 4. "Eu" como o núcleo da alma

- 5. "Eu Espiritual" como corpo astral transformado

- 6. "Espírito vital" como corpo de vida transformado

- 7. "Homem espiritual" como um corpo físico transformado.

REENCARNAÇÃO ESPIRITUAL E DESTINO (KARMA)

Entre o corpo e o espírito vive a alma. As impressões que recebe através do corpo são passageiras. Eles existem desde que o corpo abra seus órgãos aos objetos do mundo externo. O meu olho percebe a cor da rosa apenas enquanto a rosa estiver à sua frente e o próprio olho estiver aberto. A presença, a do objeto no mundo externo e a do órgão corporal, é necessária para que ocorra uma impressão, sensação ou percepção.

Mas o que eu reconheci em espírito como verdade sobre a rosa não passa com o momento presente. E, na sua verdade, não depende nada de mim. Seria verdade mesmo que eu nunca tivesse ficado em frente à rosa. O que eu reconheço espiritualmente repousa sobre um elemento da vida da alma, pelo qual a alma se une a um conteúdo do mundo, que se manifesta nele independentemente da base corporal transitória da alma. Não importa que o que é revelado seja sempre algo imperecível; mas que a revelação ocorra para a alma de tal forma que não seja afetada a sua base corporal transitória, mas a que é independente dela. O que é duradouro na alma entra em consideração no momento em que se descobre que tem experiências que não são limitadas pelo que é transitório nela. Também não é uma questão de se

que estas experiências se tornam conscientes numa fase anterior através de processos transitórios de organização corporal, mas que contêm algo que, embora vivendo na alma, está na sua verdade independente do processo transitório de percepção. A alma é colocada entre o presente e o eterno, na medida em que se encontra entre o corpo e o espírito. Mas é também um mediador entre o presente e o eterno. Preserva o presente para a lembrança. Afasta as coisas da transitoriedade e as acolhe na eternidade de seu próprio ser espiritual. Ela também imprime duração naquilo que é transitório, porque na sua vida não se limita a dar estímulos passageiros, mas determina as coisas a partir de si mesma, incorpora nelas o seu próprio ser nas acções que realiza. Através da lembrança a alma preserva ontem; através da ação ela prepara o amanhã.

Para ter o vermelho da rosa em sua consciência, minha alma teria que percebê-la uma e outra vez, se não a pudesse preservar por meio da lembrança. O que permanece após a impressão exterior, o que pode ser retido pela alma, pode novamente tornar-se representação, independentemente da impressão exterior. Ao fazer uso dessa faculdade, a alma faz do mundo exterior um mundo interior próprio, para que, através da memória, possa preservá-lo e, independentemente das impressões que recebeu, continuar a viver com ele uma vida própria. A vida da alma torna-se assim o efeito duradouro das impressões transitórias do mundo exterior.

Mas mesmo a ação se torna duradoura depois de ter sido impressa no mundo externo. Se eu cortar um galho de uma árvore, algo acontece através da minha alma que muda completamente o curso dos acontecimentos no mundo exterior. O ramo da árvore teria sido bem diferente se eu não tivesse intervindo com a minha ação.

Eu desencadeei uma série de eventos que, sem mim, não teriam ocorrido. O que eu consegui hoje permanece para amanhã. Torna-se tão duradouro através da acção como as minhas impressões de ontem se tornaram para a minha alma através da memória.

A consciência comum não forma uma representação desse 'tornar-se durável' por meio da ação, como aquela que a 'memória' possui da durabilidade de uma experiência que se realizou com base na percepção. Mas não estará o "eu" do homem unido à mudança ocorrida no mundo como resultado da sua acção, tal como está unido à memória que guarda por detrás de uma impressão? O "eu" julga de outra forma sobre novas impressões de acordo com se possui ou não estas ou aquelas memórias. Mas também como "eu" entrou em outra conexão com o mundo de acordo com se eu realizava ou não esta ou aquela ação. Se eu causei ou não uma impressão em um homem através de uma ação depende se existe ou não algo na relação do mundo com o meu "eu". Na minha relação com

o mundo, eu sou outro depois de ter causado uma impressão no meu ambiente. Se o que queremos dizer aqui não é "eu" é observado da mesma forma que a mudança que se produz no "eu" através da conquista de uma memória, é só porque já na sua formação a memória está unida à vida da alma que sempre sentimos ser nossa; enquanto que o efeito externo da ação, separado desta vida da alma, segue o seu caminho através de conseqüências que são algo diferente do que retemos da ação na memória. No entanto, deve-se admitir que, depois de uma ação ter sido realizada, há algo no mundo que recebeu o seu caráter do "eu". Se pensarmos realmente no que estamos considerando aqui, chegaremos a esta pergunta: 'Não seria possível que as conseqüências de uma ação realizada, cuja natureza é marcada pelo 'eu', recebam uma tendência para retornar novamente ao 'eu', assim como uma impressão armazenada na memória aguarda uma circunstância externa? O que está armazenado na memória aguarda tal circunstância. Não poderia aquilo que com o caráter do "eu" é mantido no mundo externo esperar da mesma maneira para se aproximar novamente da alma humana de fora, como a memória se aproxima de dentro, na ocasião relativa? Aqui surge apenas a questão, pois poderia muito bem ser que as conseqüências de uma ação, marcada pelo caráter do "eu", nunca voltariam à alma humana. Mas que eles existem como tal, e que na sua existência determinam a relação do mundo com o "eu", surge imediatamente como uma ideia possível, se se mantiver o registo dos termos do problema em pensamento. Nas considerações seguintes examinaremos se existe algo na vida humana que, com base nesta reconhecida idéia "possível", se soma a uma realidade.

Considere primeiro a memória. Como é formado? Evidentemente de uma forma completamente diferente do que através da sensação ou percepção. Sem o olho não posso ter a sensação de 'azul'. Mas através dos olhos ainda não tenho a memória do "azul". Para que o olho me dê essa sensação, um objeto azul deve ser apresentado a ele. A corporalidade sempre deixaria cair as impressões no nada se, enquanto a representação real é formada pelo ato de percepção, algo não acontecesse na relação entre o mundo exterior e a alma, por meio do qual o homem pode, por meio de processos internos, voltar a ter dentro de si uma representação do que antes havia conseguido uma representação de fora. (Aquele que adquiriu uma certa prática na observação das almas reconhecerá como totalmente errada a expressão derivada da crença de que se tem uma representação hoje, e que amanhã, por meio da memória, essa mesma representação reaparecerá depois de ter, entretanto, habitado em alguma parte do

homem. A representação que eu tenho neste momento é um fenômeno que desaparece com o próprio momento. Quando a memória se apresenta, ocorre em mim um processo que é a consequência de algo que ocorreu na relação entre o mundo externo e eu fora da evocação da representação presente. A representação despertada pela memória é uma nova representação, não a antiga que foi preservada. A lembrança consiste em ser capaz de representar novamente, não no fato de que uma representação passada pode reaparecer. O que reaparece é algo mais do que a representação. Faço esta observação porque, em terreno científico-espiritual, é necessário formar representações mais precisas de determinadas coisas do que as que se possuem na vida e na ciência ordinária).

"Eu lembro-me" significa: "Eu experimento algo que já não está lá. Eu conecto um evento passado à minha vida presente". Assim é com todas as recordações. Suponha que eu conheça um homem e o reconheça de ontem. Ele permaneceria totalmente desconhecido para mim se eu não conseguisse unir a imagem obtida ontem através da percepção com a minha impressão actual. A imagem de hoje é-me dada pela percepção, ou seja, pela minha organização sensorial. Mas quem desperta, por um feitiço, a imagem de ontem na minha alma? É aquela entidade em mim que esteve presente à minha experiência de ontem e que está presente à de hoje.

Já lhe chamamos alma nas considerações anteriores. Sem este fiel preservador do passado, toda impressão exterior seria sempre nova para o homem. É verdade que a alma impressiona o corpo, como um sinal, o processo pelo qual algo se torna memória; mas é a alma que deve impressionar esse sinal, e depois percebê-lo como percebe as coisas externas. Desta forma, é o preservador da memória. Como preservadora do passado, a alma adorna tesouros contínuos para o espírito. Que eu possa distinguir entre o que é certo e o que é errado depende do fato de que, como homem, sou um ser pensante, capaz de captar a verdade no espírito. A verdade é eterna e sempre poderia se revelar novamente nas coisas, mesmo que eu esquecesse o passado cada vez e cada impressão fosse nova para mim. Mas o espírito em mim não se limita às impressões do presente; a alma estende o seu campo de visão ao passado. E quanto mais ele pode trazer do passado, mais o enriquece. Assim, a alma transmite ao espírito o que recebeu do corpo.

Em cada momento da vida, portanto, o espírito do homem traz dentro de si duas coisas: primeiro, as leis eternas da verdade e do bem, e, segundo, a memória da experiência passada. O que ela faz, ela realiza sob a influência destes dois fatores. Se quisermos compreender um espírito humano, devemos saber duas coisas: primeiro, quanto do eterno lhe foi revelado e, segundo, quantos tesouros do passado estão guardados dentro dele.

Estes tesouros não permanecem para o espírito de forma alguma inalterados. As impressões que o homem tira da experiência desaparecem gradualmente da memória. Mas não os seus frutos. Não nos lembramos de todas as experiências que passamos na infância enquanto aprendemos a arte de ler e escrever. Mas não se poderia ler ou escrever se não se tivesse passado por essas experiências e não se tivesse retido os seus frutos na forma de faculdades. E esta é a transformação que o espírito traz sobre os tesouros da morte. O espírito abandona ao seu destino aquilo que pode levar às imagens das experiências individuais, e delas retira apenas a força para uma elevação das suas faculdades. Assim, nenhuma experiência passa despercebida: a alma a guarda como memória, e o espírito tira dela aquilo que pode enriquecer suas faculdades, seu conteúdo de vida. O espírito humano cresce em virtude das experiências que tem processado.

Embora experiências passadas não possam ser armazenadas no espírito como em um armazém, seus efeitos podem ser encontrados nas faculdades adquiridas pelo homem.

Até agora, o espírito e a alma têm sido considerados apenas nos limites entre o nascimento e a morte. Não podemos parar por aí. Fazê-lo seria semelhante a alguém que consideraria o corpo humano físico dentro dos mesmos limites. Muitas coisas podem certamente ser encontradas entre estes limites. Mas o que está entre o nascimento e a morte nunca serviria para explicar a figura humana. A figura humana não pode ser construída diretamente pela ação de materiais físicos e forças apenas. Só pode descer de uma figura igual a ela, transmitida por meio de reprodução. As substâncias e forças físicas constroem o corpo durante a

vida; as forças da reprodução geram dele outro corpo capaz de ter a mesma forma que o primeiro, de ser o portador do mesmo corpo vital.

Cada corpo vital é uma repetição dos seus antepassados. Só que, portanto, não aparece em nenhuma forma, mas naquilo que herdou. As forças que tornaram possível a minha figura humana estavam nos meus antepassados. Mas o espírito do homem também aparece numa determinada figura; (o termo "figura" é aqui entendido, naturalmente, num sentido espiritual). E as figuras espirituais dos homens individuais são tão diferentes como sempre. Não há dois homens com a mesma figura espiritual. Basta fazer observações neste campo que sejam tão serenas e objetivas quanto no campo físico. Não se pode dizer que as diferenças entre os homens nas suas relações espirituais dependem apenas das diferenças no seu ambiente, na sua educação, etc. Não é este o caso. Não, não é assim; pois, sob as mesmas influências do meio ambiente e da educação, dois indivíduos se desenvolvem de formas bem diferentes. Deve-se admitir, portanto, que eles já se colocaram no caminho da vida com disposições bastante diferentes.

Aqui nos encontramos diante de um fato importante que, se seu significado for reconhecido, lança muita luz sobre a natureza do homem. Aqueles que desejam orientar suas observações unicamente na direção dos fatos materiais poderiam dizer que as diferenças individuais das personalidades humanas dependem das diferenças na constituição dos germes materiais. (E, tendo em conta as leis da hereditariedade descobertas por Gregor Mendel e desenvolvidas por outros, tal ponto de vista pode apresentar argumentos que lhe dão a aparência da razão mesmo antes do julgamento da ciência). Mas aquele que julga desta forma mostra que não compreendeu de todo a verdadeira relação do homem com as suas experiências. Para uma observação adequada mostra que as condições externas agem de forma diferente em diferentes indivíduos por algo que não tem correlação direta com a evolução material. Para aqueles que investigam este campo com real exatidão, torna-se evidente que o que vem das disposições materiais pode ser distinguido do que vem, antes, da correlação do ser humano com suas experiências, mas é formado apenas na medida em que a correlação é feita pela própria alma. Reconhece-se então claramente que a alma está em relação a algo no mundo exterior que, pela sua própria natureza, não pode ter qualquer relação com "as disposições materiais do germe físico".

Pela sua figura física, os homens diferem dos animais. Mas, dentro de certos limites, em relação a este número, eles são iguais entre si. Há apenas uma espécie humana. Por maiores que sejam as diferenças de raças, povos e personalidades, do ponto de vista físico a semelhança entre o homem e o homem é maior do que aquela entre o homem e qualquer espécie de animal. Tudo o que se expressa na figura humana é determinado pela hereditariedade desde os antepassados até aos descendentes. E a figura humana está ligada por esta hereditariedade. Assim como o leão só pode herdar sua figura física de outros leões, assim também o homem só pode herdar sua figura física de ancestrais humanos.

Como a semelhança física dos homens é clara aos olhos, assim para o olhar espiritual sem preconceitos a diferença de suas figuras espirituais é revelada. Há um facto óbvio através do qual esta diferença é expressa. Consiste na existência de uma biografia de um homem. Se o homem fosse apenas um espécime da espécie, ele não poderia ter uma biografia. Um leão, uma pomba são de interesse na medida em que pertencem, não, à espécie "leão", "pombo". O ser individual foi compreendido em tudo o que é essencial nele quando a espécie foi descrita. Se é o pai, o filho ou o neto é de pouca importância aqui. O que é de interesse pertence igualmente ao pai, ao filho e ao neto. No caso do homem, porém, o lado significativo só começa onde ele não é mais um espécime da espécie, mas um ser individual. Não percebi nada do Sr. Titius quando descrevi o seu filho ou pai. Eu devo conhecer a sua própria biografia. Quem refletir sobre o caráter da biografia, verá que, sob a relação espiritual, cada homem é uma espécie separada.

Aquele que concebe a biografia apenas como uma cadeia externa de eventos pode afirmar que pode escrever a biografia de um cão no mesmo sentido que a de um homem. Mas aquele que descreve em sua biografia as verdadeiras peculiaridades de um homem, entenderá também que na biografia de um único homem possuímos o que no reino animal corresponde à descrição de uma espécie. O que importa não é que possamos dizer algo biográfico mesmo sobre um animal, e particularmente sobre animais inteligentes; isso é óbvio. O que

importa é que a biografia de um homem não corresponde à biografia de um animal, mas à descrição da própria espécie. Mas sempre haverá quem conteste isso e afirme que, por exemplo, os menageries sabem muito bem como os animais individuais da mesma espécie diferem. Mas aqueles que dizem isso só mostram que não sabem distinguir a diferença individual da diferença que é alcançada apenas pela individualidade.

Assim como a espécie, no sentido físico, só pode ser compreendida se for considerada condicionada pela hereditariedade, assim também a entidade espiritual só pode ser compreendida através de uma hereditariedade espiritual semelhante. Eu possuo minha figura física humana porque sou descendente de ancestrais humanos. De onde eu retiro o que se manifesta na minha biografia? Como um homem físico, repito a figura dos meus antepassados. O que é que eu repito como homem espiritual? Quem quiser manter que o conteúdo da minha biografia não precisa de mais explicações, e deve simplesmente ser tomado como está, pode igualmente manter que viu em algum lugar um monte de terra cujos torrões se amontoaram para formar um homem vivo.

Como homem físico, sou descendente de outros homens físicos. pois tenho "a mesma figura de toda a espécie humana". As qualidades da espécie, portanto, posso, dentro da espécie, ter adquirido por herança. Como ser espiritual, porém, tenho a minha própria figura, assim como tenho a minha própria biografia. Esta figura, então, só posso ter de mim mesmo. E como entrei no mundo não com vagos, mas com atitudes animadas precisas, e o curso da minha vida, como expresso na minha biografia, é determinado por essas atitudes, o meu trabalho sobre mim mesmo não pode ter começado ao nascer. Como um homem espiritual, eu devo ter existido antes do meu nascimento. Nos meus antepassados eu certamente não existia, porque como homens espirituais eles são diferentes de mim. A minha biografia não pode ser explicada pela deles. Como ser espiritual devo, de fato, repetir outro cuja biografia explica a minha. O outro caso, à primeira vista concebível, seria se eu devesse a explicação do conteúdo da minha biografia apenas a uma vida espiritual anterior ao nascimento (isto é, à concepção). Só seria permitido fazer tal representação se se admitisse que o que opera na alma humana a partir do ambiente físico é da mesma natureza do que a alma recebe de um mundo puramente espiritual.

Tal suposição contradiz a observação escrupulosa. Pois aquilo que do ambiente físico tem uma ação decisiva sobre a alma humana se apresenta na mesma relação que as coisas vividas da vida física em um momento posterior têm com as que foram vivenciadas de forma semelhante anteriormente. Para observar corretamente estas relações, deve-se adquirir a capacidade de ver que há impressões na vida humana que atuam sobre as disposições da alma, da mesma forma que o ato a ser realizado na vida física é influenciado pelo ato já realizado; somente estas impressões não se encontram com nada praticado nesta mesma vida, mas com disposições da alma que podem ser influenciadas da mesma forma que as faculdades adquiridas através do exercício. Aquele que penetra nestas coisas chega à representação de vidas terrenas que devem ter precedido a atual. Ele não pode parar os seus pensamentos em experiências puramente espirituais anteriores a esta vida terrena.

A figura física que Schiller tinha, ele herdou dos seus antepassados. Mas assim como essa figura física não pode ter surgido do chão, também não pode a sua entidade espiritual. Deve ser a repetição de outra entidade espiritual de cuja biografia Schiller pode ser explicado, tal como a sua figura humana física pode ser explicada pela reprodução humana.

Assim como a figura humana física é sempre uma repetição, uma reencarnação da espécie, assim também o homem espiritual deve ser sempre uma reencarnação do mesmo homem espiritual. Pois, como homem espiritual, cada um constitui, precisamente, uma espécie separada.

Contra isto, alguns podem objetar que estas são meras deduções mentais, e podem exigir provas externas, como aquelas a que a ciência natural comum nos acostumou. A isso se deve responder que a reencarnação do homem espiritual é um processo que não pertence ao campo dos fatos físicos externos, mas que se volta inteiramente para o campo espiritual. E nenhuma das nossas forças espirituais comuns, exceto o pensamento, pode entrar neste campo. Aquele que não confia na força do pensamento não virá a conhecer nada dos fatos espirituais

superiores.

Para aqueles com um "olho espiritual" aberto, os argumentos acima têm a mesma força persuasiva que um julgamento que ocorre diante dos olhos físicos. Aquele que atribui valor mais persuasivo a uma chamada "prova", construída de acordo com o método da ciência natural comum, do que às considerações acima sobre o valor da biografia, pode ser um grande cientista no sentido comum da palavra, mas está longe dos caminhos da verdadeira pesquisa espiritual.

Um dos preconceitos mais prejudiciais consiste em tentar explicar as qualidades espirituais de um homem, atribuindo-as à herança de seu pai, mãe ou outros ancestrais. Aquele que cai no erro de acreditar que, por exemplo, Goethe herdou do pai ou da mãe o que caracteriza o seu ser, também terá dificuldade em acessar outras razões, pois existe nele uma profunda antipatia à observação sem preconceitos. Uma sugestão materialista impede-o de ver as relações entre os fenômenos à luz certa.

Nas seções anteriores, são estabelecidas as premissas para seguir a entidade humana além do nascimento e da morte. Dentro dos limites marcados pelo nascimento e pela morte, o homem pertence aos três mundos: físico, alma e espiritual. A alma é o elo entre corpo e espírito, porque permeia o terceiro elemento do corpo, o corpo animico, com a faculdade da sensação e, como alma consciente, permeia o primeiro órgão do espírito: o "Eu espiritual". Assim, durante a vida, ela participa das condições do corpo e do espírito. Esta participação é expressa em todo o seu ser. Da organização do corpo espiritual dependerá a maneira pela qual a alma senciente possa desenvolver as suas disposições. E da vida da alma consciente dependerá, por outro lado, o grau de desenvolvimento que o "Eu espiritual" possa alcançar nela. Quanto melhor for conformado o corpo-alma, melhor se desenvolverá a relação da alma senciente com o mundo externo. E quanto mais rico e poderoso for o "Eu espiritual", tanto mais nutritivo será dado pela alma consciente. Temos mostrado que durante a vida este alimento é fornecido ao "Eu espiritual" através de experiências elaboradas interiormente e dos seus frutos. Pois a ação recíproca da alma sobre o

espírito e do espírito sobre a alma só pode, naturalmente, ter lugar onde se interpenetram, isto é, na conjunção do "Eu espiritual" com a alma consciente.

Examinemos primeiro a ação recíproca entre o corpo animado e a alma senciente. Como já vimos, o corpo animado é de fato a parte mais sutilmente desenvolvida da corporeidade; mas ele pertence à corporeidade e depende dela. O corpo físico, o corpo etérico e o corpo animado formam, em certos aspectos, um todo. Portanto, o corpo animal também se enquadra naquelas leis de herança física que dão ao corpo a sua figura. E sendo a mais móvel e, por assim dizer, a forma mais lábil de corporeidade, deve também apresentar os aspectos mais móveis e lábil da hereditariedade. Enquanto, portanto, o corpo físico varia pouco para cada homem e apenas de acordo com a raça, pessoas e linhagem, e o corpo etérico já mostra diferenças maiores, embora uma certa uniformidade ainda prevaleça, a diferença no corpo animado já é muito grande. Nele se manifesta aquilo que já sentimos como sendo a característica pessoal externa do homem. O corpo animal é, portanto, o portador dessa característica pessoal transmitida aos descendentes pelos pais, avós, etc., do homem.

A alma leva, como já explicamos, uma vida própria; com seus gostos e desgostos, seus sentimentos e paixões, ela está fechada sobre si mesma. Mas actua, no entanto, como um todo, e este todo é, portanto, também expresso na alma senciente. E como a alma senciente permeia e, por assim dizer, enche de si mesma o corpo animado, este é formado de acordo com a natureza da alma e, como portador de hereditariedade, pode assim transmitir as inclinações, paixões, etc., desde os antepassados até os descendentes. As palavras de Goethe baseiam-se nisto: "Do meu pai tenho a estatura e a seriedade da vida; da minha mãe tenho a natureza alegre e o gosto pelas fábulas". O génio, ele não se deixou levar naturalmente por um ou outro. Assim, vemos que parte das qualidades animadas o homem deve, por assim dizer, referir-se à linha da hereditariedade física.

Os materiais e forças do corpo físico são encontrados igualmente em todo o ambiente da natureza física exterior. Eles são continuamente retirados e devolvidos a ele. No decorrer de alguns anos, a questão do nosso corpo físico é

totalmente renovada. Que este assunto assumo a forma do corpo humano e seja sempre renovado no seu âmbito, depende do facto de ser mantido junto pelo corpo etérico. E sua forma não é determinada apenas pelos processos que ocorrem entre o nascimento ou concepção e a morte, mas depende das leis da hereditariedade que transcendem o nascimento e a morte. Que as qualidades animais também podem ser transmitidas através da hereditariedade, de modo que um elemento animal penetre no processo de herança física, depende do fato de que o corpo animado pode ser influenciado pela alma.

Vejamos agora como se processa a acção recíproca entre alma e espírito. Durante a vida, o espírito está ligado com a alma da maneira indicada acima. Ela recebe da alma o poder de viver no verdadeiro e bom, e assim manifestar o espírito em sua própria vida, em suas inclinações, instintos e paixões. O "Eu espiritual" traz para o "Eu", do mundo do espírito, as leis eternas do verdadeiro e do bom. Através da alma consciente estes estão unidos com as experiências da vida da alma. As próprias experiências passam, mas os frutos permanecem. Estar unido às experiências da alma produz uma impressão duradoura sobre o "eu espiritual". Se o espírito humano se aproximar de uma experiência que se assemelha a outra com a qual já esteve ligado, verá nela algo familiar e saberá comportar-se de forma diferente do que se fosse confrontado com ela pela primeira vez. Toda a aprendizagem repousa nisto. E os seus frutos são faculdades adquiridas.

Os frutos da vida transitória são assim impressos no espírito eterno.

E nós não os discernimos? Em que descansam as disposições, que antes tratávamos como características do homem espiritual? Somente nas aptidões para uma coisa ou outra que o homem traz consigo quando começa a sua vida terrena. Essas faculdades são, em alguns aspectos, absolutamente iguais àquelas que adquirimos durante a vida. Vejamos, por exemplo, o génio de um homem. É bem sabido que Mozart, quando menino, foi capaz de transcrever de memória uma longa peça de música depois de ouvi-la apenas uma vez. Isso só foi possível porque ele foi capaz de abraçá-lo como um todo. Dentro de certos limites, o homem aumenta sua capacidade de compreensão, de conexões penetrantes,

mesmo durante sua vida, para que ele adquira novas faculdades. Lessing disse mesmo que se tinha apropriado, através de faculdades de observação crítica, de algo semelhante a um gênio. Se não queremos nos surpreender com as faculdades baseadas em disposições como se fossem milagres, devemos considerá-las como frutos de experiências que chegaram ao "Eu espiritual" através da alma. Eles foram impressos no "Eu espiritual". E como não foram assim nesta vida, deve concluir-se que foram assim numa vida anterior. O espírito humano é a sua própria espécie. E assim como o homem, como membro da espécie física, transmite suas qualidades dentro da esfera da espécie, assim também o espírito as transmite dentro da esfera da sua própria espécie, isto é, dentro de si mesmo. Em uma vida, o espírito humano aparece como uma repetição de si mesmo, dando os frutos das experiências de encarnações anteriores. Esta vida é, portanto, uma repetição de outras que a precederam e traz consigo o que o "Eu espiritual" ganhou na vida passada. Quando o "Eu Espiritual" recebe algo que está pronto para se tornar fruto, ele é preenchido com o "Espírito Vital". E como o corpo vital se repete através da espécie, assim o "Espírito Vital" repete a alma desde a existência pessoal até a existência pessoal.

As considerações acima apoiam a representação que procura em vidas terrenas repetidas a causa de certos processos na vida humana. Esta representação, porém, só pode receber todo o seu significado a partir da observação que brota do conhecimento espiritual, tal como se ganha no "caminho do conhecimento" descrito no final deste livro. Aqui só quisemos mostrar que a observação habitual, corretamente dirigida pelo pensamento, já leva a essa representação. No entanto, ele o deixará como um esboço, e não será capaz de protegê-lo inteiramente das objeções de uma observação imprecisa, não guiada corretamente pelo pensamento. Por outro lado, aquele que adquire tal representação através da observação ordinária guiada pelo pensamento, prepara-se para a observação supersensível. Ele desenvolve, de certa forma, algo que deve ser possuído antes da observação supersensível, assim como o olho deve ser possuído antes da observação sensata. Aquele que se opõe a que, ao formar tal representação, o homem possa criar para si mesmo, por auto-sugestão, a representação supersensível, só mostra que é incapaz de alcançar a verdade pelo pensamento livre, e que ele próprio, por auto-sugestão, cria suas objeções.

Assim, as experiências de alma adquirem duração não só dentro dos limites entre o nascimento e a morte, mas também para além da morte. Mas a alma não só imprime suas experiências sobre o espírito que brilha dentro dela; mas, como demonstramos, também as imprime sobre o mundo exterior através da ação. O que o homem realizou ontem, ele ainda realiza hoje como um efeito. Uma imagem da ligação entre causa e efeito no sentido que procuramos é-nos dada pela comparação entre o sono e a morte.

O sono tem sido muitas vezes chamado de "irmão mais novo da morte". Eu levanto-me de manhã. A continuidade da minha actividade tem sido interrompida pelo sono. Normalmente não é possível para mim retomar a minha actividade por capricho de manhã. Tenho que voltar ao que fiz ontem se quero que a ordem e a consistência reine na minha vida. As minhas acções de ontem são a preparação para o que tenho de fazer hoje. Com o que eu fiz ontem, preparei o meu destino para hoje. Eu me separei, por um tempo, da minha actividade, mas esta actividade é minha e me atrai de volta a si mesmo depois de ter, por um tempo, me separado dela. O meu passado permanece unido a mim, continua a viver no meu presente e seguir-me-á no meu futuro. Se os efeitos das minhas acções de ontem não fossem para ser o meu destino hoje, eu não teria acordado esta manhã, mas teria que ser criado de novo a partir do nada. Seria absurdo se, em condições normais, eu não quisesse ir morar em uma casa que eu mesmo tinha construído.

Assim como o homem não é criado bonito todas as manhãs, assim é o espírito humano quando ele começa a sua vida terrena. Vamos tentar esclarecer o que acontece quando se entra nesta vida. Um corpo físico aparece e recebe a sua figura pelas leis da hereditariedade. Este corpo torna-se o portador de um espírito que repete, sob uma nova forma, uma existência anterior. Entre o corpo e o espírito está a alma, que leva uma vida própria, reunida em si mesma. Seus gostos e desgostos, seus desejos e anseios servem a si mesmo; coloca o pensamento a seu próprio serviço. Como alma senciente, recebe as impressões do mundo exterior e as apresenta ao espírito, para que dele possa tirar frutos duradouros. A alma tem, por assim dizer, um papel mediador, e quando a tem cumprido, a sua tarefa está terminada. O corpo forma impressões para ele; transforma-as em sensações, armazena-as na memória como representações e

finalmente entrega-as ao espírito, para que este as leve consigo para a eternidade. A alma é precisamente aquele elemento pelo qual o homem pertence à sua vida terrena. Em virtude do seu corpo, ele pertence à espécie humana física, ele é um membro dela. Com o seu espírito, ele vive num mundo superior. A alma liga temporariamente os dois mundos.

Mas o mundo físico, no qual o espírito humano penetra, não é uma cena estranha para ele. Os sinais das suas acções estão impressos nela. Há nesta cena algo que lhe pertence. Este algo tem a marca do seu ser; está relacionado com ele. Assim como a alma transmitiu outrora ao Espírito as impressões do mundo exterior, para que durassem nele, assim também, como órgão do Espírito, traduziu as faculdades que dele recebeu em acções, igualmente duradouras em seus efeitos. Assim, a alma "realmente fluiu para essas acções". Nos efeitos de suas acções a alma do homem continua a viver uma segunda vida independente. Mas isto pode dar uma forma de ver a vida do ponto de vista dos factos do destino. Alguma coisa "acontece" a um homem. Ele provavelmente estará inclinado a considerar isso de antes como tendo acontecido por "acaso". Ele pode, no entanto, descobrir que ele próprio é o resultado de tal "acaso". Aquele que, em seus quarenta anos, observa a si mesmo e, em relação à sua própria alma, não quer parar em uma representação abstrata do "eu", poderá dizer: "Eu sou apenas aquilo em que me tornei em virtude do que até agora "me aconteceu" pelo destino. Eu não seria diferente se, por exemplo, quando eu tinha 20 anos de idade, eu tivesse passado por uma determinada série de eventos, diferente daquele que eu realmente passei? Quem refletir dessa maneira não mais buscará o seu "eu" nos impulsos evolutivos que brotam apenas da interioridade, mas também no que exerce uma acção formativa sobre a sua vida a partir do exterior. No que "lhe acontecer" ele reconhecerá o seu "eu". Se confiamos neste reconhecimento sem noções preconcebidas, basta dar mais um passo na observação verdadeiramente profunda da vida para discernir, no que nos flui de certas experiências de destino, algo que capta o "eu" de fora, tal como a memória age de dentro para despertar uma experiência passada. Assim podemos ver que, na experiência que nos chega do destino, uma acção passada da alma toma o caminho do Eu, assim como, na memória, uma experiência passada toma o caminho da representação quando a ocasião surge de fora. A representação, segundo a qual as consequências da acção podem voltar a afectar a alma humana, foi apresentada acima como "possível". Dentro dos limites de uma única vida terrena, porém, está excluído que as conseqüências de certas acções já possam se manifestar,

porque a disposição para realizar essa ação opera nela, e a experiência então consiste na realização da própria ação. Uma certa consequência da acção não pode, nesse caso, afectar a alma, tal como não é possível recordar um acontecimento que ainda se está a passar. A este respeito, só pode ser uma questão de experimentar as consequências de ações que já não encontram o "eu" com as disposições da vida terrena em que a própria ação foi realizada. O olhar só pode ser dirigido às consequências de acções realizadas em vidas terrestres anteriores. Assim, assim que se sente como a experiência do destino que aparentemente nos "acontece" está ligada ao "Eu" (da mesma forma que a que se forma a partir da sua "interioridade" está ligada a ele), não se pode deixar de ver nesta experiência de destino a consequência de acções de vidas terrenas anteriores. A admissão - paradoxal para a consciência comum - de que o destino de uma vida terrena está ligado a ações realizadas numa existência anterior, somos assim conduzidos por uma compreensão íntima guiada pelo pensamento. Mesmo esta representação, porém, só recebe todo o seu conteúdo de um conhecimento supersensível; sem ela, ela mal é esboçada.

Mas mesmo aqui, tendo sido conquistada pela consciência comum, essa representação prepara a alma para poder contemplá-la não mais como mera representação, mas na sua verdade, através da observação supersensível.

Apenas parte da minha acção está no mundo exterior; a outra parte está em mim. Uma simples comparação, tirada das ciências naturais, esclarecerá a relação entre o "eu" e a ação realizada. Os animais imigrantes que antes viviam nas cavernas do Kentucky eram dotados com a faculdade de visão, mas perderam essa faculdade ao permanecerem nessas cavernas. A permanência na escuridão atrofiou-lhes os olhos. A atividade física e química que ocorre no uso da visão já não se realiza mais naqueles olhos. A corrente de nutrição, que antes era utilizada para esta actividade, flui para outros órgãos. Agora estes animais só podem viver nestas cavernas. Pelo seu acto de imigração para as grutas, eles criaram para si próprios as condições da sua existência futura. Que a imigração se tornou parte do seu destino. Um ser, que uma vez agiu, juntou-se aos resultados das suas acções. Assim é com o espírito humano. A alma tem sido capaz de transmitir-lhe certas faculdades apenas na medida em que tem estado ativa. E estas faculdades correspondem às acções que realizou. Como resultado

de uma ação, vive na alma a aptidão cheia de poder para realizar outra, que é uma conseqüência da primeira. A alma contém em si mesma essa necessidade até que a nova ação seja realizada. Também se pode dizer que uma ação impressiona a alma com a necessidade de realizar a conseqüência dessa ação.

Pelas suas acções, o espírito humano preparou verdadeiramente o seu destino. Em uma nova vida, ele se vê preso pelo que realizou na anterior.

Alguns podem perguntar: "Mas como isso pode ser, já que, ao reencarnar, o espírito humano se encontra em um mundo totalmente diferente daquele que deixou para trás"? Mas tal questão assenta numa representação muito externa das concatenações do destino. Mesmo se eu me mudar da Europa para a América, eu me encontro em um ambiente completamente novo. No entanto, a minha vida na América ainda vai depender da minha vida anterior na Europa. Se eu fosse mecânico na Europa, a minha vida na América teria um rumo diferente do que se eu fosse funcionário de um banco. No primeiro caso, provavelmente vou me encontrar na América rodeado de carros e, no outro, por coisas bancárias. Em qualquer caso, minha vida anterior determinará meu ambiente; atrairá, por assim dizer, de todo o mundo ao redor as coisas que lhe são parecidas. Assim é com o Eu espiritual. Numa nova existência rodeia-se necessariamente daquilo que, de vidas anteriores, lhe é semelhante.

Dormir oferece uma boa imagem da morte precisamente porque, durante o sono, o homem é retirado de cena onde o seu destino o espera. Enquanto se dorme, os acontecimentos continuam a desenrolar-se nessa cena. Durante algum tempo, não temos influência no seu curso. Mas a nossa vida hoje depende dos efeitos das acções de ontem. A nossa personalidade é realmente reencarnada todas as manhãs no mundo das nossas acções. O que foi separado de nós durante a noite nos envolve, por assim dizer, novamente durante o dia.

O mesmo é válido para as ações de encarnações anteriores. Eles permanecem ligados, como um destino, ao homem, assim como o fato de viverem em

cavernas escuras permanece ligado àqueles animais que, por terem migrado para lá, perderam sua faculdade de visão. Assim como esses animais agora só podem viver no ambiente para o qual eles mesmos se moveram, também o espírito humano só pode viver no ambiente que criou para si mesmo por suas ações. O curso directo dos acontecimentos significa que de manhã me encontro na situação que tinha preparado no dia anterior. O parentesco entre o meu espírito reencarnado e as coisas do ambiente externo torna possível para mim, ao reencarnar, encontrar ao meu redor um mundo de acordo com as conseqüências das ações que realizei na vida anterior. A partir disto podemos ver a posição da alma no ser humano como um todo. O corpo físico está sujeito às leis da hereditariedade. O espírito humano, por outro lado, deve sempre voltar a reencarnar; e sua lei é dar os frutos das vidas anteriores naquelas que se seguem. A alma vive no presente. Mas esta vida no presente não é independente das vidas anteriores. Para o espírito que encarna os ursos, desde as suas encarnações anteriores, o seu destino. E este destino determina a vida. As impressões que uma alma pode receber, os desejos que verá realizados, as alegrias e tristezas que nela surgirão, a persistência que encontrará, tudo depende das ações realizadas pelo espírito em encarnações anteriores. Em uma vida posterior, a alma terá de reencontrar as pessoas com as quais já esteve unida, pois as ações que se realizaram entre elas devem acarretar suas conseqüências. Como uma determinada alma, aqueles que se unem a ela também aspiram a reencarnar ao mesmo tempo. A vida da alma é, portanto, o resultado do destino que o espírito humano criou para si mesmo. O curso de uma vida humana entre o nascimento e a morte repousa sobre três elementos; e, através destes, o homem depende, de três maneiras, de fatores que estão além do nascimento e da morte. O corpo está sujeito à lei da hereditariedade; a alma está sujeita ao destino que criou para si mesma. Este destino é chamado, em uma expressão antiga, carma. E o espírito está sob a lei da reencarnação, da repetição de vidas terrenas.

A relação entre corpo, alma e espírito também se pode expressar assim: o espírito é imortal; o nascimento e a morte governam no mundo corpóreo, de acordo com as leis do mundo físico; a vida da alma, sujeita ao destino, une corpo e espírito durante o curso de uma vida terrena. Qualquer conhecimento adicional da natureza do homem pressupõe o conhecimento dos "três mundos" aos quais ele pertence. Trataremos disso no próximo capítulo.

Aquele que observa os fatos da existência humana e não tem medo de seguir até o fim os pensamentos que resultam da contemplação viva, pode, somente pela lógica, chegar à representação de vidas terrenas repetidas e à lei do destino. Assim como é verdade que o "olho espiritual" aberto do clã clarividente experimenta vidas passadas como em um livro aberto, também é verdade que a verdade do que consideramos pode brilhar no exame da razão.

OS TRÊS MUNDOS - I - O MUNDO DA ALMA

A observação do homem mostrou que ele pertence a três mundos. Do mundo da corporeidade física são retirados os materiais e as forças que constroem o seu corpo. Ele tem conhecimento desse mundo através das percepções dos sentidos físicos exteriores. Aquele que depende apenas desses sentidos e não desenvolve nada além de suas próprias faculdades de percepção, não pode adquirir nenhum conhecimento dos outros dois mundos, o animico e o espiritual.

A possibilidade de estar convencido da realidade de um objeto ou ser depende para o homem de ter um órgão de percepção adequado. Chamar, como fazemos aqui, os órgãos de percepção superior pelo nome de sentidos espirituais pode facilmente dar origem a mal-entendidos. A palavra "sentidos" está, de facto, ligada involuntariamente ao conceito de "sentidos físicos". Na verdade, o mundo físico também é chamado de "mundo sensível", em oposição ao "mundo espiritual". A fim de evitar qualquer mal-entendido, é preciso ter em mente que estamos aqui falando de "sentidos superiores" apenas por analogia, em sentido translacional. Assim como os sentidos físicos percebem o físico, também os sentidos animicos e espirituais percebem o pânico e o espiritual. A expressão 'sentido' é, portanto, usada apenas no sentido de 'órgão de percepção'. O homem não conheceria nem a luz nem o espiritual.

cor, se não tivesse um olho sensível à luz; ignoraria os sons, se não tivesse um ouvido sensível ao som. Sobre este assunto, o filósofo alemão Lotze diz com razão: "Sem o olho sensível à luz e o ouvido sensível ao som, o mundo inteiro seria escuro e mudo". Não haveria luz nem som nele, assim como não poderia haver dor de dentes se não houvesse um nervo sensível à dor no dente".

Para ver o que queremos dizer aqui à luz certa, basta considerar como o mundo deve parecer diferente para aqueles seres inferiores que só são dotados de uma

espécie de sentido táctil espalhado por toda a superfície do corpo. Para eles, porém, luz, cor e som não podem existir no sentido em que existem para os seres dotados de olhos e ouvidos. Pode ser que as vibrações causadas por um tiro de espingarda, se as alcançarem, exerçam também um efeito sobre elas. Mas para que estas vibrações se manifestem para a alma como uma detonação, é necessário um ouvido. E para que certos processos, que ocorrem dentro da matéria sutil chamada éter, sejam manifestados como luz e cor, é necessário um olho.

O homem só sabe algo sobre um ser ou objeto se receber uma impressão dele através de um de seus órgãos. Esta relação do homem com o mundo da realidade encontra uma excelente expressão no seguinte julgamento de Goethe: "Em essência, nós tentamos em vão expressar a essência de uma coisa. Vemos efeitos, e um histórico completo destes efeitos deve abraçar adequadamente a essência da coisa. Em vão nos esforçamos para descrever o caráter de um homem; em vez disso, vamos montar suas ações, e logo aparecerá uma imagem de seu caráter. As cores são ações de luz, ações e sofrimentos.... As cores e a luz estão de facto na relação mais próxima umas com as outras, mas devemos representá-las para nós próprios como pertencentes ao todo da natureza, porque o todo da natureza deseja manifestar-se através delas especialmente para o sentido visual. Da mesma forma, a natureza manifesta-se a outros sentidos.... Assim se reduz a falar a outros sentidos, a sentidos conhecidos, incompreendidos e desconhecidos; assim fala para si mesmo e para nós através de mil manifestações. Para o homem atento, nunca está morto, nem é mudo. Seria errado interpretar estas palavras de Goethe como negando o conhecimento da natureza das coisas. Goethe não significa que só percebemos os efeitos das coisas e que a sua essência está escondida atrás delas. Pelo contrário, ele quer dizer que essa "essência oculta" não deve ser de forma alguma falada. A essência não está por detrás da manifestação, mas sim revela-se nela. Esta essência é, no entanto, muitas vezes tão rica que para outros sentidos também se pode revelar sob outras formas. O que é revelado pertence à coisa; mas, por causa da limitação dos nossos sentidos, não o dá inteiro. Este ponto de vista de Goethe é absolutamente também o da ciência espiritual.

Assim como no corpo o olho e o ouvido se desenvolvem como órgãos de

percepção, como sentidos abertos aos processos corporais, assim também o homem pode desenvolver órgãos de percepção animados e espirituais que lhe abrirão os mundos animados e espirituais. Para aqueles que não possuem esses sentidos superiores, esses mundos permanecerão "escuros e mudos", assim como o mundo corpóreo é "escuro e mudo" para aqueles sem visão e sem audição. Mas a relação do homem com os sentidos superiores é bem diferente da sua relação com os sentidos corporais. O perfeito desenvolvimento dos sentidos corporais é, em regra, proporcionado pela Mãe Natureza; eles são formados sem a ajuda do homem. Mas ele próprio deve trabalhar no desenvolvimento dos seus sentidos superiores. Se ele quer perceber o mundo anímico e espiritual, deve desenvolver sua alma e espírito, assim como a natureza desenvolveu seu corpo, para que possa perceber o mundo físico ao seu redor e orientar-se nele. Tal desenvolvimento de órgãos superiores, ainda não formados pela natureza, não é, porém, antinatural; pois, num sentido mais elevado, tudo o que o homem faz é parte da natureza. Somente aquele que argumentaria que o homem deve parar no passo em que ele é deixado pelas mãos da natureza, poderia chamar de antinatural o desenvolvimento desses sentidos superiores. Ele os "reconheceria" mal, no sentido do citado julgamento de Goethe. Ele deveria, no entanto, opor-se também a toda a educação do homem, porque também ela continua o trabalho da natureza. E, em particular, ele deveria se opor "à operação dos cegos nascidos". Pois aquele que desperta em si os sentidos superiores da maneira descrita no final deste livro pode, em poucos momentos, ser comparado a um cego nato que se operou a si mesmo. O mundo lhe parece dotado de novas propriedades, processos e fatos dos quais os sentidos físicos nada revelam. Aquele que possui esses órgãos superiores sabe que eles não acrescentam arbitrariamente nada à realidade, mas também sabe que, sem eles, a parte essencial da realidade permaneceria escondida dele. Os mundos animados e espirituais não existem ao lado ou fora do mundo físico; eles não estão separados espacialmente dele. Assim como, para o cego que se submeteu à operação, o mundo, que antes parecia escuro, aparece radiante de luz e cor, assim, para o homem animado e espiritualmente desperto, coisas que antes só tinham aparecido como corpóreas revelam suas qualidades animadas e espirituais. Para ele o mundo também está cheio de processos e entidades que são inteiramente desconhecidos para os animada e espiritualmente despertados.

Mais tarde, neste mesmo livro, trataremos mais particularmente do desenvolvimento dos sentidos anímicos e espirituais. Aqui daremos uma

descrição dos próprios mundos superiores. Aquele que nega estes mundos simplesmente mostra que ainda não desenvolveu os seus órgãos superiores. A evolução humana não termina em nenhum passo; deve sempre continuar).

Muitas vezes os órgãos superiores são representados involuntariamente como demasiado parecidos com os físicos. Deve-se perceber que estas são configurações animadas ou espirituais. Portanto, não se deve esperar que o que é percebido nos mundos espirituais seja apenas matéria nebulosa e rarefeita. Enquanto se espera isso, não se pode chegar a uma representação clara do que queremos dizer aqui pelos mundos superiores. Para muitas pessoas não seria tão difícil, como realmente é, saber algo sobre esses "mundos superiores" - de antes, é claro, apenas algo elementar, se elas não imaginassem que o que elas têm que perceber é uma espécie de substância física rarefeita. Dada esta premissa, eles normalmente não querem reconhecer o que realmente é. Parece-lhes irreal, eles não o consideram de modo a satisfazê-los, etc. É verdade que os passos superiores da evolução espiritual são difíceis de alcançar; mas esse passo, que seria suficiente para conferir um certo conhecimento da natureza do mundo espiritual, e que já é muito, não seria tão difícil de alcançar, se nos livrássemos do preconceito que consiste em representar o que é animado e espiritual apenas como um elemento físico rarefeito.

Assim como não conhecemos um homem inteiramente se temos apenas uma representação da sua aparência física, também não conhecemos o mundo à nossa volta se sabemos apenas o que os sentidos físicos revelam sobre ele. E assim como uma fotografia se torna inteligível e adquire vida se primeiro nos aproximamos tanto da pessoa fotografada que conhecemos a sua alma, assim o mundo corpóreo só pode ser verdadeiramente compreendido por nós se aprendermos a conhecer a sua base animada e espiritual. É, portanto, apropriado tratar aqui primeiro dos mundos superiores do animismo e do espírito - e depois considerar o mundo físico do ponto de vista científico-espiritual.

Na idade atual do cultivo é difícil falar dos mundos superiores; pois esta idade de cultivo "é, acima de tudo, grande no conhecimento e domínio do mundo

corpóreo". As nossas palavras foram cunhadas principalmente para este mundo corpóreo e receberam o seu significado em relação a ele. É necessário, no entanto, usar estas palavras de uso comum, para nos chamar de volta às coisas conhecidas. Para aqueles que desejam confiar apenas nos sentidos externos, a porta está assim aberta a mal-entendidos.

Certas coisas, a princípio, só podem ser expressas por símios e mal se pode dar a entender. Mas deve ser assim, pois essas similitudes são um meio pelo qual o homem começa a ser dirigido para os mundos superiores e pelo qual a sua ascensão para eles é promovida. (Desta ascensão falaremos em outro capítulo, no qual daremos indicações sobre o desenvolvimento dos órgãos de percepção animica e espiritual. No início, o homem deve conhecer os mundos superiores através de símios. Mais tarde ele poderá pensar em obter a possibilidade de visão direta).

Assim como as substâncias e forças que constituem e governam nossos estômagos, corações, pulmões, cérebros, etc., vêm do mundo corpóreo, assim também as nossas propriedades anímicas, desejos, impulsos, sentimentos, paixões, desejos, sensações, etc., vêm do mundo animado. A alma humana é tão parte do mundo animado quanto o corpo humano é do mundo físico corpóreo. Para indicar uma primeira diferença entre o mundo corpóreo e o mundo animal, podemos dizer que este último, em todas as suas coisas e seres, é muito mais fino, mais móvel e mais plástico que o primeiro. Deve-se ter sempre em mente, no entanto, que se entra num mundo inteiramente novo para o físico. Se, portanto, se fala de "mais grosseiro" e "mais fino", não se deve esquecer que, ao dizer isto, se está a insinuar por semelhança em condições que, na realidade, são radicalmente diferentes. Assim é com tudo o que se diz do mundo animado em palavras emprestadas do mundo da corporeidade física. Levando isso em conta, pode-se dizer que as figuras e os seres do mundo animal consistem em matéria animal e são governados por forças animadas da mesma forma que os do mundo físico consistem em matéria física e são governados por forças físicas.

Assim como a dimensão espacial e o movimento espacial são inerentes às

formas corpóreas, também a sensibilidade, o anseio impulsivo, são inerentes às coisas e aos seres animados. O mundo animal, portanto, também é chamado de mundo da luxúria ou do desejo, ou mundo da ganância. Estas expressões são derivadas do mundo animado humano. Deve-se ter em mente, portanto, que, naquela parte do mundo animal que se encontra fora da alma humana, as coisas são tão diferentes das forças ani-micas encontradas na alma quanto as forças materiais e físicas do mundo corpóreo exterior são daquelas que constituem o corpo humano físico. (Impulso, desejo, cobiça são designações para a substância do mundo animado. Esta substância pode ser chamada de "astral". Olhando mais para as forças do mundo animico, pode-se falar de "entidades" de desejo. Não se deve esquecer, porém, que aqui a distinção entre "matéria" e "força" não pode ser tão rígida como no mundo físico. Um impulso pode tão bem ser chamado de "força" quanto de "matéria").

Para aqueles que primeiro lançaram seus olhos no mundo animado, a diferença entre ele e o mundo físico é uma fonte de confusão. Mas isto também ocorre com a abertura de um sentido físico anteriormente inativo. 1] O homem cego de nascença que se submeteu à operação também deve aprender a orientar-se no mundo que ele conhecia anteriormente através do toque. Ele vê os objetos inicialmente dentro de seu próprio olho; depois começa a distingui-los fora, mas eles lhe aparecem como se fossem pintados em uma superfície. É apenas gradualmente que ele agarra os fundos, distâncias, etc., dos objectos.

No mundo animico existem leis bem diferentes das do mundo físico. Muitas formas ani-tic estão, no entanto, relacionadas com as dos outros mundos. A alma humana, por exemplo, está ligada tanto ao corpo físico como ao espírito humano. Os processos que podem ser observados na alma são, portanto, também influenciados pelo mundo corpóreo e espiritual. Isto deve ser levado em conta na observação do mundo da alma, e aquelas leis que vêm da ação de outro mundo não devem ser consideradas como leis da alma.

Quando, por exemplo, um homem expressa um desejo, ele é apoiado por um pensamento, por uma representação do espírito, e segue as leis do espírito. Mas,

da mesma forma como é possível conhecer as leis do mundo de matéria grosseira, abstraindo-se das influências que o homem exerce sobre seus processos, também é possível conhecer as leis do mundo animal.

Uma diferença importante entre processos animicos e físicos pode ser expressa dizendo que a acção recíproca dos processos animicos é muito mais interna do que a dos processos físicos. No espaço físico, por exemplo, reina a lei da "propulsão". Se uma bola de marfim em movimento atinge uma em repouso, a última começa a mover-se numa direcção que pode ser calculada a partir do movimento e da elasticidade da primeira. No espaço animico, a acção recíproca de duas formas que se encontram depende das suas qualidades interiores. Eles interpenetram, fundem-se, por assim dizer, se forem parecidos. Eles repelem-se se as suas essências forem opostas.

No espaço corpóreo, por exemplo, certas leis dominam em relação à visão. Objetos distantes aparecem em perspectiva menor. Se olharmos para uma avenida, as árvores mais distantes, de acordo com as leis da perspectiva, aparecerão mais próximas umas das outras do que as suas vizinhas. Este facto é, naturalmente, a fonte dos mais variados erros para aqueles que entram no espaço animado e desejam beneficiar das normas trazidas pelo mundo físico.

Para se orientar no mundo animal, é preciso saber distinguir as várias espécies em que se dividem as formas que dele fazem parte, assim como no mundo físico distinguimos corpos em sólidos, líquidos, aeriformes e gases. Para poder fazer esta distinção, é necessário conhecer as duas forças fundamentais que têm aqui a maior importância. Eles podem ser chamados de simpatia e antipatia. Pela forma como agem sobre uma forma animada, a sua espécie é determinada. Pelo nome de simpatia está significada a força pela qual uma forma animada atrai outros, procura fundir-se com eles, afirma a sua afinidade com eles. A antipatia, por outro lado, é a força pela qual as formas animadas se repelem, se excluem mutuamente, afirmam a sua própria particularidade. A medida em que estas duas forças fundamentais existem de forma animada depende do papel que desempenham no mundo animado. De acordo com a acção que a simpatia ou

antipatia exerce sobre eles, podemos começar por distinguir três espécies de formas animadas. E estas espécies diferem umas das outras pelo facto de a simpatia e a antipatia terem relações recíprocas muito definidas. Em cada uma destas três espécies de formas animadas, existem ambas forças fundamentais. Consideremos, desde já, uma forma da primeira espécie. Atrai outros em virtude da simpatia que opera dentro dela. Mas, além da simpatia, também há nela antipatia, pela qual repele outras coisas no seu ambiente. Vista de fora, tal forma parece ser dotada apenas de antipatia. Mas isto não é assim. Há nela simpatia e antipatia, mas a última prevalece. Tem a vantagem sobre a primeira. Tais formas representam uma parte egoísta no espaço da alma. Eles rejeitam muito do que os rodeia e atraem apenas um pouco com amor. Portanto, eles se movem através do espaço espiritual como formas imutáveis. Por causa da força da simpatia dentro deles, eles parecem gananciosos. Esta ganância é ao mesmo tempo insaciável, porque a antipatia prevalecente repele tanto o que vem no seu caminho que nenhuma satisfação é possível. Se quisermos comparar as formas animadas desta espécie com algo no mundo físico, pode-se dizer que elas correspondem a corpos físicos sólidos. Esta região da substância animada pode ser chamada de região da luxúria ardente.

Quanto dela está contida nas almas dos animais e dos homens determina os chamados "impulsos sensuais" inferiores, seus instintos egoístas predominantes.

A segunda espécie de formas animadas é aquela em que as duas forças fundamentais estão em equilíbrio, na qual, portanto, a simpatia e a antipatia agem com a mesma força. Eles se movem para outras formas com uma certa neutralidade; agem sobre eles como seus parentes, sem atraí-los ou repeli-los particularmente. Eles não marcam, por assim dizer, nenhuma fronteira clara entre eles e seu ambiente. Elas permitem continuamente que outras formas atuem sobre elas; pode-se, portanto, compará-las com as substâncias fluidas do mundo físico. E na forma como estas formas atraem outras, não há ganância. A ação aqui compreendida ocorre, por exemplo, quando a alma humana tem a sensação de uma cor. Quando tenho a sensação da cor vermelha, o ambiente exerce sobre mim, a princípio, uma acção neutra. É apenas quando o prazer despertado pela cor vermelha é acrescentado a esta impressão inicial que outra acção ani-mic entra em jogo. Essa ação neutra é determinada pelas formas

animadas em cuja relação recíproca simpatia e antipatia são equilibradas. A substância animada aqui examinada deve ser indicada como perfeitamente plástica, fluida. Não se move pelo espaço animado egoisticamente como o primeiro, mas recebe impressões de todos os lados, e mostra afinidade com muitas das coisas que encontra. A expressão sensibilidade ao fluido poderia ser usada para isso.

O terceiro passo, na ordem das formas animadas, é aquele em que a simpatia prevalece sobre a antipatia. A antipatia determina a "auto-afirmação" egoísta; esta, porém, é retraída pela inclinação para as coisas do ambiente. Imagine uma tal forma no espaço da alma. Aparece como o ponto central de uma esfera de atração que se estende até os objetos do mundo ao redor. Tais formas devem ser referidas com mais precisão como a substância do desejo. Esta designação parece apropriada porque, devido à antipatia que, embora mais fraca que a simpatia, existe neles, a atração age de tal forma que os objetos atraídos são trazidos para a esfera da própria forma animada. Esta "substância do desejo" pode ser comparada aos corpos gasosos ou aeriformes do mundo físico. Assim como um gás tende a se espalhar em todas as direções, também esta "substância do desejo" se expande de todos os lados.

Os graus mais elevados da substância animada são caracterizados pelo facto de uma das forças fundamentais, a antipatia, ser completamente retirada e apenas a simpatia permanece devidamente activa. Isto pode a princípio afirmar-se entre as partes da própria forma animada. Estas partes então atraem-se umas às outras. A força da simpatia no interior de uma forma animada é expressa no que se chama prazer. E qualquer diminuição desta simpatia é um desagrado. A dor é apenas um prazer diminuído, assim como o frio é apenas "calor diminuído". Prazer e desagrado é o que vive no homem como o mundo dos sentimentos, no sentido mais restrito. O sentimento é a atividade da alma em si. Do entrelaçamento na alma dos sentimentos de prazer e desagrado depende o que se chama o seu bem-estar.

Num passo ainda mais alto estão aquelas formas de alma em que a simpatia não

permanece fechada dentro dos limites da sua própria vida. Estes distinguem-se dos três passos inferiores (como é o caso do quarto passo) pelo facto de a força da simpatia já não ter de triunfar sobre qualquer antipatia oposta. Só através destas espécies superiores de substância animica é que a multiplicidade das formas animicas está unida num mundo animico global. Enquanto a antipatia agir de uma forma animada, ela tende para algo mais em prol da sua própria vida, para se fortalecer e enriquecer. Onde a antipatia é silenciosa, esta "outra coisa" é recebida como uma revelação, como uma manifestação. Esta forma superior de substância animada desempenha um papel no espaço animado semelhante ao da luz no espaço físico. Faz com que uma forma animada absorva a vida e a essência das outras por amor a elas, ou pode-se até dizer que ela se deixa irradiar por elas. É apenas porque eles se aproximam dessas regiões mais elevadas que os seres animados são despertados para uma verdadeira vida animada. Sua vida monótona no escuro se abre para o mundo exterior, brilha e se irradia para o espaço da alma; a lavagem interna lenta e monótona que quer se isolar através da antipatia onde só existem as substâncias das regiões inferiores, se transforma em força e atividade que se eleva de dentro e se derrama. A sensibilidade ao fluido da segunda região actua apenas quando as formas se encontram. Então, de facto, eles derramam-se um no outro. Mas é necessário haver contacto. Nas regiões mais altas, por outro lado, há uma irradiação livre, que se derrama. (A natureza desta região é justamente descrita como "radiante", porque a simpatia que se desenvolve age de uma forma que pode ser comparada à actividade da luz). Assim como uma planta, quando colocada numa adega, perece, assim perecem as forças animicas se forem privadas da substância animica das regiões superiores que as anima. A luz animal, a força animica ativa e a própria vida animica pertencem a estas regiões e são transmitidas de lá para os seres animicos.

No mundo animic há, portanto, que distinguir três regiões inferiores e três regiões superiores', unidas por uma quarta; daí a seguinte divisão do mundo animic:

- 1. região da luxúria ardente

- 2. Sensibilidade aos fluidos

- 3. desejos

- 4. de prazer e desgosto

- 5. Animais leves

- 6. A força activa da alma

- 7. A vida da alma.

Nas três primeiras regiões, as formas animadas recebem suas propriedades da relação de simpatia e antipatia; na quarta, a simpatia age dentro das próprias formas animadas; nas três regiões superiores, o poder da simpatia é cada vez mais liberado; aqui, as substâncias animadas atravessam o espaço animado, iluminando e animando, e despertando aquilo que, por si só, deveria ser perdido em seu próprio isolamento.

Deve ser supérfluo, mas por uma questão de clareza, notamos que estas sete regiões do mundo animado não estão separadas umas das outras. Assim como o ar, o fogo, o líquido e o gasoso interpenetram no mundo físico, assim também o desejo ardente, a sensibilidade fluida e as forças do desejo interpenetram no mundo animado. E assim como no mundo físico o calor passa através dos corpos e a luz irradia deles, assim também no mundo animado operam o prazer e a tristeza e a luz animada. O mesmo se aplica à força animada activa e à vida

animica propriamente dita.

- II - A ALMA NO MUNDO ANIMADO APÓS A MORTE

A alma é a ligação entre o espírito do homem e o seu corpo. As suas forças de simpatia e antipatia, que, através da sua relação recíproca, produzem desejo, sensibilidade, desejo, prazer e desagrado, etc., não só actuam entre uma forma de alma e outra, como também se manifestam em relação às entidades dos outros mundos, dos mundos físicos e espirituais. Enquanto a alma habita no corpo, ela é, em certo sentido, um participante em tudo o que nele se passa. Quando as funções físicas do corpo são realizadas regularmente, o prazer e o bem-estar surgem na alma; quando elas são perturbadas, ocorre mal-estar e dor.

A alma também participa das atividades do espírito; um pensamento a enche de alegria, outro de tristeza; um julgamento justo tem o seu louvor, um falso a sua culpa.

Pode-se dizer, de fato, que o grau de evolução de um homem depende se as inclinações da sua alma tendem numa direção ou noutra. Um homem é tanto mais perfeito quanto mais sua alma simpatiza com as manifestações do espírito; é tanto mais imperfeito quanto mais suas inclinações se satisfazem com as funções corporais.

O Espírito é o centro do homem; o corpo é o médium através do qual o Espírito observa e conhece o mundo físico e opera nele. A alma então faz a mediação entre o corpo e o espírito. Ele tira da impressão física de que as vibrações do ar produzem no ouvido a sensação de som e desfruta desse som. Tudo isso se comunica ao espírito que, desta forma, chega a uma compreensão do mundo físico. Um pensamento que surge no espírito é transformado pela alma em desejo de realização e só assim, com a ajuda do instrumento físico, pode tornar-se ação.

Agora, o homem só pode cumprir seu propósito se permitir que a direção de toda a sua atividade seja marcada para ele pelo espírito. A própria alma pode voltar as suas inclinações tanto para o mundo físico como para o espiritual. Ele se estende, por assim dizer, seus tentáculos tanto para baixo, para o mundo físico, como para cima, para o mundo do espírito. Ao mergulhá-los no mundo físico, a sua própria essência é penetrada e colorida pela natureza do mundo físico. Mas, como o espírito só pode agir no mundo físico através da alma, ele próprio recebe uma tendência para o mundo físico. Pelas forças da alma, ele é atraído para o mundo físico. Considera o homem subdesenvolvido. As inclinações da sua alma dependem das suas funções corporais. Ele só tem prazer com as impressões que o mundo físico produz nos seus sentidos. E até mesmo a sua vida espiritual é, portanto, arrastada inteiramente para esta esfera. Os seus pensamentos servem apenas para satisfazer as necessidades da sua vida física.

De encarnação em encarnação, o Eu espiritual deve receber cada vez mais a sua direção do espírito. O seu conhecimento deve ser determinado pelo espírito da verdade eterna, as suas acções pelo bem eterno.

A morte, considerada como um facto do mundo físico, representa uma mudança nas actividades corporais. Com a morte, o corpo deixa de agir com sua estrutura como intermediário entre alma e espírito. Ela agora se revela inteiramente sujeita ao mundo físico e às suas leis; ela se abandona a esse mundo e se dissolve nele. Somente os processos físicos do corpo podem, após a morte, ser contemplados com os sentidos físicos. O que acontece com a alma e o espírito, porém, está fora do alcance desses sentidos. Pois, mesmo durante a vida, a alma e o espírito só podem ser contemplados através dos sentidos, na medida em que se manifestam externamente em processos físicos. Após a morte, tal manifestação não pode mais ocorrer. Portanto, a observação dos sentidos físicos e a ciência baseada nesses sentidos não se aplica ao destino da alma e do espírito após a morte. Aqui entra em jogo um conhecimento superior baseado na observação dos processos da alma e do mundo espiritual.

Quando o espírito se dissolveu do corpo, ele ainda permanece unido à alma. E

assim como, durante sua vida física, o corpo o encadeou ao mundo físico, agora a alma o encadeia ao mundo animado.

Mas neste mundo animado não existe um verdadeiro ser original do espírito. O mundo espiritual só tem que uni-lo com o campo de sua atividade, com o mundo físico. Para aparecer em uma figura mais perfeita em uma nova encarnação, o espírito deve tirar vigor e força do mundo espiritual. Mas a alma enredou-a no mundo físico. Ela está ligada a uma alma impregnada e tingida com a natureza do mundo físico e, portanto, também recebeu essa direção. Após a morte, a alma não está mais ligada ao corpo, mas apenas ao espírito. Agora vive em um ambiente animado. As forças daquele mundo ainda podem, portanto, agir sobre ele. E a esta vida da alma no mundo animado, o espírito também está, a princípio, vinculado. Está ligado a ele como, durante a encarnação física, está ligado ao corpo. A morte do corpo é determinada pelas leis do corpo. Em geral, pode-se dizer: não a alma e o espírito abandonam o corpo, mas o próprio corpo os deixa ir quando suas forças já não podem operar no sentido da organização humana. Tal é também a relação entre alma e espírito. A alma deixará o espírito ir para o mundo espiritual mais elevado, quando as suas próprias forças já não puderem agir no sentido da organização anímica humana. O espírito será libertado no momento em que a alma tiver abandonado para dissolver aquilo que só pode experimentar dentro do corpo e preservou apenas aquilo que pode continuar a viver com o espírito. Essa parte preservada, que foi experimentada no corpo, mas que pode ser impressa como fruto no elemento espiritual, une a alma com o espírito no mundo puramente espiritual.

Para conhecer o destino da alma após a morte, deve-se observar, portanto, o processo de sua dissolução. Era tarefa da alma dar a direção espiritual para o mundo físico. Desde o momento em que cumpriu este ofício, toma a direção para o mundo espiritual. Dada esta natureza da sua tarefa, a alma só deve, de fato, estar ativa espiritualmente, tão logo o corpo se separe dele, tão logo não possa mais servir como médium. Pois este seria o caso se, durante a sua vida no corpo, não tivesse sido influenciado por ele e, nas suas inclinações, atraído para o corpo. Sem essa coloração que recebeu da união com a corporeidade, a alma, imediatamente após seu desapego do corpo, seguiria apenas as leis do mundo animico-espiritual, e não desenvolveria mais nenhuma tendência para o mundo

sensato. Isto é o que aconteceria se, ao morrer, o homem tivesse perdido todos os interesses terrenos, se todos os seus anseios, todos os desejos relacionados com a existência que abandonou, fossem satisfeitos. Mas o que destes desejos ainda sobrevive, permanece ligado à alma.

Para evitar confusão, é necessário aqui distinguir cuidadosamente entre as coisas que encadeam o homem ao mundo, para que possam ser compensadas numa encarnação posterior, e as coisas que o encadeam a uma vida particular, e precisamente até o último. Os primeiros são equilibrados pela lei do destino, pelo carma; os segundos só podem ser removidos da alma após a morte.

Depois da morte segue-se, para o espírito humano, um período em que a alma se liberta das suas inclinações para a existência física e retorna para seguir apenas as leis do mundo animico-espiritual e assim libertar o espírito. É natural que este período seja tanto mais longo quanto mais tempo a alma tenha estado ligada ao mundo físico. Será curto para o homem que foi pouco ligado à vida física; longo, por outro lado, para o homem que uniu todos os seus interesses com ela, de modo que, no momento da morte, muitos anseios e desejos ainda vivem em sua alma.

A reflexão seguinte ajudará a ter uma idéia das condições em que a alma se encontra no primeiro período após a morte. Tomemos para este fim um exemplo bastante rude, o dos prazeres de um gourmet. Ele gosta das cócegas que a comida produz no seu paladar. O prazer não é, claro, algo corpóreo, mas animado. O prazer e a ânsia por ele vivem na alma. Mas os órgãos corporais correspondentes, isto é, o palato, etc., são necessários para a satisfação do anseio. Após a morte, a alma não se liberta imediatamente do desejo, mas já não possui o órgão corporal que é o meio de satisfazê-la. Por razões diferentes, mas com efeitos semelhantes, embora muito mais fortes, o homem é como aquele que sofre uma sede ardente num deserto sem água. A alma sofre ardentemente com a falta de prazer, por ter desperdiçado o órgão corporal que lhe permitiu desfrutá-lo. Assim é com relação a tudo aquilo a que a alma aspira e que só pode ser satisfeito pelos órgãos do corpo. Esta condição de privação ardente dura até que

a alma tenha aprendido a parar de ansiar por qualquer coisa que só pode ser satisfeita pelo corpo. E o tempo que se passa nesta condição pode ser chamado de "região dos anseios", embora não seja, claro, uma "região".

Quando a alma, após a morte, entra no mundo animado, está sujeita às suas leis. Estas leis agem sobre ela, e de sua ação depende a maneira pela qual sua tendência para o mundo físico será apagada. A ação terá de ser diferente de acordo com as espécies de substâncias e forças animadas em cujo domínio a alma se encontra agora. Cada uma das espécies realizará a sua acção purificadora. O processo que aqui ocorre consiste no triunfo gradual das forças de simpatia sobre tudo o que a alma abriga de antipatia, e na intensificação da simpatia ao mais alto grau. Pois a alma estará unida, pelo efeito do mais alto grau de simpatia, com a substância de todo o mundo animado restante, será derramada, por assim dizer, nele; o seu egoísmo estará totalmente esgotado. A alma deixa então de existir como uma entidade dirigida para uma existência fisicamente sensível; o espírito é libertado dela. A alma então se purifica através das regiões animadas descritas, até que na zona de perfeita simpatia se unifica com todo o mundo animado. Que, até este último momento da libertação da alma, o espírito está ligado a ela, é porque, através da vida, ela se tornou intimamente relacionada com ela. Este parentesco com a alma é muito maior do que com o corpo. Pois o espírito só indirectamente se une ao corpo através da alma, ao passo que ele se une directamente à alma. A alma é a sua própria vida. Por isso o espírito não está ligado ao corpo em decomposição, mas sim à alma, que se vai libertando gradualmente.

Devido a essa união direta com a alma, o espírito só pode se sentir livre da alma quando se fundiu com todo o mundo animado.

Como morada do homem imediatamente após a morte, o mundo animado pode ser chamado de "região dos desejos". Os vários sistemas religiosos que incorporaram a consciência destas condições em suas doutrinas designam esta "região de desejos" pelos nomes de "purgatório, fogo purificador", etc., como a "região de desejos".

A região mais baixa do mundo animado é a das "luxúrias ardentes". Ali, após a morte, todos os desejos egoístas grosseiros ligados à vida inferior do corpo são apagados da alma. De fato, através de tais anseios a alma pode experimentar a ação das forças desta região da alma. Os desejos insatisfeitos que restam da vida física proporcionam o ponto de aperto. A simpatia de tais almas tende apenas para aquilo que pode alimentar o seu próprio ser egoísta e é de longe compensada pela antipatia que é derramada sobre tudo o resto. Os anseios vão então para aqueles prazeres físicos que não podem ser satisfeitos no mundo animal. Devido a esta impossibilidade de satisfação, a ânsia é intensificada ao extremo. Ao mesmo tempo, devido a essa impossibilidade, ela também deve desaparecer gradualmente. Os desejos ardentes são gradualmente consumidos, e assim a alma aprende que na sua extinção está o único meio de prevenir a dor que resulta fatalmente deles. Durante a vida física, há sempre de novo a sua gratificação. Assim, a dor da luxúria ardente é coberta por uma espécie de ilusão. Após a morte, no fogo purificador, esta dor torna-se totalmente manifesta. A alma experimenta as privações correspondentes. É um estado de escuridão em que as almas se encontram. Em tal condição só caem, naturalmente, aqueles homens cujos apetites, durante a vida física, tenderam para as coisas mais grosseiras, solanas. As naturezas carregadas de poucos apetites passam por esta região sem se aperceberem, porque não têm afinidade com ela. Deve-se dizer que as almas estão sujeitas à ação da "região da luxúria ardente", quanto mais tempo estiveram relacionadas com ela através de sua vida física, tanto mais necessária é a correspondente purificação. Tal purificação não é simplesmente para ser chamada "dor" no sentido em que algo semelhante no mundo físico deveria ser chamado de dor. Pois, após a morte, o a, nima aspira à sua própria purificação, pois só isso pode apagar as imperfeições que existem na alma.

Um segundo tipo de processo no mundo animado é caracterizado pelo equilíbrio entre simpatia e antipatia. Na medida em que, após a morte, ela tem tal condição dentro de si, a alma humana é influenciada por um tempo por esses processos. O abandono das fúteis exteriores da vida, o deleite das impressões passageiras dos sentidos, determinam esta condição. Os homens vivem nela, porque as inclinações da alma acima mencionadas determinam-na. Eles se deixam influenciar por cada bagatela diária. Mas como a sua simpatia não é dirigida a nenhuma coisa em particular, estas influências desaparecem rapidamente. Tudo o

que não pertence a este reino insubstancial não é apreciado por tais pessoas. Se, após a morte, o ani, ma passa por este estado sem os objetos físicos-sensíveis necessários para satisfazê-lo, este estado deve eventualmente desvanecer-se. A privação que precede a extinção deste estado da alma é, naturalmente, dolorosa. Nesta "escola da dor" aprende-se a destruir a ilusão em que o homem foi envolvido durante a vida física.

Em terceiro lugar, há processos no mundo da alma em que a simpatia, a "natureza do desejo", predomina. Eles agem sobre as almas através de tudo o que retém uma atmosfera de desejo, mesmo depois da morte. Estes desejos também se extinguem gradualmente devido à impossibilidade de serem realizados.

A região do prazer e do desagrado, mencionada acima como a quarta, impõe provas particulares à alma. Enquanto viver no corpo, a alma participa de tudo o que lhe diz respeito. O jogo alternado do prazer e da tristeza está ligado ao corpo. O corpo faz com que a alma se sinta bem e mal. Durante a vida física, o homem sente o seu corpo como o seu "eu". O que é chamado de sentimento de si é baseado neste fato. E quanto mais os sentidos predominam num homem, mais o sentimento que ele tem de si mesmo assume este caráter.

Após a morte, o corpo, como objeto desse sentimento de si mesmo, desaparece. A alma, que fica com este sentimento, sente-se, portanto, vazia. A sensação de estar perdida assusta-o. Isto dura até que a alma tenha reconhecido que o verdadeiro homem não se encontra na corporeidade. As influências desta quarta região destroem então a ilusão do "eu" corpóreo. A alma aprende a deixar de sentir esta corporeidade como algo essencial. Cura e purifica a si mesmo do seu apego à corporeidade. Assim, ele superou tudo o que antes o encadeou ao mundo físico e pode empregar plenamente as forças externas de simpatia. Ela, por assim dizer, se libertou de si mesma e está pronta para se derramar, cheia de participação, em todo o mundo animado.

Não se deve ignorar que os suicídios passam pelas experiências destas regiões

com particular intensidade. Eles abandonam seu corpo físico de uma forma não natural, enquanto todos os sentimentos ligados a ele permanecem inalterados. Na morte natural, a decadência do corpo é acompanhada de uma extinção parcial dos sentimentos a ele ligados. Nos suicídios, o tormento causado pela sensação repentina de esvaziamento é agravado pelos anseios e desejos não atendidos pelos quais eles tiraram suas vidas.

O quinto passo do corpo animico é o da luz animica. Aqui a simpatia já é altamente afirmada. As almas têm afinidade com esta região segundo o fato de que, durante a vida física, não foram consumidas na satisfação de necessidades menores, mas experimentaram alegria, prazer no mundo ao seu redor. O entusiasmo pela natureza, na medida em que teve um carácter sensual, está aqui, por exemplo, sujeito a purificação. Contudo, tal entusiasmo pela natureza deve ser claramente distinguido do mais elevado "viver na natureza", que tem um carácter espiritual e procura o espírito que se revela nos objectos e processos naturais. Este último tipo de sentido da natureza pertence àquelas coisas que promovem o desenvolvimento do próprio espírito e estabelecem algo de duradouro nele. A partir deste sentido da natureza, porém, deve-se distinguir aquele gozo das coisas naturais que se baseia nos sentidos. Em relação a esta última, a alma precisa de purificação, como em relação a outras inclinações baseadas apenas na vida física. Muitos homens vêem uma espécie de ideal em instituições que servem a prosperidade material; por exemplo, em um sistema de educação que visa o bem-estar físico. Não se pode dizer deles que servem apenas os seus instintos egoístas. Sua alma, porém, é dirigida ao mundo sensível, e deve ser curada pela força da simpatia que domina na quinta região do mundo animado, onde faltam os correspondentes meios de satisfação externa. A alma aprende aqui gradualmente que esta simpatia deve tomar outros caminhos. E estes caminhos são encontrados na efusão da alma para o espaço cósmico através da simpatia com o ambiente animado.

Mesmo aquelas almas que, em troca das suas práticas religiosas, exigem um aumento da prosperidade material, são purificadas aqui, quer a sua aspiração seja para um paraíso terrestre ou para um paraíso celestial. Na região animada eles encontram este paraíso, mas apenas para compreender a sua vaidade. Todos estes são, claro, mas exemplos únicos das purificações que se realizam nesta quinta

região. Eles podem ser multiplicados.

Na sexta região, ou seja, na região da força anímica ativa, ocorre a purificação da parte da alma que tem sede de uma atividade não egoísta, mas que tem seus motivos na satisfação física produzida pela própria atividade. As naturezas que desenvolveram esse gosto pela ação aparecem de fora como idealistas, capazes de sacrifício. No sentido mais profundo, no entanto, eles visam a intensificação de um prazer físico. Muitas naturezas artísticas, e aqueles que se dedicam à actividade científica pelo prazer que dela derivam, pertencem a esta região. O que os liga ao mundo físico é a crença de que a arte e a ciência existem para o propósito de tal prazer.

A sétima região, a da vida animada propriamente dita, liberta o homem das últimas inclinações para o mundo físico-sensível. Cada uma das regiões precedentes absorve da alma os elementos que lhe são afins. O que ainda envolve o espírito é a opinião de que sua atividade deve ser totalmente dedicada ao mundo sensato. Há personalidades de alto gênio que, no entanto, refletem quase exclusivamente sobre os fatos do mundo físico. O seu ponto de vista pode ser chamado de materialista. Deve ser destruída, e está na sétima região. Aqui as almas vêem que na verdadeira realidade não há objectos para uma atitude materialista da alma. Como a neve ao sol, esta crença deles derrete-se. A alma está agora totalmente absorvida no mundo animado; o espírito está livre de toda contenção. Ele se eleva nas regiões onde vive apenas em seu próprio ambiente.

A alma cumpriu sua antiga tarefa terrena; e o que desta tarefa permaneceu como um vínculo para o espírito foi dissolvido após a morte. Ao superar os resíduos da vida terrena, a própria alma é restituída ao seu elemento.

Daí decorre que as experiências do mundo da alma e, com elas, as condições da vida da alma após a morte, assumem um aspecto cada vez menos repugnante para a alma, quanto mais o homem se despojou daquilo que, pela sua união terrena com a corporalidade física, tinha deixado em afinidade direta com ela.

De acordo com as condições criadas na vida física, a alma pertencerá por um tempo maior ou menor a uma ou outra região. Onde sente uma afinidade, ela pára até que essa afinidade seja cancelada. Onde não há afinidade, a alma passa sem sentir os efeitos que de outra forma teriam ocorrido. A intenção aqui tem sido descrever apenas as qualidades fundamentais do mundo da alma e o caráter geral da vida da alma. Que o mesmo se diga das seguintes descrições do mundo espiritual. Estaria além dos limites dentro dos quais este livro deve permanecer, se alguém desejasse entrar em outros personagens dos mundos superiores. Pois tudo o que pode ser comparado às relações de espaço e tempo, que nos mundos superiores são totalmente diferentes das do mundo físico, só pode ser falado de uma forma que possa ser entendida tratando-as longamente. Informações importantes sobre este assunto podem ser encontradas na minha Ciência Oculta.

- III. O MUNDO ESPIRITUAL

Antes de seguir o espírito em sua jornada futura, devemos examinar a região em que ele penetra. Este é o "mundo espiritual". Este mundo é tão diferente do mundo físico que tudo o que aqui será dito deve parecer fantástico para aqueles que confiam apenas nos sentidos físicos. E aqui, mais do que nunca, aplica-se o que já foi dito sobre o "mundo animado": para descrevê-lo, é preciso recorrer a similitudes. Pois a nossa língua, que serve principalmente apenas a realidade física, não é rica em palavras apropriadas para o mundo espiritual. É, portanto, particularmente necessário pedir ao estudioso que considere algumas das coisas que serão ditas como meras pistas. Tudo o que será descrito é tão diferente do mundo físico, que só se pode falar dele dessa maneira. O autor deste livro sabe bem como a inadequação dos meios de expressão linguística priva as suas comunicações da possibilidade de reflectir verdadeiramente as experiências dos mundos superiores.

Pelo contrário, é preciso estabelecer que o mundo do espírito está entrelaçado com a mesma matéria de que consiste o pensamento humano; (até a palavra matéria está aqui, naturalmente, usada num sentido impróprio). Mas, como vive no homem, o pensamento é apenas uma sombra, uma imagem pálida do seu verdadeiro ser. O pensamento que se manifesta na cabeça humana é para a entidade correspondente do mundo espiritual como a sombra lançada por um objeto é para o próprio objeto. Quando, portanto, o sentido espiritual do homem está desperto, ele percebe esse ser - pensado, assim como o olho físico percebe uma mesa ou uma cadeira. O homem vive num ambiente de pensamentos. O olho físico percebe o leão, e o pensamento dirigido às coisas físicas percebe a idéia do leão apenas como um diagrama, uma imagem pálida. O olho espiritual vê a idéia do leão no "mundo do espírito" com a mesma evidência real com a qual o olho físico vê o leão físico. Aqui também, o símile que usamos em conexão com o mundo espiritual pode ser lembrado. Quanto ao cego que se submeteu à operação, tudo de repente aparece dotado das novas qualidades de luz e cor, assim, para aquele que aprende a fazer uso do olho espiritual, tudo parece estar imbuído de um novo mundo, o mundo dos pensamentos vivos, ou

dos seres espirituais.

Neste mundo, de fato, vemos os arquétipos espirituais de todas as coisas e seres existentes nos mundos físicos e animados. Pense num quadro como ele está no espírito do pintor antes de ser pintado. Então você terá uma semelhança para o que se entende por arquétipo de expressão. Não é importante notar aqui que talvez o pintor não tenha tal arquétipo na cabeça antes de começar a trabalhar e que a ideia da pintura só se concretiza pouco a pouco durante a execução. No verdadeiro 'mundo do espírito' existem arquétipos para todas as coisas, e objetos e seres físicos são reproduções desses arquétipos. É compreensível que aquele que confia apenas nos sentidos exteriores negue este mundo de arquétipos e afirme que os arquétipos são meras abstrações que a razão tira da comparação com objetos físicos; pois tal homem não é capaz de percepção naquele mundo superior e, portanto, conhece o mundo do pensamento apenas em sua forma esquemática abstrata. Ele não sabe que os seres espirituais são tão familiares ao vidente como seu cão ou seu gato, e que o mundo dos arquétipos é uma realidade muito mais intensa do que a do mundo físico-sensível.

O primeiro vislumbre deste 'mundo espiritual' é, naturalmente, ainda mais desconcertante do que o do mundo animado. Pois os arquétipos na sua verdadeira forma são muito diferentes dos seus moldes físicos. Igualmente diferentes são eles das suas sombras, dos seus pensamentos abstractos. No mundo espiritual tudo está em perpétuo movimento, na criação incessante. Um descanso, uma pausa, como ocorre no mundo físico, não existe lá. Pois os arquétipos são entidades criativas. Eles são os criadores de tudo o que surge nos mundos físico e animado. As suas formas mudam rapidamente, e cada arquétipo tem a possibilidade de assumir inúmeras figuras particulares. Eles brotam, por assim dizer, do seu ser, e assim que um é gerado, o arquétipo começa a produzir outro. Os arquétipos têm então relações de maior ou menor afinidade um com o outro. Eles não operam isoladamente. Um precisa do outro para as suas criações. Inúmeros arquétipos cooperam frequentemente na produção de um ser no mundo físico ou animado.

Além do que é revelado à "visão espiritual", há algo mais que se apresenta como uma experiência de "audição espiritual". Assim que o clarividente ascende do mundo animado para o mundo espiritual, os arquétipos percebidos também são revelados como sonoros. Esta "sonoridade", no entanto, é puramente espiritual. Não é para ser associado ao pensamento de qualquer som físico. O vidente sente-se como se estivesse imerso num mar de sons. E nestes sons, nesta ressonância espiritual, os seres do mundo espiritual se expressam. Nos seus acordes, harmonias, ritmos e melodias expressam as leis primordiais da sua existência, as suas relações mútuas e afinidades. O que no mundo físico o intelecto percebe como lei, como idéia, é apresentado ao ouvido espiritual como "música espiritual". (Os pitagóricos, portanto, chamavam a esta percepção do mundo espiritual: "música das esferas". Para aqueles que possuem audição espiritual, esta "música das esferas" não é apenas uma imagem, uma alegoria, mas uma realidade espiritual bem conhecida). Contudo, para formar um conceito desta "música espiritual", é preciso distanciar-se de qualquer representação de música perceptível para o ouvido físico. Trata-se de uma "percepção espiritual", ou seja, uma percepção que deve permanecer muda até ao ouvido físico. Na seguinte descrição do mundo do espírito, por uma questão de simplificação, omitiremos qualquer menção a esta "música espiritual". Será suficiente para representar que tudo descrito como "imagem", como algo "radiante", é ao mesmo tempo "ressonante". A cada cor, a cada percepção de luz, corresponde um som espiritual, e a cada combinação de cores, uma harmonia, uma melodia. Ao esplendor é simplesmente adicionado som. Sempre que, nas páginas seguintes, falamos de arquétipos ("imagens primordiais"), devemos pensar também em "sons primordiais". Além dessas percepções, existem outras que podem ser chamadas de "sabores espirituais", etc. Mas não vamos entrar em detalhes sobre isso aqui. Mas não vamos entrar na sua descrição aqui, pois queremos simplesmente obter uma representação do mundo espiritual por meio de alguns elementos retirados do seu todo.

Agora é necessário reconhecer os vários tipos de arquétipos. Também no "mundo espiritual", um certo número de passos ou regiões deve ser distinguido para poder orientar-se. Também aqui, como no mundo animado, não devemos imaginar as regiões individuais como sobrepostas em camadas, mas como interpenetrantes. A primeira região compreende os arquétipos do mundo físico, na medida em que não é dotada de vida. Inclui os arquétipos dos minerais, e também os das plantas; mas apenas pela sua parte puramente física, ou seja, na

medida em que a vida neles não é levada em consideração. Os arquétipos das formas animal e humana também pertencem a ele. Não esgotámos tudo o que pertence a esta região; apenas o ilustrámos com alguns exemplos fáceis.

Esta região forma o andaime do mundo espiritual. Pode ser comparado com a terra sólida do nosso mundo físico. É a massa continental do "mundo espiritual". Sua relação com o corpo-mundo físico só pode ser indicada por símile. Uma idéia do que se vê a seguir: pense em qualquer espaço circunscrito preenchido com corpos físicos de todo tipo. E agora suponhamos que esses corpos físicos foram removidos, e em seu lugar espaços vazios, com suas próprias formas, permaneceram. Os espaços intermediários, vazios antes, vamos agora representá-los preenchidos com as mais variadas formas, em múltiplas relações com os corpos de antes.

Tal é, mais ou menos, o aparecimento da região inferior do mundo dos arquétipos. Nele, coisas e seres encarnados no mundo físico existem como "espaços vazios". E nos interstícios entre eles ocorre a atividade móvel dos arquétipos (e da "música espiritual"). No momento da encarnação física, os espaços vazios são preenchidos, em certa medida, com substância física. Se olhássemos com o olhar físico e espiritual, veríamos os corpos físicos e, nos espaços entre eles, a atividade móvel dos arquétipos criativos.

A segunda região do "mundo espiritual" contém os arquétipos de vida. Mas esta vida forma aqui uma unidade perfeita. Ele circula no mundo do espírito, como um elemento líquido, pulsando por toda parte como sangue. Pode ser comparado com o mar e outras águas da terra física. Sua distribuição, porém, se assemelha mais à do sangue animal do que à dos mares e rios. "Vida fluida formada pela substância do pensamento" é como esta segunda região do "mundo espiritual" pode ser chamada. Nele se encontram as forças criativas de tudo o que aparece como um ser vivo na realidade física. Aqui se revela que toda a vida é uma unidade, que a vida do homem está relacionada com a vida de todas as outras criaturas.

Como a terceira região do "mundo espiritual", os arquétipos de tudo o que é animado devem ser considerados. Encontramo-nos aqui num elemento muito mais subtil e fino do que nas duas primeiras regiões. Por analogia, podemos nos referir a ela como a "atmosfera" do mundo dos espíritos. Tudo o que acontece nas almas dos outros dois mundos tem aqui a sua contraparte espiritual. Todas as sensações, sentimentos, instintos, paixões, etc., se encontram aqui na forma espiritual. Os processos atmosféricos desta zona correspondem aos sofrimentos e alegrias das criaturas dos outros mundos. O desejo de uma alma humana manifesta-se como uma respiração suave; a explosão da paixão, como um redemoinho violento. Quem for capaz de fazer representações do que aqui é apresentado, penetra profundamente no suspiro de cada criatura. Aqui, por exemplo, pode-se falar de tempestades furiosas sulcadas por relâmpagos e trovões, e quando se procura a causa, descobre-se que nestas "tempestades espirituais" são expressas as paixões de uma batalha travada na Terra.

Os arquétipos da quarta região não se conectam diretamente com os outros mundos. São, em certo sentido, entidades que dominam os arquétipos das três regiões inferiores e regulam a sua cooperação. Eles se dedicam a coordenar e agrupar esses arquétipos subordinados. Desta região emana, portanto, uma atividade mais ampla do que a das regiões mais baixas.

A quinta, sexta e sétima regiões diferem essencialmente das anteriores. Para as entidades que lhes pertencem, fornecem aos arquétipos das regiões inferiores os impulsos para a sua actividade. Aqui estão as forças criativas dos próprios arquétipos. Quem consegue ascender a estas regiões vem ao conhecimento das "intenções" que estão na base do nosso mundo. Como germes vivos, os arquétipos estão aqui prontos para assumir as mais variadas formas de pensamentos.

Quando transportados para as regiões mais baixas, estes germes incham, por assim dizer, e aparecem nas mais diversas figuras. As idéias pelas quais o espírito humano se torna um criador no mundo físico são o reflexo, a sombra dos "pensamentos" germinais do mundo espiritual superior. Quem, dotado de um

"ouvido espiritual", ascende das regiões inferiores do mundo espiritual para as superiores, percebe que o "ressoar e ecoar" se transforma em "linguagem espiritual". Ele começa a perceber a "palavra espiritual" pela qual as coisas e os seres já não lhe manifestam a sua natureza apenas musicalmente, mas revelam-na a ele em "palavras". Dizem-lhe o que na ciência espiritual se pode chamar os seus "nomes eternos".

Temos de perceber que estes "pensamentos" germinais são complexos por natureza. Do elemento do mundo do pensamento derivam, por assim dizer, apenas o envelope; e este contém o verdadeiro núcleo vital. Assim chegamos ao limite dos "três mundos", pois o núcleo vem de regiões ainda mais altas. Quando o homem foi descrito em um capítulo anterior nas partes constituintes do seu ser, esse núcleo vital também foi falado para ele, e o "espírito vital" e o "homem espiritual" foram indicados como suas partes constituintes. Outros seres no universo também possuem núcleos vitais semelhantes. Eles vêm dos mundos superiores e são transferidos para os três mundos dos quais falamos, a fim de cumprir suas tarefas.

Agora seguiremos a peregrinação do espírito humano através do "mundo espiritual" entre duas encarnações; assim, as condições e peculiaridades deste "mundo espiritual" voltarão a emergir claramente.

- IV - O ESPÍRITO NO MUNDO ESPIRITUAL APÓS A MORTE

Quando, em sua jornada entre duas encarnações, o espírito humano passou pelo "mundo das almas", entra na região dos espíritos, para ali permanecer até que esteja maduro para uma nova existência corpórea. O significado desta estada no "mundo espiritual" só será compreendido se pudermos explicar com justiça a tarefa da peregrinação humana através das encarnações. Durante a encarnação no corpo físico, o homem trabalha e cria no mundo físico. E ele trabalha e cria lá como um ser espiritual. O que o seu espírito concebe e desenvolve, ele imprime em formas físicas, substâncias corpóreas e forças. Ele deve, portanto, como enviado do mundo espiritual, incorporar o espírito ao mundo físico. Só através da encarnação o homem pode agir no mundo corpóreo. Ele deve tomar o corpo físico como um instrumento para que ele possa, através do elemento corpóreo, agir sobre o mundo corpóreo, e que o mundo corpóreo possa agir sobre ele. Mas o que age através da corporeidade física do homem é o espírito. Dele se retiram as intenções, as diretivas de ação no mundo físico.

Agora, enquanto o espírito agir em corpo físico, não pode se expressar como espírito na sua verdadeira forma. Só pode acontecer através do véu da existência física. A vida do pensamento humano pertence realmente ao mundo espiritual, e como se manifesta na existência física, a sua verdadeira figura é velada. Também se pode dizer que a vida de pensamento do homem físico é uma sombra, um reflexo da verdadeira entidade espiritual à qual ele pertence. Assim, durante a vida física, o espírito entra através do corpo em reciprocidade de ação com o mundo corpóreo terreno. Embora uma das tarefas do espírito humano, enquanto passar de encarnação em encarnação, seja justamente atuar sobre a corporeidade física, ele não poderia cumprir adequadamente essa tarefa se vivesse apenas na existência corpórea. Para os objetivos e propósitos da tarefa terrestre não são concebidos e preparados durante a encarnação corpórea, assim como não é concebida e preparada a planta de uma casa no canteiro de obras onde os operários são empregados. Tal como este plano é elaborado no gabinete do arquitecto, também o são os objectivos e propósitos do trabalho terrestre no mundo do espírito.

O espírito humano deve sempre voltar a viver nesse mundo para retomar seu trabalho na vida física, armado de todos os elementos que daí retira. Assim como o arquiteto, sem manusear tijolos e argamassa, prepara em seu estudo o projeto do edifício de acordo com as leis do comércio da construção e outros, assim também o arquiteto do trabalho humano - o espírito ou "Eu" superior - deve trabalhar no "mundo do espírito", de acordo com as leis desse mundo, as faculdades e os propósitos para levá-los para o mundo físico. Só retornando sempre à sua própria esfera é que o espírito humano vem a ser capaz de trazer espiritualidade para o mundo terreno, mesmo através de instrumentos físicos corporais.

Na cena física, o homem aprende a conhecer as propriedades e as forças do mundo físico. Ao trabalhar nele, ele reúne a experiência das condições que este mundo impõe àqueles que nele desejam realizar suas atividades. Assim, ele aprende, por assim dizer, a conhecer as propriedades da matéria na qual ele deseja incorporar seus pensamentos e idéias. As ideias e pensamentos que ele próprio não pode tirar da matéria. Assim, o mundo terreno é ao mesmo tempo um campo de trabalho e de aprendizagem. No "mundo espiritual" o que assim se aprende é transformado em uma faculdade viva do espírito. Por uma questão de clareza, podemos continuar a nossa comparação anterior. O arquitecto elabora um plano para uma casa. Este plano é executado. O arquitecto faz uma soma de várias experiências. Todas estas experiências aumentam as suas faculdades. Quando ele fizer outro plano, eles vão fluir para o seu trabalho. E este novo plano aparecerá, com respeito ao primeiro, enriquecido com tudo o que o arquitecto assim aprendeu. O mesmo é verdade no que diz respeito aos esforços humanos subsequentes.

Nos intervalos entre encarnações, o espírito vive em sua própria esfera. Pode entregar-se totalmente às exigências da vida espiritual; evolui, liberta da corporeidade, em todas as direções, e recebe em si mesma os frutos das experiências de vidas anteriores. O seu olhar permanece assim sempre sobre a cena das tarefas terrenas; e ele está sempre disposto a seguir a terra, o seu campo de trabalho, através da evolução necessária que ela atravessa. Ele trabalha sobre

si mesmo a fim de poder, em cada nova encarnação, trazer a sua contribuição para as condições terrenas alteradas. Tudo isto é, claro, mas um quadro geral das sucessivas vidas terrenas. E a realidade nunca concordará totalmente, mas apenas mais ou menos, com esta imagem. Circunstâncias especiais podem fazer com que uma vida humana seja muito mais imperfeita do que outra. Mas no conjunto, tais irregularidades são, dentro de certos limites, niveladas na sucessão de vidas.

A formação do espírito no "mundo espiritual" se dá à medida que o homem passa e se adapta às diferentes regiões. Sua vida se funde sucessivamente com cada um deles; ele assume temporariamente suas qualidades. Eles o imbuem de sua essência para que ele possa então agir na Terra enriquecido com o poder deles.

Na primeira região do "mundo espiritual", o homem está rodeado pelos arquétipos espirituais das coisas terrenas. Durante sua vida terrena, ele aprende a conhecer apenas as sombras desses arquétipos, agarrando-as em seus pensamentos. O que é meramente pensado na Terra é vivido lá. O homem vagueia entre os pensamentos, mas estes pensamentos são seres reais. O que ele percebeu com os seus sentidos durante a sua vida terrena, agora funciona sobre ele na sua forma de pensamento. Mas o pensamento não aparece como uma sombra escondida atrás das coisas; é uma realidade viva que gera coisas. O homem se encontra, por assim dizer, na forja do pensamento, onde as coisas terrenas são criadas e moldadas. Pois no "mundo do espírito" tudo é movimento e atividade plena de vida. Aqui o mundo do pensamento funciona como um mundo de seres vivos, moldando e criando. Aqui o homem vê como se formou aquilo que ele vivenciou durante a sua vida terrena. Assim como o corpo físico experimenta coisas físicas como realidades, também o espírito agora experimenta forças criativas espirituais como realidades. Entre os pensamentos aqui existentes está também o da nossa corporeidade física. Sentimo-nos separados dela. Nós sentimos apenas a entidade espiritual como nossa. E, quando o corpo que depusemos nos aparece, como na memória, não mais como um ser físico, mas como um ser-pensamento, sua pertença ao mundo externo se manifesta. Aprendemos a conhecê-la como pertencendo ao mundo externo, como parte desse mundo.

Então já não separamos a nossa corporeidade do resto do mundo exterior, como algo mais parecido com o

o nosso "eu". A totalidade do mundo externo, incluindo as nossas encarnações corporais, é sentida como uma unidade. As nossas encarnações fundem-se com o resto do mundo numa unidade. Assim, olhamos para os arquétipos da realidade físico-corpo como uma unidade da qual somos parte. Aprendemos assim, pouco a pouco, a reconhecer através da observação a nossa unidade com os outros.

do mundo. Aprendemos a dizer, com respeito a isso: "O que está esticado à sua volta aqui foi você mesmo". Mas este é um dos pensamentos fundamentais da antiga sabedoria indiana do Vedanta. O "sábio" já aprende na vida terrena o que outros só experimentam na morte, ou seja, captar o pensamento do seu parentesco com todas as coisas, o pensamento: "Esse é você". Na vida terrena este é um ideal ao qual a vida de pensamento pode dedicar-se; no "mundo do espírito" é um fato imediato, que a experiência espiritual esclarece cada vez mais. E o próprio homem torna-se cada vez mais consciente de que ele pertence ao "mundo espiritual".

a sua verdadeira essência para o mundo espiritual. Ele se percebe a si mesmo como um Espírito entre os Espíritos, como parte dos Espíritos primordiais, e ouvirá em si a palavra do Espírito primordial: "Eu sou o Espírito primordial". (A sabedoria do Vedanta diz: "Eu sou Brahma", ou seja, uma parte do Ser primordial do qual todos os seres descendem).

Aquilo que na vida terrena é compreendido como um pensamento pálido, e para o qual toda a sabedoria tende, é assim experiência imediata no mundo espiritual. De fato, pode-se dizer que na vida terrena isso só é pensado porque na existência espiritual é a realidade.

Durante sua existência espiritual, o homem vê de um observatório superior e, por assim dizer, de fora, as condições e os fatos no meio dos quais ele se encontra na vida terrena. E assim, na região inferior do mundo espiritual, ele vive em relação às condições terrenas diretamente ligadas à realidade físico-corpo.

Na Terra, o homem nasce numa família, num determinado povo; e vive num determinado país. Todas estas circunstâncias determinam a sua existência terrena. As circunstâncias do mundo físico levam-no a conhecer um certo amigo, a exercer esta ou aquela profissão. Tudo isso chega até ele, como um ser vivo pensado, na primeira região do "mundo espiritual". De certa forma, ele experimenta tudo uma segunda vez. Mas ele revive-o a partir do lado espiritual-activo. O afeto familiar que o alimentou, a amizade que o levou a conhecer os outros, ressuscita de dentro dele e aumenta as faculdades correspondentes nele. Aquilo que no espírito humano se expressa como uma força de amor pela família ou pelos amigos é intensificado. A este respeito, o homem voltará à existência terrena como mais avançado.

São, em certo sentido, as condições ordinárias da vida terrena que amadurecem como frutos nesta primeira região. E a parte do homem que está esgotada pelos seus interesses nestas relações quotidianas sentir-se-á relacionada com esta região durante a maior parte do tempo da vida espiritual entre duas encarnações.

No mundo espiritual, encontramos os homens com os quais vivemos no mundo físico. Assim como tudo o que lhes pertencia em virtude do corpo físico se desprende das almas, também o vínculo que, durante a vida física, une uma alma à outra se dissolve das condições que só têm sentido e possibilidade de expressão no mundo físico. Mas o que uma alma tem sido para outra na vida física continua para além da morte no mundo espiritual. Em vista disso, é inteiramente justo dizer que as almas unidas no mundo físico se reencontram no mundo espiritual para continuar suas vidas juntas, da maneira correspondente a esse mundo.

A segunda região é onde a vida global do mundo terreno aparece como um ser pensado, fluindo como um elemento fluido do "mundo espiritual". Enquanto observarmos o mundo a partir de seres encarnados fisicamente, a vida parece-nos estar ligada a seres vivos individuais. No "mundo espiritual" ela é liberada deles e flui, por assim dizer, através de toda a região como sangue vital. É a mesma unidade viva que existe em tudo. Mesmo desta unidade o homem tem durante a sua vida terrena apenas um reflexo. E isto se expressa em toda forma de veneração que o homem traz ao Todo, à unidade e harmonia do mundo. A vida religiosa do homem deriva desta reflexão. O homem reconhece que o significado total da existência não reside no transitório, no indivíduo. Ele considera este transitório como um 'símbolo' e uma imagem de uma unidade eterna e harmoniosa. Ele eleva o seu olhar para esta unidade com veneração e adoração. Oferece-lhe actos religiosos de culto. No "mundo espiritual", não a imagem, mas a realidade em si aparece como um ser vivo - pensamento. Aqui o homem pode realmente unir-se com a unidade que adorou na Terra. Os frutos da vida religiosa e tudo o que lhe está relacionado são revelados nesta região. O homem aprende agora com a experiência espiritual a reconhecer que o seu destino individual não deve ser separado do da comunidade a que pertence. Aqui é formada a faculdade de se reconhecer a si mesmo como parte de um todo. Os sentimentos religiosos, tudo no homem, mesmo durante a vida, que aspirou a uma moral pura e nobre, irão, durante grande parte do intervalo espiritual entre duas encarnações, retirar força desta região. E o homem será reencarnado com as faculdades relativas aumentadas.

Enquanto na primeira região estamos com as almas às quais estivemos unidos pelos laços mais imediatos do mundo físico, na segunda entramos no círculo de todos aqueles a quem nos sentimos unidos num sentido mais amplo, por uma veneração comum, pela fé, etc., e que foram unidos por uma fé comum. Deve-se notar que as experiências espirituais das primeiras regiões continuam durante as últimas. O homem não é, portanto, arrancado dos laços de família, amizade, etc., quando entra na vida da segunda e subsequentes regiões.

Além disso, as regiões do "mundo espiritual" não estão separadas umas das

outras, como "compartimentos", mas sim se interpenetram e o homem experimenta a si mesmo em uma nova região, não porque "entrou" de fora, mas porque alcançou as faculdades interiores para perceber coisas que não percebia antes.

- A terceira região do "mundo espiritual" contém os arquétipos do mundo animado. Tudo o que vive no mundo animado existe aqui no estado de ser-pensado-ser vivo. Os arquétipos de desejos, desejos, sentimentos, etc. são encontrados aqui. Mas no "mundo espiritual", nenhum egoísmo adere ao animus. Assim como toda a vida está na segunda região, também aqui todos os anseios, desejos, alegria e tristeza formam uma unidade. O anseio, o desejo dos outros, não se distingue do meu próprio. As sensações e sentimentos de todos os seres formam um mundo comum que envolve e envolve tudo o resto, tal como a atmosfera física envolve a terra. Esta região é, por assim dizer, a atmosfera do mundo espiritual. Tudo o que o homem fez durante a sua vida terrena a serviço da comunidade com dedicação ao bem dos outros dá aqui os seus frutos. Pois através deste serviço, desta dedicação, ele viveu num reflexo da terceira região do mundo espiritual. Os grandes benfeitores da humanidade, as naturezas cheias de abnegação, aqueles que prestam grandes serviços às comunidades, adquiriram as faculdades correspondentes nesta esfera, depois de terem alcançado em vidas anteriores o direito a uma afinidade especial com ela.

É evidente que as três regiões do mundo espiritual descritas até agora têm uma certa relação com os mundos abaixo delas, ou seja, com os mundos físico e anímico. Pois eles contêm os arquétipos, os seres vivos de pensamento, que nesses mundos assumem existência corpórea e animada.

Só a quarta região é o "puro mundo espiritual". Mas também não é puro, no sentido pleno da palavra. Distingue-se das três regiões inferiores pelo fato de conter os arquétipos das condições físicas e animais que o homem já encontra no mundo físico e anímico antes de agir nele mesmo. As circunstâncias da vida diária relacionam-se com as coisas e os seres que o homem já encontra no mundo; as coisas transitórias deste mundo dirigem o seu olhar para as suas

causas eternas primordiais; e mesmo os seus semelhantes, a quem ele próprio serve abnegadamente, não lhe devem a existência deles. Mas através dele existem as criações da arte, da ciência, da tecnologia, do estado, etc.; em suma, tudo o que ele introduz no mundo como obras originais do seu próprio espírito. Sem a sua cooperação, não haveria imagem física no mundo. Agora, os arquétipos destas criações puramente humanas podem ser encontrados precisamente na quarta região do "mundo espiritual". O que o homem trabalha durante a sua vida física em termos de realizações científicas, ideias e formas artísticas, e pensamentos técnicos, dá frutos nesta quarta região. Desta região, portanto, artistas, cientistas e grandes inventores desenhavam seus impulsos durante sua permanência no "mundo espiritual" e aqui aumentam sua genialidade para poder, em novas encarnações, contribuir em maior medida para o progresso da humanidade.

Não devemos imaginar que esta quarta região do "mundo espiritual" seja de importância apenas para homens particularmente eminentes. Tem significado para todos os homens. Tudo o que ocupa o homem durante sua vida física além da esfera da vida cotidiana, do desejo e da vontade, tem sua primeira fonte nesta região. Se, entre a morte e um novo nascimento, o homem não passasse por ela, não teria interesse na vida seguinte que, indo além do círculo estreito da sua vida pessoal, o levaria ao que é universalmente humano.

Foi dito acima que nem mesmo esta região pode ser chamada no sentido pleno da palavra "puro mundo espiritual". Pois a condição na qual os homens deixaram o cultivo terreno afeta sua existência espiritual. No "mundo espiritual" eles só podem desfrutar dos resultados do que foram capazes de produzir de acordo com suas aptidões e o grau de evolução do povo e do estado, etc., ao qual pertenciam.

Nas regiões espirituais mais elevadas do que a "quarta", o espírito humano é libertado de todos os laços terrenos. Ele ascende ao "mundo espiritual puro" onde experimenta os propósitos e metas que o espírito quis implementar na sua vida terrena. Tudo o que já foi implementado no mundo apresenta apenas uma imagem mais ou menos pálida dos objectivos e propósitos mais elevados. Cada

cristal, cada árvore, cada animal, e mesmo tudo o que é implementado no campo da atividade humana, oferece apenas imagens do que o espírito tem em vista. E o homem, nas suas encarnações, só pode tirar a sua deixa destas imagens imperfeitas de objectivos e intenções perfeitas. Assim também ele, em uma de suas encarnações, só pode ser tal imagem do que no reino do espírito foi posto diante dele. O que ele realmente é como espírito no "mundo espiritual", portanto, só aparece quando, no intervalo entre duas encarnações, ele ascende à quinta região daquele mundo. Aqui ele é verdadeiramente "ele mesmo". É ele quem, nas várias encarnações, assume uma existência externa. Nesta região, o verdadeiro "Eu" do homem pode se expressar livremente de todos os lados. Este "Eu" transporta em encarnações as faculdades desenvolvidas nas regiões inferiores do "mundo espiritual". Assim, ela transporta os frutos de vidas anteriores para encarnações posteriores. É o portador dos resultados das encarnações anteriores.

Vivendo na quinta região do mundo espiritual, o Eu está, portanto, no reino da intenção e do propósito. Assim como o arquitecto aprende das imperfeições que encontrou na sua obra, e nos seus novos planos aceita apenas aquilo que foi capaz de transformar em perfeição a partir dessas imperfeições, assim, na quinta região, o "Eu" abandona o dos resultados de vidas anteriores que está ligado às imperfeições dos mundos inferiores, e fecunda as intenções do "mundo espiritual" em que agora está imerso com os resultados das suas vidas anteriores.

É claro que a força que se pode retirar desta região dependerá do número de realizações, capazes de serem recebidas no mundo das intenções, que o "Eu" terá alcançado durante uma encarnação. O "Eu" que, durante sua existência terrena, procurou traduzir em realidade as intenções do espírito por uma vida ativa de pensamento ou por um amor sábio e laborioso, terá conquistado grandes direitos nesta região. Que

Se, por outro lado, ele se entregou inteiramente aos assuntos cotidianos, se viveu apenas no transitório, não terá semeado nenhuma semente que possa representar uma parte das intenções da ordem eterna. Somente o pouco que conseguiu além

de seus interesses cotidianos pode se desenvolver como fruto nessas regiões superiores do "mundo espiritual". Mas não se deve pensar que estamos aqui preocupados acima de tudo com aquelas coisas que obtêm glória terrena ou qualquer outra coisa. Não; é antes uma questão do que, mesmo no menor círculo da vida, desenvolve em nós a consciência de que cada ação tem uma importância para o curso eterno da vida. Devemos nos familiarizar com o pensamento de que nesta região o homem deve julgar de forma diferente de como ele julga na vida física. Se, por exemplo, ele alcançou pouca afinidade com essa região, surge nele o impulso para transmitir a si mesmo, para a vida terrena seguinte, um impulso pelo qual esta última se desdobra de tal forma que no destino (carma) o efeito relativo a essa falta se manifesta. Esse destino que, do ponto de vista da vida terrena, parecerá doloroso e, como tal, talvez seja profundamente arrependido, é considerado pelo ser humano nessa região do "mundo espiritual" como absolutamente necessário para ele.

Vivendo nesta quinta região em seu verdadeiro "Eu", o homem é levantado acima de tudo o dos mundos inferiores que o envolvem durante suas encarnações. Ele é o que sempre foi e o que sempre será no decorrer de suas encarnações. Ele vive no domínio das intenções relativas a estas encarnações e as incorpora em seu próprio "Eu". Ele olha para o seu próprio passado e sente que tudo o que lá experimentou está incorporado nas intenções que ele tem de implementar no futuro. Uma espécie de memória de vidas passadas e uma visão profética de vidas futuras são acendidas.

Vemos, portanto, que, na medida em que se desenvolveu, o que chamamos de "Eu espiritual" vive nesta região na realidade que lhe é própria. Ela se desenvolve e se prepara para que, em uma nova encarnação, as intenções espirituais possam, através dela, ser realizadas na realidade terrena.

Depois que o "Eu espiritual" se desenvolveu, através de uma série de habitações no "mundo espiritual", de modo a circular livremente naquele mundo, ele procura cada vez mais o seu verdadeiro lar lá. A vida do espírito torna-se tão familiar a ele como a vida na realidade física é para o homem terreno. As visões

do "mundo espiritual" serão agora aquelas que, mais ou menos conscientemente, ele adoptará como norma na sua futura vida terrena. O "Eu" pode sentir-se um membro da ordem divina. As limitações e leis da vida terrena não o afectam na sua essência mais profunda. A força para tudo o que ele faz vem do "mundo espiritual". Mas o "mundo espiritual" é uma unidade. Aquele que vive nele sabe como o eterno tem funcionado no passado e pode, a partir do eterno, determinar a direcção do futuro. O olhar para o passado estende-se a uma visão completa. Um homem que alcançou este passo estabelece para si mesmo as metas a serem alcançadas na próxima encarnação. Do "mundo do espírito" ele influencia o seu futuro, para que ele se desdobre no sentido da verdade e do espírito. No intervalo entre duas encarnações, o homem se encontra na presença de todos aqueles seres elevados diante de cujo olhar a Sabedoria Divina se revela. Pois ele chegou ao passo em que pode compreendê-lo.

Na sexta região do "mundo espiritual" o homem fará em todas as suas ações o que for mais adequado à verdadeira essência do mundo. Pois ele não pode procurar o que é bom para ele, mas apenas o que deve acontecer de acordo com o curso certo da ordem mundial.

A sétima região do "mundo espiritual" leva à fronteira dos "três mundos". Aqui o homem é confrontado com os "núcleos vitais" que são transportados dos mundos superiores para os três mundos agora descritos para realizar as suas tarefas. Tendo alcançado os limites dos três mundos, o homem reconhece-se a si próprio no seu próprio núcleo vital. Isto implica que os enigmas dos três mundos devem ser resolvidos para ele. Ele assim abraça toda a vida desses mundos. Na vida física, as faculdades da alma com as quais, no "mundo espiritual", tem as experiências aqui descritas, sob condições ordinárias, não entram em consciência. Eles trabalham na sua profundidade inconsciente na formação dos órgãos corporais que dão ao homem a consciência do mundo físico. Esta é a razão pela qual eles continuam imperceptíveis neste mundo. Mesmo o olho não se vê a si mesmo, porque nele atuam as forças que tornam outras coisas visíveis. Quem quiser julgar até que ponto uma vida humana entre o nascimento e a morte pode ser o resultado de vidas anteriores, deve considerar que um ponto de vista tirado desta vida, como naturalmente temos que adotar aqui abaixo, não oferece nenhuma possibilidade de julgamento. A tal ponto de vista, uma vida terrena

pode, por exemplo, parecer dolorosa, carente, etc., enquanto que, quando é contemplada de um ponto de vista exterior, deve aparecer, precisamente nessa forma, com a sua dor e imperfeição, como resultado de existências anteriores. À medida que avança pelo "caminho do conhecimento", como descrito no final deste livro, a alma liberta-se das condições da vida corpórea. Pode assim contemplar em imagens as experiências por que passa entre a morte e um novo nascimento. Tal percepção torna possível descrever os processos do "mundo espiritual" tal como os temos esboçado aqui. Somente aqueles que têm em mente que toda a disposição da alma é diferente no corpo físico do que é na experiência puramente espiritual, verão esta descrição à sua luz adequada.

- V - O MUNDO FÍSICO E SUA CONEXÃO COM O MUNDO ANIMICO E ESPIRITUAL

As formas dos mundos animicos e espirituais não podem ser objetos de percepção dos sentidos externos. Os objectos de percepção dos sentidos pertencem a um terceiro mundo, para além dos dois acima descritos. Mesmo durante a sua vida corpórea, o homem vive nestes três mundos simultaneamente. Ele percebe as coisas do mundo físico e age sobre elas. As formas do mundo animado agem sobre ele através das suas forças de simpatia e antipatia, e a sua própria alma, com as suas inclinações e repulsões, desejos e anseios, agita ondas naquele mundo. A essência espiritual das coisas, porém, se reflete no mundo de seus pensamentos, e ele mesmo, como ser espiritual pensante, é um cidadão do reino espiritual e um companheiro de tudo o que nele vive.

Assim, o mundo físico é apenas uma parte do entorno do homem. Esta parte emerge com uma certa autonomia do ambiente, pode ser percebida pelos sentidos, que deixam despercebidas as partes físicas e espirituais, que pertencem ao mesmo mundo. Assim como um pedaço de gelo flutuando na água é da mesma substância que a água, mas se distingue dela por certas propriedades, assim os objetos dos sentidos são da mesma substância que os mundos animados e espirituais, e se distinguem deles por certas propriedades que os tornam visíveis. Eles são, para usar uma linguagem meio-figurativa, formas espirituais e animadas condensadas; e a condensação permite aos sentidos tomarem conhecimento deles. Pode-se dizer que, assim como o gelo é apenas uma forma de existência da água, também os objetos dos sentidos são apenas uma das formas de existência dos seres animados e espirituais. Quando isso é compreendido, também se compreende que, assim como a água pode ser convertida em gelo, assim o mundo espiritual pode ser transformado no mundo animado e o mundo animado no mundo sensível.

Deste ponto de vista, também é claro por que o homem pode pensar em coisas sensatas. Pois há um problema que deve ser enfrentado por quem pensa: "Qual é

a relação entre o pensamento que o homem tem de uma pedra e a própria pedra? Esta pergunta chega ao olho espiritual daqueles cujo olhar penetra na natureza exterior com particular profundidade. Eles sentem a concordância do mundo dos pensamentos humanos com a estrutura e a ordem da natureza. O grande astrônomo Kepler, por exemplo, fala dessa harmonia nas seguintes belas palavras: "Assim é; o mandamento divino que convida os homens a estudar astronomia está realmente escrito no mundo, não em palavras e sílabas, é claro, mas nos próprios fatos, ou seja, na correspondência dos conceitos e sentidos humanos com o encadeamento dos corpos e condições celestiais.

Só porque as coisas do mundo sensível não são mais do que entidades espirituais condensadas é que um homem que se eleva a essas entidades em pensamento pode, em seu pensamento, compreender as coisas. Coisas sensatas derivam do mundo espiritual, são apenas outra forma das entidades espirituais; e quando o homem tem pensamentos sobre as coisas, ele simplesmente afasta a sua interioridade da forma sensata delas e se volta para os arquétipos espirituais. Compreender uma coisa pelos pensamentos é um processo que pode ser comparado com aquele pelo qual um corpo sólido se liquefaz no fogo para que, na sua forma fluida, o químico possa examiná-lo.

Nas várias regiões do mundo espiritual, aparecem os arquétipos espirituais do mundo físico. Na quinta, sexta e sétima regiões esses arquétipos ainda são pontos germinativos vivos; nas quatro regiões inferiores são moldados em formas espirituais. O espírito humano percebe um pálido reflexo dessas formas espirituais quando procura, pelo pensamento, ganhar a compreensão das coisas sensíveis. Como estas formas foram condensadas no mundo sensato é uma questão que se coloca àquele que aspira a uma compreensão espiritual do mundo em que vive.

O reino mineral é percebido pelos sentidos e compreendido pelo pensamento. Se formamos um pensamento sobre um corpo mineral, então temos de lidar com duas coisas: com o objecto sensato e com o pensamento. Por conseguinte, devemos representar para nós mesmos que o objecto sensato é um ser

condensado. Agora, um corpo mineral age sobre outro de uma forma externa. Atinge-o e assim o move, aquece-o, ilumina-o, derrete-o, etc., e assim por diante. Este modo de ação exterior pode ser expresso em pensamentos. O homem tem pensamentos sobre como os minerais agem uns sobre os outros de acordo com uma lei externa. Desta forma, os pensamentos individuais evoluem para uma imagem de pensamento global do mundo mineral. E esta imagem do pensamento é um reflexo do arquétipo de todo o mundo mineral sensível. Como um todo, ela se encontra no mundo espiritual.

No reino vegetal, os fenômenos de crescimento e reprodução são acrescentados aos efeitos externos de uma coisa sobre a outra. A planta cresce e gera seres iguais a si mesma. A vida é acrescentada ao que é apresentado ao homem no mundo mineral. A simples menção a este facto abre uma perspectiva esclarecedora. A planta tem dentro de si o poder de se dar a si própria a sua forma de vida e de gerar esta forma em outros seres semelhantes a ela. E entre as espécies amorfas de substâncias minerais, como nos aparecem em gases, líquidos, etc., e a forma viva da planta são as formas de cristais. Nos cristais devemos procurar a transição do mundo mineral amorfo para a faculdade formativa viva do reino vegetal.

Neste processo de forma externamente perceptível, tanto no reino mineral como no reino vegetal, deve ser vista a condensação física do processo puramente espiritual que ocorre quando os germes espirituais das três regiões superiores são transformados nas formas espirituais das regiões inferiores. O processo de cristalização corresponde no mundo espiritual, como o seu arquétipo, à transição do germe espiritual amorfo para a forma criada. Quando essa transição é condensada, para que os sentidos possam percebê-la em seus efeitos, ela aparece no mundo sensível como o processo mineral de cristalização.

Agora, mesmo na vida vegetal existe um germe espiritual formado. Mas aqui o ser formado ainda fica com a faculdade formativa viva. No cristal, ao dar-lhe forma, o germe espiritual perdeu essa faculdade. Ela se esgotou na forma produzida. A planta, por outro lado, tem forma e tem, além disso, a faculdade de

formar. A qualidade dos germes espirituais das regiões superiores tem sido preservada na vida da planta. A planta é, portanto, forma como o cristal e é, além disso, uma força formadora. Além da forma assumida na planta pelos arquétipos, outra forma funciona nela que carrega o caráter dos seres espirituais das regiões superiores. Os sentidos, porém, só percebem o que é expresso na forma completa; os seres formadores que lhe dão vida existem no reino vegetal em um estado não perceptível aos sentidos. O olho físico vê o lírio que ainda hoje é pequeno e vê aquele que cresceu depois de algum tempo. Não vê, no entanto, a força formadora que retira a segunda da primeira. Esta força formadora de entidades é aquela que, invisível aos sentidos, opera no mundo vegetal. Os germes espirituais desceram um passo para agir no reino da forma. Na ciência do espírito pode-se, a este respeito, falar de reinos elementares. Se os arquétipos primordiais, ainda sem forma, são chamados de primeiro reino elementar, então as entidades-forma, invisíveis aos sentidos, que atuam como arquitetos do crescimento das plantas, são chamadas de segundo reino elementar. No mundo animal, às faculdades de crescimento e reprodução são acrescentadas a sensação e o impulso. Estas são manifestações do mundo da mímica. Um ser dotado com eles pertence a esse mundo, recebe impressões dele e exerce influências sobre ele. Agora, cada sensação, cada impulso que surge em um ser animal, é tirado das profundezas da alma animal. A forma é mais durável que a sensação ou o impulso. Pode-se dizer que a vida da sensação é para a forma de vida mais estável, como a forma vegetal mutável é para a forma de cristal rígido. A planta é, em certo sentido, inteiramente expressa na força da construção da forma; durante a sua vida acrescenta continuamente novas formas a si mesma. Primeiro, ele cria raízes, depois folhas, flores, etc. O animal, por outro lado, atinge uma forma. O animal, por outro lado, chega a uma forma acabada e nesta forma desenvolve a vida mutável das sensações e dos impulsos. E esta vida tem a sua existência no mundo animado. Assim como a planta é aquela que cresce e se reproduz, assim o animal é aquele que sente e desenvolve impulsos. Estes são para o animal o elemento amorfo que se desenvolve em formas sempre novas. Eles têm seus processos arquetípicos nas regiões mais altas do mundo espiritual; mas eles realizam sua atividade no mundo animado. Assim, no mundo animal, além das entidades-forças que guiam o crescimento e a reprodução, invisíveis aos sentidos, há outras que descem um passo mais à frente, ao mundo animado. No reino animal, entidades amorfas, revestidas de conchas animadas, operam como criadoras de sensações e impulsos. Eles são os verdadeiros criadores de formas animais. A região a que eles pertencem pode ser, na ciência espiritual, chamada de terceiro reino elementar.

Além das faculdades das plantas e dos animais, o homem é dotado da capacidade de transformar as suas sensações em representações e pensamentos, e de regular os seus impulsos pelo pensamento. O pensamento, que na planta aparece como forma, e no animal como força animada, no homem aparece na sua realidade, ou seja, como pensamento. O animal é alma, o homem é espírito. A entidade espiritual desceu mais um passo. No animal, é o formador da alma. No homem, penetrou no próprio mundo da matéria sensata. O espírito está presente no corpo físico do homem. E como aparece sob a aparência física, só se pode mostrar como aquela pálida reflexão que o pensamento oferece da essência espiritual. Através das condições do organismo cerebral humano, o espírito aparece no homem.

Mas assim o espírito se tornou a essência mais íntima do homem. O pensamento é a forma que a entidade espiritual amorfa assume no homem, como se torna forma na planta, e no animal se torna alma. O homem, portanto, não tem um reino elementar para construí-lo de fora, pois ele é um ser pensante. O seu reino elementar trabalha no seu corpo físico. Na medida em que o homem tem forma e é um ser sensível, seres elementares do mesmo tipo daqueles que trabalham em torno de plantas e animais trabalham ao seu redor. Mas o organismo humano do pensamento é inteiramente processado a partir do corpo físico. No organismo espiritual do homem, no seu sistema nervoso que se desenvolveu até se tornar um cérebro perfeito, há, de uma forma visível aos sentidos, aquilo que funciona em torno das plantas e dos animais, como uma entidade-força supersensível. O resultado é que o animal tem um senso de si mesmo, enquanto o homem tem autoconsciência. No animal o espírito se sente como alma, ainda não se agarra a si mesmo como espírito. No homem, o espírito é reconhecido como espírito, embora, devido à sua condição física, apenas como um pálido reflexo do espírito, como pensamento.

Neste sentido, o mundo triplo difere como se segue:

- O reino das entidades arquetípicas amorfas (primeiro reino elementar).

- O reino das entidades criadoras de formas (segundo reino elementar).

- 3. O reino das entidades animadas (terceiro reino dementariano).

- 4. o reino das formas criadas (cristais).

- 5. o reino perceptível aos sentidos em formas, em que, no entanto, trabalham entidades criadoras de formas (reino vegetal).

- O reino perceptível aos sentidos na forma, no qual, porém, operam também entidades criadoras de forma e aquelas que se expressam animicamente (reino animal).

- O reino perceptível aos sentidos na forma, no qual, porém, operam entidades criadoras de forma e animadas, e no qual, além disso, o espírito se molda na forma de pensamento dentro do mundo físico (reino humano).

De tudo isso, parece que as partes constituintes básicas do ser humano que vive no corpo físico estão conectadas com o mundo espiritual. O corpo físico, o corpo etérico, o corpo da alma senciente e a alma racional devem ser considerados como arquétipos do mundo espiritual condensados no mundo dos sentidos. O corpo físico é formado pelo fato de que o arquétipo humano é condensado até se tornar perceptível aos sentidos. Portanto, também se pode dizer que este corpo físico é uma entidade do primeiro reino elementar condensada até o ponto de ser fisicamente visível. O corpo etérico surge do fato de que a forma física assim criada é mantida móvel por uma entidade que empurra sua ação para o reino

sensível, mas permanece invisível aos sentidos. Se quisermos caracterizar plenamente esta entidade, devemos dizer que ela se origina nas esferas mais elevadas do mundo espiritual e na segunda região ela se torna o arquétipo de vida. Como este arquétipo de vida, ele opera no mundo sensato. Da mesma forma, a entidade que constrói o corpo animado sensível tem origem nas regiões mais elevadas do mundo espiritual, torna-se na terceira região um arquétipo do mundo animado, e como tal opera no mundo físico. A alma racional é formada pelo fato de que o arquétipo do homem pensante se torna pensamento na quarta região do mundo espiritual e, como tal, opera diretamente no mundo sensível como um ser humano pensante.

Assim o homem está no mundo físico; assim o espírito trabalha em torno do seu corpo físico, do seu corpo etérico e do seu corpo senciente e animado. Assim, o espírito se manifesta na alma racional.

Nos três corpos inferiores do homem, os arquétipos trabalham, portanto, sob a forma de entidades, em certo sentido, externas; na alma racional, o homem trabalha (conscientemente) sobre si mesmo.

As entidades que trabalham no seu corpo físico são as mesmas que formam a natureza mineral. No seu corpo etérico trabalham entidades semelhantes àquelas que, invisíveis aos sentidos, vivem no mundo vegetal; no seu corpo sentimental animado trabalham entidades semelhantes àquelas que, igualmente invisíveis, vivem no reino animal.

Assim, os diferentes mundos cooperam. O mundo em que o homem vive é a expressão desta cooperação.

Quando o mundo sensato tem sido compreendido desta forma, também abre o entendimento para outras entidades além daquelas que existem nos quatro reinos

da natureza. Encontramos um exemplo de tais entidades no que se chama o "espírito do povo" (espírito nacional). Ela não se manifesta diretamente de forma sensata. Ela se expressa nas sensações, sentimentos, inclinações, etc., comuns a um povo. É uma entidade que não está fisicamente incorporada, mas, tal como o homem forma o seu corpo de uma forma perceptível para os sentidos, também ele forma o seu próprio a partir da substância do mundo animado. Este corpo animado do "espírito do povo" é como uma nuvem dentro da qual vivem os homens pertencentes a um determinado povo. Os seus efeitos manifestam-se nas almas daqueles homens, mas não derivam deles. Para quem não representa o "espírito do povo" desta forma, permanece uma imagem esquemática do pensamento, desprovida de substância e vida, uma abstração vazia. Que o mesmo se diga do que se chama o "espírito da época". O olhar espiritual abre-se assim sobre uma multiplicidade de seres superiores e inferiores que vivem no ambiente do homem, sem que ele seja capaz de percebê-los com seus sentidos. Mas aqueles que possuem clarividência espiritual percebem essas entidades e podem descrevê-las. Às espécies inferiores destas entidades pertencem todas aquelas que os videntes descrevem como salamandras, silfos, undines, gnomos. É evidente que tais descrições não contam como reproduções da realidade que lhes está subjacente. Se fossem, o mundo a que se referem não seria espiritual, mas grosseiramente físico. Elas são ilustrações de uma realidade espiritual que só pode ser representada dessa forma, ou seja, por símios. Se aqueles que desejam admitir apenas o que se manifesta aos sentidos físicos consideram tais entidades como frutos de fantasia desordenada e supersticiosa, isso é compreensível. Tais entidades certamente não se podem tornar visíveis aos olhos físicos, porque não têm corpo físico. A superstição, porém, não consiste em considerá-las reais, mas em acreditar que elas aparecem de forma sensata.

Entidades desta natureza cooperam na construção do mundo e são encontradas assim que se penetra nas regiões superiores que estão escondidas dos sentidos físicos. Supersticioso não é aquele que vê em tais descrições imagens da realidade espiritual, mas aquele que acredita na existência física dessas imagens, assim como aquele que rejeita o espírito porque acredita que deve rejeitar a sua imagem sensível.

Também devem ser registradas as entidades que não descem ao mundo animado,

mas cujas conchas são tecidas unicamente da substância do mundo espiritual. O homem os percebe e se torna seu companheiro quando abre seu olho espiritual e ouve para vê-los.

Muitas coisas que, de outra forma, ele só pode ver sem compreender, tornam-se inteligíveis para ele. A luz é derramada ao seu redor; ele vê as causas daquelas coisas que no mundo sensato se manifestam como efeitos. Ele agarra aquilo que, sem o olho espiritual, negaria de todo, ou perante o qual teria de se contentar com a frase: "Entre o céu e a terra há mais coisas do que a vossa pequena sabedoria pode sonhar". Os homens espiritualmente "sensíveis" experimentam inquietação quando apresentam, obscuramente percebem ao seu redor um outro mundo que não o sensível, um mundo no qual devem tatear, como o cego entre os objetos visíveis. Somente a visão clara desses domínios superiores da existência, a penetração inteligente no que ali ocorre, pode realmente consolidar o homem e conduzi-lo ao seu verdadeiro destino. Através da penetração naquilo que está escondido dos sentidos, o homem aumenta a si mesmo, de modo que sua vida antes desse aumento lhe aparece como se tivesse sonhado o mundo.

- VI FORMAS DE PENSAMENTO E A AURA HUMANA

Tem sido dito que as formas de cada um dos três mundos só têm realidade para o homem se ele possuir as faculdades ou órgãos adequados para percebê-las. Certos processos no espaço são percebidos pelo homem como fenômenos luminosos apenas porque ele tem um olho bem construído. O quanto da realidade se revela a um ser depende da receptividade deste último. Portanto, nunca é permitido ao ser humano dizer que só aquilo que ele pode perceber é real. Muitas coisas podem ser reais para as quais ele não tem órgãos de percepção.

Agora, os mundos animados e espirituais são igualmente reais, e de fato são reais num sentido muito mais elevado do que o mundo físico. O olho físico não pode, é verdade, discernir sentimentos e representações, mas eles são reais. E assim como, para os sentidos externos, o homem tem diante de si o mundo corpóreo como percepção, assim, para seus órgãos espirituais, sentimentos, desejos, instintos, pensamentos, etc., tornam-se percepções. Assim como os processos espaciais podem ser vistos, através do olho físico, como fenômenos de cor, assim os fatos físicos e espirituais acima mencionados podem se tornar, através dos sentidos internos, percepções semelhantes. Em que sentido isto significa, aquele que trilhou o "caminho do conhecimento" descrito no final deste livro, e assim desenvolveu os seus sentidos internos, pode compreender plenamente. Para um homem assim, os fenômenos anímicos tornam-se supersensivelmente visíveis no mundo anímico circundante e os fenômenos espirituais no mundo espiritual. Sentimentos que ele experimenta nos outros irradiam para ele como fenômenos luminosos do ser que tem esses sentimentos, e os pensamentos aos quais ele volta sua atenção flutuam pelo espaço espiritual. Para ele, o pensamento de um homem sobre outro não é algo imperceptível, mas é um processo que pode ser visto. O conteúdo de um pensamento vive, como tal, apenas na alma do pensador, mas este conteúdo dá origem a efeitos no mundo espiritual.

Estes são para o olho espiritual o objeto de percepção. Como realidade real, o pensamento nasce de uma entidade humana e flui para outra. E como ela age sobre isso é experimentada como um processo perceptível no mundo espiritual. Para aqueles com sentidos espirituais abertos, o homem fisicamente perceptível não é, portanto, senão uma parte do homem inteiro. O homem físico torna-se o centro do qual irradiam a alma e as correntes espirituais. A rica variedade do mundo que aqui se abre para o vidente só pode ser sugerida. Um pensamento humano, que geralmente vive apenas na compreensão intelectual do interlocutor, aparece, por exemplo, como um fenómeno de cor espiritualmente perceptível. A sua cor corresponde ao carácter do pensamento. Um pensamento resultante de um impulso sensual tem uma cor diferente de um concebido ao serviço do conhecimento puro, da beleza nobre ou do bem eterno. Os pensamentos que surgem da vida dos sentidos passam através do mundo da alma em tons de vermelho. Em um belo amarelo claro aparece um pensamento pelo qual o pensador ascende ao conhecimento superior. Com uma bela rosa vermelha, um pensamento que emana do amor dedicado. E como o conteúdo de um pensamento, assim também a sua maior ou menor determinação é expressa no seu aspecto supersensível. O pensamento preciso do pensador aparece como uma forma com contornos claramente delineados; a representação confusa apresenta-se de uma forma incerta e turva.

As entidades animadas e espirituais do homem aparecem assim como partes supersensíveis da totalidade do ser humano.

As cores perceptíveis ao olho espiritual, que irradiam em torno do homem físico percebido em sua atividade e o envolvem como uma nuvem de forma quase ovóide, são uma aura humana. O tamanho desta aura varia de pessoa para pessoa. Na média, porém, pode ser representado que na sua totalidade o homem aparece duas vezes mais alto e quatro vezes mais largo do que o homem físico.

Agora, na aura, as mais variadas cores flutuam. E esta flutuação dá uma imagem fiel da vida humana interior. Os tons individuais são tão mutáveis como a própria vida. Mas certas qualidades duradouras - capacidades, hábitos, propriedades de

caráter - são expressas em tons fundamentais constantes.

Homens que ainda estão longe das experiências tratadas no capítulo O Caminho do Conhecimento podem cair em mal-entendidos quanto à natureza do que aqui é descrito como "aura". Eles podem imaginar que estas "cores" estão diante da alma como uma cor física está diante dos olhos. Uma tal "cor animada" não seria, no entanto, senão uma alucinação. A ciência espiritual não tem nada a ver com impressões de caráter "alucinógeno". Nem essas impressões são aqui aludidas. Chegamos a uma representação correta quando temos em mente que, ao perceber uma cor física, a alma tem não só uma impressão sensorial, mas também uma experiência própria, ou seja, uma experiência animada. Esta experiência animada muda conforme, através do olho, a alma percebe uma superfície amarela ou azul. Esta experiência pode ser chamada de "viver no amarelo" ou "viver no azul". Agora, diante de experiências ativas da alma de outro ser, a alma que percorre o "caminho do conhecimento" experimenta um "viver no amarelo" semelhante e, diante de sentimentos de devoção, experimenta um "viver no azul". O essencial não é que o clarividente, quando confrontado com a representação de outra alma, veja a cor azul como a vê no mundo físico, mas que ele tenha uma experiência tal que o autorize a chamar essa representação de "azul", assim como o homem físico pode, por exemplo, chamar uma cortina de azul. É, além disso, essencial que o clarividente tenha consciência de que está a ter esta experiência em estado fora-do-corpo, para que possa falar do valor e significado da vida animada num mundo que não pode ser percebido através do corpo. Embora seja essencial ter em conta este sentido particular de exposição, é bastante natural que o clarividente fale de "azul", "amarelo", "verde", etc., da "aura".

A aura varia muito, de acordo com os vários temperamentos e disposições anímicas dos homens; também varia de acordo com os graus de evolução espiritual. Aquele que se entrega inteiramente aos seus instintos animais tem uma aura bem diferente daquele que vive muito em pensamento. A aura de natureza religiosa é fundamentalmente diferente da de outro que se dedica aos assuntos vulgares da vida quotidiana. Além disso, todos os estados de mudança da alma, todas as inclinações, alegrias e tristezas encontram a sua expressão na aura.

Para conhecer o significado dos tons de cor, devemos comparar as auras correspondentes às diferentes experiências da alma. Consideremos as primeiras experiências da alma impregnadas de emoções fortes. Eles podem ser divididos em dois tipos. Para os da primeira espécie, a alma é impelida principalmente pela sua natureza animal; o segundo tipo compreende experiências de caráter mais fino, fortemente influenciado pela reflexão. Na primeira espécie de experiência, correntes de todos os tons de marrom e amarelo-avermelhado passam por Medo em certos pontos. Nos de caráter mais refinado, os tons amarelo-avermelhados e verdes mais claros aparecem nos mesmos pontos. Pode-se observar que com o desenvolvimento da inteligência os tons verdes se tornam cada vez mais frequentes. Homens altamente inteligentes, mas todos dedicados à satisfação dos seus instintos animais, têm muito verde na sua aura. Mas este verde será sempre intercalado com um traço mais ou menos notável de castanho ou castanho-avermelhado. A aura dos homens pouco inteligentes é, na sua maioria, atravessada por correntes de castanho-avermelhado ou mesmo de sangue vermelho-escuro.

Substancialmente diferente do que corresponde a estados de emoção semelhantes é o Medo que surge de um estado de espírito calmo, pensativo e reflexivo. Os tons acastanhados e avermelhados recuam e aparecem vários tons de verde. A aura da pessoa que pensa com afinco mostra um agradável tom verde fundamental. Isto se encontra principalmente na aura da natureza, que se pode dizer ser capaz de se encontrar em todas as condições de vida.

Os tons azuis aparecem onde reina a atitude de devoção com alma. Quanto mais um homem se compromete com o serviço de uma causa, mais tons azuis prevalecem. Também a este respeito, duas espécies de homens muito diferentes se encontram. Há naturezas não habituadas a desenvolver o poder do pensamento, almas passivas que têm, por assim dizer, apenas a "bondade da sua natureza" para lançar na corrente dos fatos universais. A aura deles arde com um belo azul. Assim também a aura de muitas naturezas piedosas e religiosas se mostra. As almas compassivas e aqueles que gostam de expor uma vida cheia de boas obras também têm essa aura. Se essas pessoas também são inteligentes, há

correntes alternadas de verde e azul em sua aura, ou o próprio azul assume uma tonalidade verde. É característico das almas activas, em oposição às passivas, que a sua aura azul seja preenchida a partir do interior com tons claros. Natureza rica em inventividade, naturezas que têm pensamentos fecundos, irradiam, como de um centro interior, tons claros. Em geral, tudo o que é indicativo de atividade espiritual tem predominantemente o aparecimento de raios que saem de dentro, enquanto que o que vem da vida animal tem a forma de nuvens irregulares flutuando através da aura.

Como as representações decorrentes da actividade de uma alma estão ao serviço dos seus próprios impulsos animais ou de interesses ideais objectivos, as formas áuricas apresentam cores diferentes. Uma cabeça inventiva que transforma todos os seus pensamentos para a satisfação de suas paixões sensuais apresenta tons de um azul-vermelho escuro; mas aquele que, esquecido de si mesmo, os coloca a serviço de um interesse objetivo, oferece tons de um azul-vermelho claro. Uma vida espiritual combinada com nobre dedicação e auto-sacrifício se manifesta em tons de vermelho-rosa ou violeta claro.

Não só a disposição fundamental da alma, mas também as emoções, os humores passageiros e outras experiências interiores se manifestam na aura em flutuações de cor. Uma explosão repentina de raiva violenta gera ondas vermelhas; o sentimento de honra equivocada expresso em uma súbita ebulição aparece na forma de uma notável cor verde escura.

Mas as cores não aparecem apenas em formas irregulares de nuvens, mas também em figuras claramente demarcadas de estrutura regular. Se observarmos, por exemplo, um ataque de medo num homem, ele flui através da aura de cima para baixo sob a forma de faixas onduladas turquesa com um brilho turquês-avermelhado. A aura de quem espera ansiosamente por um determinado evento pode ser vista como continuamente atravessada por riscas vermelhas azuis que irradiam de dentro para fora.

Para uma faculdade de percepção espiritual exata, toda sensação que um homem recebe de fora, é observável. As pessoas que são fortemente excitadas por cada impressão externa mostram uma iluminação contínua de pontos e de pequenos pontos semelhantes a uma igreja vermelha na aura. Em outras pessoas, de sensibilidade menos viva, estas pequenas manchas são alaranjadas ou mesmo um belo amarelo. A chamada "distração" manifesta-se em manchas azuis que desvanecem para o verde, de forma mais ou menos variável.

Uma "clarividência espiritual" que atingiu um nível de desenvolvimento superior distingue três tipos de manifestações de cores na aura que flutua e irradia em torno do homem. Todas elas são de cores mais ou menos baças e opacas. Mas em comparação com aqueles percebidos pelo olho físico, eles ainda são leves e transparentes. No mundo supersensível, porém, eles embotam o espaço que ocupam; eles o preenchem como com formas nebulosas.

Um segundo tipo de cor é aquele que é, de certa forma, todo leve. Eles iluminam o espaço que preenchem. Para eles, o espaço em si torna-se leve.

Muito diferente destas duas é a terceira espécie de cor. Estes últimos têm um carácter radiante, brilhante e resplandecente. Eles não só iluminam o espaço que ocupam, mas o atravessam com esplendor e irradiação. Nestas cores, há algo activo, algo interiormente móvel. Os outros têm algo parado e sem esplendor. Estes, por outro lado, geram a si mesmos perpetuamente, por assim dizer.

Pelas duas primeiras espécies de cor, o espaço é preenchido como se fosse por um líquido fino que permanece colocado; a terceira espécie preenche-o com uma vida que é sempre reanimada, com uma mobilidade ininterrupta. Estas três espécies de cor não estão dispostas na aura humana uma ao lado da outra, não se encontram exclusivamente em espaços separados; pelo contrário, interpenetram das mais variadas formas. Pode-se ver as três espécies misturadas no mesmo ponto da aura, tal como um corpo físico, por exemplo, um sino, - pode ser visto e ouvido ao mesmo tempo. Assim, a aura torna-se um fenómeno extremamente

delicado. Pois é preciso lidar, em certo sentido, com três auras que se interpenetram. Pode-se vê-los claramente, porém, quando se dirige a atenção alternadamente para cada um deles. No mundo supersensível, algo análogo é feito quando, por exemplo, no mundo sensível, para se estar totalmente imerso na impressão da música, fecha-se os olhos. O "vidente" possui, em certo sentido, três tipos de órgãos correspondentes aos três tipos de cores. E, para observar sem perturbações, ele pode abrir uma e fechar a outra às impressões.

Num "vidente" só os órgãos adequados para perceber o primeiro tipo de cores podem ser desenvolvidos de antemão. Ele verá apenas uma das auras; as outras duas permanecerão invisíveis para ele. Então, outro pode perceber as duas primeiras auras, mas não a terceira.

O próximo passo da 'clarividência' é poder observar as três auras e, para fins de estudo, dirigir a atenção alternadamente para uma ou outra.

A aura tripla é a expressão supersensivelmente visível da entidade humana. As três partes constituintes do homem: corpo, alma e espírito, são expressas nele.

A primeira aura é uma imagem refletida da influência do corpo sobre a alma; a segunda caracteriza a vida da alma, que se elevou acima dos estímulos imediatos dos sentidos, mas que ainda não se dedicou ao serviço do eterno; a terceira reflete o domínio que o espírito eterno alcançou sobre o homem mortal. Sempre que, como já foi feito aqui, são dadas descrições da aura, deve ser salientado que tais coisas não só são difíceis de observar, como são acima de tudo difíceis de descrever. Portanto, ninguém deve ver em descrições como estas nada além de um incentivo.

Para o 'vidente', a característica da vida animada manifesta-se na constituição da aura. Diante de uma vida animada totalmente entregue aos impulsos e luxúrias

sensuais e aos estímulos externos do momento, ele vê a primeira aura nas cores mais estridentes; a segunda, por outro lado, só se desenvolve fracamente. Somente aqui e ali aparece a centelha ocasional de cor, indicando que, mesmo no homem em quem prevalece tal estado de alma, a vida eterna continua como uma disposição, mas é repelida pelo domínio do físico que acaba de ser descrito.

Quanto mais o homem se despoja da sua natureza instintiva, menos predominante se torna a primeira parte da aura. A segunda parte da aura torna-se então cada vez mais acentuada e preenche o "corpo de cores" em que o homem físico vive com a sua força luminosa. E quanto mais o homem se mostra um "servo do eterno", mais a maravilhosa terceira aura aparece, testemunhando até que ponto o homem é um cidadão do mundo espiritual. Pois através desta parte da aura humana, o divino "É" irradia para o mundo terreno. Na medida em que possuem essa aura, os homens são chamados com as quais o Divino ilumina este mundo. Eles mostram, através desta parte da aura, até que ponto sabem viver não para si mesmos, mas para aquilo que é eternamente verdadeiro, nobremente belo e bom; até que ponto ganharam para o seu "eu" estreito o poder de se sacrificarem no altar da grande atividade universal.

Na aura é assim expresso o que o homem fez de si mesmo no decorrer de suas encarnações.

Todas as três partes da aura contêm cores das mais variadas tonalidades. Na primeira parte da aura pode-se ver a vida não desenvolvida dos instintos em todas as tonalidades de cor, do vermelho ao turquesa. Aqui eles têm uma aparência sombria e monótona. Fortes tons vermelhos indicam luxúrias sensuais, prazeres carnis, ganância pela satisfação do paladar e do estômago. Os tons verdes aparecem principalmente na aura daquelas naturezas mais baixas que estão inclinadas à indiferença e ao entorpecimento e que se abandonam avidamente a cada prazer, mas fogem do esforço necessário para alcançá-lo. Quando as paixões tendem violentamente para um objectivo ao qual as faculdades atingidas não estão adaptadas, surgem na aura cores verde acastanhada e verde amarelada. Hoje, certos sistemas de vida até educam estas

espécies de aura.

Um sentimento de "eu" inteiramente enraizado nas inclinações mais baixas, e portanto expoente do mais baixo grau de egoísmo, se manifesta em tons que vão do amarelo escuro ao marrom. É claro, porém, que a vida instintiva dos animais também pode assumir um caráter agradável. Uma faculdade puramente natural de auto-sacrifício já está manifestada, altamente desenvolvida, no reino animal. Este desenvolvimento superior de um instinto animal encontra a sua mais fina perfeição no amor materno natural. Tais impulsos naturais, desprovidos de egoísmo, são expressos na primeira aura em tonalidades que vão do vermelho claro ao vermelho-rosa. O medo, a covardia perante as impressões físicas, manifestam-se em cores castanhas escuras.

A segunda aura também manifesta as mais variadas gradações de cor. Um sentimento fortemente desenvolvido de ego, orgulho e ambição são expressos nas formas marrom e laranja. A curiosidade manifesta-se em manchas amarelas-avermelhadas. O amarelo claro reflete inteligência e pensamento claro, o verde expressa compreensão pela vida e pelo mundo. As crianças que agarram facilmente têm muito verde nesta parte da aura. Uma boa memória parece manifestar-se na segunda aura através de tonalidades amarelo-esverdeadas. A cor vermelho-rosa indica naturezas benevolentes e afectuosas; o azul é o sinal de devoção. Quanto mais próxima a devoção se aproxima do ardor religioso, mais azul se transforma em violeta. Idealismo e nobre seriedade de vida são expressos em índigo.

As cores fundamentais da terceira aura são o amarelo, verde e azul. Aqui a cor amarela clara aparece quando a alma está cheia de idéias elevadas e vastas, capazes de captar a coisa individual na sua relação com a totalidade da ordem divina. Este amarelo, quando o pensamento é intuitivo e perfeitamente desprovido de qualquer representação sensata, assume um esplendor dourado. O verde expressa amor por todos os seres; o azul indica a capacidade de auto-sacrifício para todos os seres. Se esta capacidade de auto-sacrifício aumenta ao ponto de se tornar uma vontade forte que serve activamente o mundo, a cor azul

desvanece-se para o violeta claro. Quando, apesar de um alto desenvolvimento da alma, o orgulho e a ambição sobrevivem como os últimos resquícios do egoísmo pessoal, outros tons de laranja aparecem ao lado do amarelo.

Deve-se observar, porém, que nessa parte da aura as cores são muito diferentes daquelas que o homem está acostumado a ver no mundo sensato. Aqui aparece ao

visionário' uma beleza e sublimidade inigualável no mundo comum.

Esta descrição da aura não pode ser julgada adequadamente por aqueles que não vêem a sua essência no fato de que a visão da aura representa uma ampliação e um enriquecimento do que é percebido no mundo físico. Uma ampliação que visa o conhecimento dessa forma de vida animada que tem uma realidade espiritual fora do mundo físico. Com uma interpretação do caráter de um homem ou pensamentos obtidos através de uma percepção alucinatória de sua aura, esta descrição não tem nada a ver. Ela procura estender o conhecimento ao mundo espiritual e nada tem a ver com a arte equivocada de interpretar as almas humanas através das suas auras.

O CAMINHO DO CONHECIMENTO

O conhecimento da ciência do espírito, exposto neste livro, pode ser alcançado por todos os homens. Exposições da natureza dos que aqui são oferecidos dão uma "imagem de pensamento" dos mundos superiores. E eles são, num aspecto, o primeiro passo para uma visão directa. Pois o homem é um ser pensante. E ele só pode encontrar o seu caminho para o conhecimento se ele for movido pelo pensamento. Se uma imagem dos mundos superiores é oferecida ao seu intelecto, ela não permanece infrutífera para ele, mesmo que a princípio lhe pareça apenas como uma exposição de fatos superiores dos quais ele ainda não pode se certificar por sua própria visão. Pois os pensamentos que lhe são comunicados representam em si mesmos uma força, que continua a agir no mundo dos seus próprios pensamentos. Esta força será ativa nele, despertará atitudes adormecidas. Aquele que acha desnecessário dedicar-se a tal "imagem de pensamento" está enganado. Ele vê o pensamento apenas como algo irreal, algo abstracto. Mas o pensamento repousa sobre uma força viva. E assim como, para quem possui conhecimento, o pensamento é uma expressão imediata do que se observa no espírito, assim também a comunicação dessa expressão age, em quem a recebe, como uma semente da qual nascerá o fruto do conhecimento. Quem, em nome do conhecimento superior, se voltaria para outras forças humanas e desprezaria a obra do pensamento, não levaria em conta que o pensamento é a mais elevada faculdade que o homem possui no mundo sensato. A ele, portanto, que pergunta: "Como posso eu mesmo alcançar o conhecimento superior da ciência do espírito?" é responder: "Comece aprendendo com as comunicações dos outros. E se ele se opuser: "Eu quero ver por mim mesmo, e não me importa o que os outros viram", deve ser-lhe respondido: "Precisamente na recepção das comunicações dos outros está o primeiro dos passos que levam ao seu próprio conhecimento. A este se pode responder: "Mas então eu seria obrigado a ter fé cega em primeiro lugar". Mas não se trata de incredulidade ou credulidade em relação a uma comunicação; trata-se simplesmente de aceitar o que se ouve sem preconceitos. Aqueles que fazem investigações sérias sobre o mundo espiritual nunca falam esperando ser cegamente acreditado. Ele quer dizer apenas isto: "Eu experimentei tudo isto nos domínios espirituais da existência e relaciono-o. Mas ele também sabe que o fato de aceitar essas experiências e permeá-las com o pensamento se torna uma força viva que

promove o progresso espiritual.

O objeto destas considerações só pode ser corretamente visto por alguém que reflete que todo o conhecimento sobre a alma e o mundo espiritual está nas profundezas da alma humana. Através do "caminho do conhecimento", pode-se trazê-lo à superfície. Mas também podemos "compreender" o que os outros tiraram das profundezas da alma e não apenas o que nós mesmos tiramos dela. Mesmo antes de nos lançarmos no "caminho do conhecimento", o conhecimento espiritual exato desperta na alma sem preconceitos as forças da compreensão. O conhecimento inconsciente move-se em direção ao fato espiritual descoberto por outros. E este "caminhar para" não é a fé cega, mas a atividade correta do intelecto sadio. Nesta sólida compreensão deve-se ver um ponto de partida muito melhor para o conhecimento direto do mundo espiritual do que nas dúbias "concentrações" místicas, etc., nas quais muitas vezes se acredita encontrar algo melhor do que no que o sólido intelecto humano pode aceitar, se trazido a ele pela verdadeira investigação espiritual.

Nunca é demais sublinhar o quanto é necessário para aqueles que desejam desenvolver as suas faculdades de conhecimento superior dedicarem-se a um trabalho sério de reflexão. Esta ênfase deve ser ainda mais enfática porque muitos que aspiram à clarividência pensam pouco nesta obra de pensamento séria e auto-sacrificial. Dizem: "O pensamento não me serve de nada; tudo depende do coração, do sentimento, etc.". A isto se deve objectar que ninguém pode tornar-se "vidente" num sentido mais elevado (ou seja, real), a menos que tenha penetrado primeiro na vida do pensamento. Em muitos homens, uma certa preguiça interior desempenha um mau papel a este respeito. Eles não estão conscientes dessa preguiça, porque ela se disfarça com o desprezo do "pensamento abstrato" da "especulação vã", etc., e é o mesmo com o "pensamento abstrato" da "especulação vã". Mas o pensamento é mal compreendido por aqueles que o confundem com um mero desenrolar de vãs e abstratas seqüências de pensamentos. Tal pensamento abstrato pode facilmente matar o conhecimento supersensível. O pensamento cheio de vida pode tornar-se a base deste conhecimento. Naturalmente, seria muito mais conveniente alcançar uma clarividência superior sem o trabalho do pensamento. Iria agradar a muitos. Mas para esta clarividência é necessária uma firmeza interior, uma confiança na

alma, à qual só o pensamento pode levar. Caso contrário, há apenas um vacilar incerto das imagens, um jogo desconcertante da alma, que algumas pessoas gostam, mas que nada tem a ver com uma verdadeira penetração nos mundos espirituais. Se, além disso, refletirmos sobre as experiências puramente espirituais que ocorrem em um homem que realmente penetra no mundo superior, compreenderemos que há ainda um outro aspecto nisso.

Ser um "vidente" requer absoluta sanidade de vida da alma. Agora, não há melhor maneira de cultivar essa sanidade do que o simples exercício do pensamento. Pelo contrário, a sanidade pode ser seriamente prejudicada se os exercícios para alcançar uma evolução superior não se basearem no pensamento. Como é verdade que a clarividência torna um homem de pensamento são e reto ainda mais saudável e apto para a vida, assim é verdade que toda tentativa de evolução superior acompanhada de aversão ao esforço do pensamento, todo abandono aos sonhos neste campo, favorece o devaneio e uma falsa atitude em relação à vida. Aquele que quer ascender ao conhecimento superior não tem nada a temer se levar em conta o que foi dito aqui; mas deve sempre se basear nesta premissa. Esta premissa diz respeito apenas à alma e ao espírito; falar de uma influência nociva sobre a saúde física seria absurdo aqui.

A descrença injustificada é certamente prejudicial. Pois age sobre o ouvinte como uma força repelente. Impede o ouvinte de aceitar pensamentos férteis. Nenhuma fé cega é necessária para o desenvolvimento dos sentidos superiores; mas o mundo do pensamento da ciência espiritual deve ser aceito. Aquele que investiga o mundo espiritual vem ao seu discípulo com esta exigência: "Não deveis acreditar no que vos digo, mas deveis pensar, deveis fazer dele o conteúdo do vosso próprio mundo de pensamentos; então os meus próprios pensamentos vos levarão a reconhecê-los na sua verdade". Assim ele dá o impulso; a força para reconhecer a verdade brota de dentro daqueles que aceitaram seus ensinamentos. E nesse sentido devem ser buscadas as concepções da ciência espiritual. Aquele que se esforça para mergulhar o seu pensamento neles pode ter a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, eles o levarão a uma visão própria.

O que já foi dito indica uma primeira qualidade que deve ser desenvolvida por aqueles que desejam chegar à sua própria visão dos fatos superiores. É a dedicação sem reservas e sem preconceitos às revelações da vida humana e do mundo extra-humano. Aquele que desde o início se aproxima de um fato com o julgamento que traz de sua própria vida, fecha-se para a calma e toda a impressão que o fato pode causar nele. O estudioso deve ser sempre capaz de se transformar em um recipiente completamente vazio no qual o mundo estrangeiro é derramado. Somente aqueles momentos em que todo julgamento, toda crítica que vem de nós, é silenciosa, são férteis de conhecimento. Na frente de um homem, não importa, por exemplo, que sejamos mais sábios do que ele. Mesmo a criança mais irracional tem algo a revelar ao maior sábio. Mas se esta última se aproxima da criança já com um juízo, por mais sábio que seja, esse juízo fica entre ele e o que a criança tem de revelar, como um copo manchado. Este exemplo mostra precisamente que a "dedicação sem reservas" não significa a eliminação do próprio critério ou fé cega. Nada disto faria sentido na presença de uma criança.

Esta dedicação às revelações do mundo requer uma total abnegação interior. E se o homem examina a si mesmo para saber até onde ele possui essa qualidade, ele fará descobertas espantosas dentro de si mesmo. Aquele que deseja embarcar no "caminho" do conhecimento superior deve praticar para poder a todo o momento se extinguir com todos os seus preconceitos. Enquanto ele se extingue, as coisas derramam-se sobre ele. Somente altos graus dessa receptividade abnegada dão ao homem a possibilidade de aceitar os fatos espirituais superiores que o cercam de todos os lados. Esta faculdade pode ser conscientemente cultivada para o efeito. Tentemos, por exemplo, abster-nos de qualquer julgamento das pessoas no nosso ambiente. Silenciemos em nós mesmos a norma da atração ou repulsão, da estupidez ou da inteligência, que estamos acostumados a aplicar, e tentemos compreender os homens sem essa norma, simplesmente como eles são. Os melhores exercícios podem ser feitos em homens para os quais sentimos antipatia. Vamos reprimir esta aversão com todas as nossas forças e deixar tudo o que eles fazem agir sobre nós sem noções pré-concebidas.

Ou, se nos encontramos num ambiente que desperta em nós este ou aquele julgamento, reprimamos o julgamento e nos abramos sem preconceitos a

impressões. Que as coisas e os factos nos falem, em vez de falarmos deles. E vamos também estender esta disciplina ao mundo dos nossos pensamentos. Suprimamos em nós mesmos o que forma este ou aquele pensamento e deixemos apenas o que está fora produzir pensamentos em nós.

Somente quando feitos com a mais rigorosa seriedade e constância é que estes exercícios levam a um conhecimento superior. Aqueles que os ignoram não sabem nada da sua importância. E aquele que tem experiência nestes assuntos sabe que a dedicação e a ausência de preconceitos são verdadeiros geradores de força. Assim como o calor produzido na caldeira se transforma no poder motriz da locomotiva, assim os exercícios de devoção espiritual cheios de abnegação são transformados para o homem no poder de percepção dos mundos espirituais.

Por meio destes exercícios, o homem torna-se receptivo a tudo à sua volta. Mas a faculdade de aceitação deve ser acompanhada pela faculdade de avaliação correta. Enquanto o homem estiver inclinado a sobrevalorizar-se às custas do que o rodeia, ele proíbe o caminho para o conhecimento superior. Aquele que, diante de tudo e de todos os fatos do mundo, entrega-se à alegria ou à tristeza que lhe trazem, ainda é um escravo dessa supervalorização. Pois de sua alegria e dor ele não aprende nada sobre as coisas, mas apenas sobre si mesmo. Se eu sinto simpatia por uma pessoa, não sinto nada além da minha relação com ela. Se faço meu julgamento, minha conduta depende unicamente de tais sentimentos de prazer, de simpatia, coloco meu caráter pessoal em primeiro plano; eu o imponho ao mundo. Eu quero me encaixar no mundo como sou; não quero abraçar livremente o mundo e deixá-lo se desdobrar de acordo com as forças em ação nele. Em outras palavras: eu não sou tolerante, exceto em relação àquilo que está de acordo com o meu caráter. Contra tudo o resto, eu exerço uma força repelente. Enquanto ele estiver enredado no mundo sensível, o homem exerce uma ação particularmente repelente contra todas as influências que não são de natureza sensata. O estudioso deve desenvolver dentro de si a faculdade de se comportar em relação às coisas e aos homens de acordo com seu caráter, respeitando o valor e a importância de cada um. Simpatia e antipatia, prazer e desagrado, devem assumir um papel completamente diferente. Não pode ser uma questão de erradicá-los, de se tornar insensível à simpatia e à antipatia. Pelo contrário, quanto mais o homem desenvolve a faculdade de não seguir

imediatamente cada sentimento de simpatia ou antipatia com um julgamento ou ação, mais ele aperfeiçoa sua sensibilidade. Ele aprenderá que simpatias e antipatias têm um caráter superior, quando souber conter aquele caráter que eles já têm nele. Mesmo o objeto mais desagradável à primeira vista tem qualidades ocultas; ele as revela quando o homem não age de acordo com seu próprio sentimento egoísta. Aquele que foi educado neste sentido desenvolve uma sensibilidade mais delicada para tudo, porque não se deixa levar à insensibilidade pela sua própria natureza. Cada inclinação, cegamente seguida, embota a faculdade de ver as coisas com a luz certa. Ao seguirmos as nossas inclinações, forçamo-nos, por assim dizer, através do nosso ambiente em vez de nos abirmos a ele e sentirmos o seu valor.

E quando o homem não coloca mais toda alegria ou dor, toda simpatia ou antipatia contra uma resposta ou ação egoísta, ele também se torna independente das impressões em mudança do mundo externo. O prazer que uma coisa nos dá, torna-nos imediatamente dependentes dela. Perdemos-nos na coisa. Um homem que, de acordo com as mudanças de impressões, perde-se agora em tristeza e agora em alegria, não pode trilhar o "caminho" do conhecimento espiritual. Ele deve aceitar a alegria e a tristeza com tranqüilidade. Então, ele deixa de se perder neles e, em troca, começa a compreendê-los. Um prazer ao qual me entrego, consome o meu ser no instante do abandono. Mas devo aproveitar o prazer apenas para chegar, através dele, à compreensão do que me dá. O essencial não é que algo me dê prazer: tenho de experimentar o prazer e, através dele, a natureza da coisa. O prazer deve apenas anunciar-me que na coisa reside uma propriedade capaz de despertar este sentimento. Tenho de aprender a conhecê-lo. Se eu parar no prazer, se eu permitir que ele tome posse de mim inteiramente, só eu posso me expressar nele; mas se o prazer me oferece apenas a facilidade de experimentar uma propriedade da coisa, eu enriqueço minha vida interior através dessa experiência. Para o inquiridor, prazer e tristeza, alegria e dor, não deve ser mais do que uma oportunidade de aprender com as coisas. Ele não se torna assim insensível ao prazer e à tristeza, mas se eleva acima deles, para que lhe revelem a natureza das coisas. Quem avança nessa direção aprende o que são a alegria e a tristeza dos mestres. Ele se sentirá em uníssono com cada ser, e assim receberá a revelação do seu eu interior. Aquele que investiga nunca se limitará a dizer: "Como eu sofro" ou "Como eu gosto". Ele dirá: "Como é que a dor fala? Como é que a alegria fala?" Ele se abre para que a alegria e a dor do mundo exterior possam agir sobre ele. Assim, desenvolve-se no homem uma forma

completamente nova de abordar as coisas. Antes, ele seguiria esta ou aquela ação com esta ou aquela impressão, só porque esta última lhe dava prazer ou desgosto. Agora, porém, ele faz prazer e desgosto, além disso, órgãos através dos quais as coisas lhe dizem o que são, de acordo com a sua natureza. De ser meros sentimentos, prazer e descontentamento tornam-se para ele órgãos pelos quais percebe o mundo exterior. Assim como o olho não age quando vê algo, mas deixa a mão agir, assim também, no investigador espiritual, o prazer e o descontentamento, na medida em que são usados como meio de conhecimento, não determinam nada, apenas recebem impressões; e o que foi aprendido através das impressões de prazer e descontentamento determina a ação. Se o homem cultiva o prazer e o desgosto não como fins em si mesmo, mas como meios, eles constroem em sua alma os órgãos adequados para a percepção do mundo animado. O olho só serve ao corpo na medida em que transmite impressões sensoriais; o prazer e a tristeza serão transformados em olhos animados se deixarem de ser um fim em si mesmos e começarem a revelar à alma a alma dos outros.

Com as qualidades indicadas, o perseguidor do conhecimento capacita-se a permitir que o que realmente existe em seu ambiente possa agir sobre ele sem a influência perturbadora de suas próprias qualidades. Ele deve, no entanto, também se colocar no ambiente espiritual de uma maneira correta. Como um ser pensante, ele é de facto um cidadão do mundo espiritual. Mas ele só pode ser um cidadão do mundo espiritual se, no ato do conhecimento espiritual, ele der aos seus pensamentos um curso de acordo com as leis eternas da verdade, as leis do mundo espiritual. Pois só assim esse mundo pode agir sobre ele e revelar-lhe as suas realidades. O homem não chega à verdade se ele se rende apenas aos pensamentos que passam continuamente pelo seu "eu". Pois então os pensamentos tomam um rumo que lhes é imposto pelo fato de que eles surgem na natureza corpórea. O mundo de pensamentos de um homem que se entrega à atividade espiritual que, a princípio, é condicionada pelo seu cérebro físico, parece desregulado e confuso. Então um pensamento surge, desaparece, é expulso por outro. Quem segue o discurso de duas pessoas, quem, sem tomar partido, se examina, pode ter uma idéia dessa massa de pensamentos vagando como fogos fátuos. Agora, 'enquanto o homem se dedicar às únicas tarefas da vida física, o curso desordenado de seus pensamentos será sempre retificado pela realidade'. Por mais confusos que sejam os meus pensamentos, a vida quotidiana impõe às minhas acções as leis da realidade. Mesmo que a imagem

que tenho de uma cidade seja caótica como sempre, no entanto, quando quero ir a algum lado, tenho de me conformar com os factos existentes. O mecânico pode entrar em sua oficina com a confusão de pensamentos mais confusa em sua cabeça; mas as leis de suas máquinas o levarão a se ajustar da maneira correta. No mundo sensato, os fatos sempre exercem sua correção sobre o pensamento. Se eu fizer uma falsa representação de um fenómeno físico ou da forma de uma planta, a realidade vem a mim e retifica o meu pensamento. As coisas são bem diferentes se eu considerar a minha relação com os campos superiores da existência. Estes são revelados apenas àqueles que os penetram com um pensamento rigorosamente disciplinado. Aqui o pensamento deve me dar o impulso certo, certo; caso contrário, não encontrarei o caminho. Pois as leis espirituais que se desdobram nesses mundos não se condensam até a condição física sensata e, portanto, não exercem sobre mim o constrangimento anteriormente caracterizado. Só poderei seguir essas leis se elas tiverem afinidade com aquelas que eu mesmo carrego como um ser pensante. Aqui eu mesmo devo ser o guia certo. Aquele que persegue o conhecimento deve, portanto, disciplinar rigorosamente o seu pensamento. Os seus pensamentos devem gradualmente perder todo o hábito de seguir o curso normal. Eles devem, em todo o seu percurso, assumir o carácter interior do mundo espiritual.

Neste sentido, ele deve ser capaz de se observar e ter domínio sobre si mesmo. Nele um pensamento não deve seguir o outro por capricho, mas apenas de acordo com o conteúdo estrito do mundo do pensamento. A transição de uma representação para outra deve corresponder às leis exatas do pensamento. O homem, como pensador, deve, num certo sentido, apresentar uma imagem constante dessas leis. Tudo o que não deriva destas leis deve ser proibido por ele às suas representações. Se um pensamento favorito lhe chega, ele deve rejeitá-lo se perturbar o curso ordeiro da reflexão. Se um sentimento pessoal quer impor em seus pensamentos uma direção que não é inerente a eles, ele deve reprimi-lo.

Platão exigiu que aqueles que quisessem pertencer à sua escola estudassem primeiro matemática. Para a matemática, com suas leis exatas que não são informadas pelo curso normal dos fatos sensatos, é uma boa preparação para aqueles que buscam conhecimento. Aquele que deseja progredir em matemática deve livrar-se de toda a arbitrariedade pessoal, de todos os elementos

perturbadores. Ele se prepara para sua tarefa, triunfando, por meio da vontade, sobre toda atividade automática e arbitrária de pensamento. Ele aprende a seguir apenas as exigências do pensamento. Assim, ele deve aprender a prosseguir em toda atividade de pensamento a serviço do conhecimento espiritual. A sua própria vida de pensamento deve ser uma imagem de juízos não perturbados e de conclusões matemáticas puras. Ele deve sempre se esforçar para pensar assim. Então as leis do mundo espiritual fluem para o seu ser, e passam diante dele e para ele sem deixar rastros até que seu pensamento apresente o caráter habitual e confuso. Uma maneira ordeira de pensar leva-o de pontos de partida seguros para as verdades mais escondidas. Estas dicas não devem, no entanto, ser tomadas num sentido unilateral. Embora o estudo da matemática constitua uma excelente disciplina de pensamento, pode-se chegar a uma forma de pensar pura, saudável e cheia de vida, mesmo sem ela.

E o que o buscador do conhecimento visa em seu pensamento, ele também deve visar em sua ação. Esta ação, livre de todas as influências perturbadoras da personalidade, deve ser capaz de seguir as leis da nobre beleza e da verdade eterna. Se o buscador do conhecimento empreende algo porque o reconheceu como certo e o seu sentimento pessoal não lhe dá satisfação, ele não deve abandoná-lo por causa disso. Mas também não deve persistir numa acção porque gosta dela, se descobre que não está de acordo com as leis da beleza e da verdade eternas. Na vida comum, as pessoas se deixam determinar a agir por aquilo que as satisfaz pessoalmente e lhes traz frutos. Assim eles impõem aos fatos do mundo a direção de sua própria personalidade. Eles não agem a verdade contida nas leis do mundo espiritual, mas sim as exigências da sua própria vontade pessoal. Age-se no sentido do mundo espiritual quando se segue apenas as suas leis. As ações que surgem simplesmente da personalidade não dão origem a forças que possam fornecer uma base para o conhecimento espiritual. Aquele que procura conhecimento não pode simplesmente perguntar: "O que me dará frutos? Como serei bem sucedido", mas também deve ser capaz de perguntar: "O que reconheci como bom?". A renúncia dos frutos que a ação dá à personalidade e a renúncia a toda arbitrariedade são as leis graves que ele deve estabelecer para si mesmo. Ele então seguirá os caminhos do mundo espiritual, e as leis desse mundo permearão todo o seu ser. Ele se libertará assim de todas as restrições do mundo físico, e seu ser espiritual sairá do envelope sensível. Assim ele avança na espiritualidade, assim ele espiritualiza-se a si mesmo. Não se pode dizer: "Qual é a utilidade de todas as minhas intenções de seguir apenas as leis

da verdade, quando talvez eu esteja enganado nesta verdade? O que conta é o esforço, o propósito. Mesmo aquele que erra encontra na luta pela verdade uma força que o afasta do caminho falso. Se ele cometer um erro, esta força agarra-o e leva-o de volta para o caminho certo. Até a objecção, "Eu posso estar errado", é uma desconfiança prejudicial. Isso mostra que o homem não tem confiança no poder da verdade. Pois o importante é precisamente que ele não presume fixar seus objetivos do seu próprio ponto de vista egoísta, mas se abandona a si mesmo de forma sacrificial e permite que o espírito o dirija. Não a vontade humana egoísta pode impor suas leis à verdade, mas a própria verdade deve dominar o homem, deve permear todo o seu ser e fazer dele uma imagem das leis eternas do mundo espiritual. O homem deve imbuir-se dessas leis eternas para irradiá-las em sua vida.

Aquele que procura o conhecimento deve ser capaz de controlar estritamente não só o seu pensamento, mas também a sua vontade. Assim, com toda a modéstia e sem presunção, ele se tornará um mensageiro para o mundo da verdade e da beleza. E, como tal, ele ascenderá para se tornar parte do mundo espiritual. Ele ascenderá assim de um passo de evolução para outro. Pois a vida espiritual não pode ser alcançada apenas pela contemplação, mas deve ser alcançada através da experiência.

Se o buscador do conhecimento observar as leis aqui indicadas, suas experiências anímicas que se relacionam com o mundo espiritual assumirão um caráter totalmente novo. Ele não vai mais apenas experimentá-los. Eles não terão mais importância apenas para a sua própria vida. Eles serão transformados em percepções animadas dos mundos superiores. Na sua alma os sentimentos: prazer e tristeza, alegria e dor, tornar-se-ão órgãos da alma, tal como no seu corpo os olhos e ouvidos não vivem apenas para si mesmos, mas, quase negando-se a si mesmos, permitem que impressões externas passem através deles. E assim o homem adquire aquela tranqüilidade e segurança de alma que são necessárias para fazer investigações sobre o mundo espiritual. Uma grande alegria não o fará mais apenas regozijar-se, mas poderá anunciar-lhe qualidades do mundo que antes lhe haviam escapado. Isso o deixará tranqüilo e, através dessa tranqüilidade, os personagens do que desperta alegria serão revelados a ele. Uma tristeza não só o encherá de aflição, mas também poderá revelar-lhe as

características daquilo que causa tristeza. Assim como o olho não reclama nada para si mesmo, mas mostra ao homem a direção a seguir, assim também a alegria e a tristeza conduzirão a alma em segurança em seu caminho. Tal é o estado de equilíbrio da alma, que deve ser alcançado pelo buscador do conhecimento. Quanto menos alegria e tristeza se esgotarem nas ondas que levantam na vida interior do homem, melhor se tornarão olhos capazes de ver o mundo supersensível. Enquanto o homem viver à mercê da alegria e da tristeza, ele não chega ao conhecimento através deles. Quando através da alegria e da dor ele aprende a viver, quando ele separa deles o seu sentimento pessoal, eles se tornam órgãos de percepção; então ele vê, ele sabe através deles. Seria errado acreditar que ele se torna um homem árido, insensível à alegria e à tristeza. Alegria e tristeza existem dentro dele, mas quando ele investiga o mundo espiritual, eles existem de uma forma diferente; são "olhos" e "ouvidos".

Enquanto vivermos com o mundo numa relação pessoal, mesmo as coisas não nos revelam nada a não ser o que as liga à nossa personalidade. Mas esta é a sua parte efêmera. Se, por outro lado, nos desligamos do que há de efêmero em nós e, com o sentimento de nós mesmos, com o Eu, vivemos no que é duradouro, então as partes transitórias do nosso ser agem como mediadores e o que se revela através delas é precisamente o imperecível, o eterno das coisas. Esta relação entre o eterno nele e o eterno nas coisas deve ser estabelecida pelo buscador do conhecimento. Mesmo antes de realizar outros exercícios como os descritos, e mesmo depois de realizá-los, ele deve voltar a sua mente para o que é imperecível. Quando eu olho para uma pedra, uma planta, um animal, um homem, devo lembrar que em cada um desses seres se expressa um princípio eterno. Eu devo ser capaz de me perguntar: "O que vive na pedra que pode ser quebrada, no homem que é mortal? O que sobreviverá à manifestação transitória dos sentidos?"

Que não se pense que esse desejo de dirigir o espírito para o eterno extingue a faculdade de observar com devoção e interesse as qualidades ordinárias das coisas, e nos afasta da realidade imediata. Pelo contrário. Cada folha, cada inseto nos revelará inúmeros mistérios quando dirigimos não só o nosso olhar para eles, mas, através do olho, o espírito. Cada brilho, cada tonalidade de cor, cada som permanecerá vivo para os sentidos, nada se perderá; mas ao que eles revelam

será acrescentada uma vida nova e infinita. E quem não souber observar até mesmo as menores coisas com os olhos terá apenas pensamentos pálidos e anêmicos, não visão espiritual.

Tudo depende da atitude a que chegamos a este respeito. A extensão do resultado depende das nossas faculdades. Devemos fazer o que é certo e deixar tudo o resto à evolução. No início, devemos contentar-nos em voltar as nossas mentes para o imperecível. Se fizermos isso, o conhecimento do eterno se abrirá para nós precisamente por causa desse fato. Temos de esperar até que nos seja dado. E será dado no momento certo a quem esperar pacientemente e trabalhar.

O homem logo se dá conta da poderosa transformação que ocorre nele como resultado desses exercícios. Ele aprende a considerar tudo como fútil ou importante, de acordo com a sua relação com o eterno. Ele chega a uma apreciação do mundo diferente daquela que tinha antes. A sua forma de sentir desenvolve outra relação com todo o ambiente. O efêmero já não o atrai por si só, como antes, mas também se torna para ele uma parte e símbolo do eterno. E este eterno, que vive em tudo, ele aprende a amar. Torna-se tão familiar para ele como o efêmero era antes. Mas nem mesmo desta maneira o homem se distancia da vida; ele só aprende a estimar tudo no seu valor próprio. Nem mesmo as fúteis facilidades da vida o passarão sem deixar rastro, mas o homem que procura o espírito não mais se perderá nelas, mas as reconhecerá no seu valor limitado. Ele vai vê-los na luz certa. Aquele que só vagueia nas nuvens e assim perde a sua vida, não cumpriria bem a sua tarefa. Aquele que verdadeiramente persegue o conhecimento saberá, desde o cume que alcançou, como colocar, com visão clara e sentimento certo, tudo no seu lugar.

Isto abre para ele a possibilidade de não mais seguir apenas as influências imprevisíveis do mundo sensível, que empurram sua vontade agora em uma direção e agora em outra. Através do conhecimento, ele tem contemplado nas coisas a sua essência eterna. Ele tem dentro de si, através da transformação do seu mundo interior, a faculdade de perceber essa essência eterna.

Para o buscador do conhecimento, os seguintes pensamentos também assumem especial importância. Quando ele tira o motivo da ação de si mesmo, ele sabe que o tira da essência eterna das coisas, porque as coisas expressam a essência delas nele. Ele age assim no sentido da ordem eterna do mundo, quando tira do eterno viver nele a direção a ser dada à ação. Ele sabe assim que já não é apenas guiado pelas coisas, mas que ele próprio as conduz de acordo com as leis inerentes a elas, que se tornaram as leis do seu próprio ser.

Esta actuação a partir de dentro só pode ser um ideal ao qual se aspira. A realização deste objectivo está muito longe. Mas aquele que procura conhecimento deve querer ver este caminho claramente. Esta é a sua vontade de liberdade. Pois a liberdade é agir de si mesmo. E é permitido agir de si mesmo somente para aquele que deriva os seus motivos do eterno. Aquele que age de outra forma age por razões diferentes daquelas inerentes às coisas. Ele é contra a ordem universal. E

por isto ele deve ser superado. Em outras palavras, o que ele prescreve à sua própria vontade não pode, em última análise, ser implementado. Ele não pode tornar-se livre. A vontade do ser individual é anulada através dos efeitos de suas ações.

Aquele que consegue agir desta forma na sua vida interior avança de passo em passo no conhecimento do espírito. Como fruto dos seus exercícios, certos conhecimentos do mundo supersensível se revelarão à sua percepção espiritual. Ele aprenderá o verdadeiro significado das verdades sobre esse mundo e terá confirmação delas através da sua própria experiência. Tendo chegado a este passo, é-lhe apresentada uma experiência que só pode ser alcançada por este caminho. De uma forma cujo significado só agora lhe pode ser esclarecido, as "grandes forças espirituais que guiam a humanidade" conferem-lhe a iniciação. Ele se torna um "discípulo de sabedoria". Quanto menos se imagina que esta iniciação consiste numa relação humana externa, mais correcta é a representação da mesma. Aqui mal podemos mencionar o que agora se passa no discípulo. Ele recebe uma nova pátria. Ele se torna assim um habitante consciente do mundo

supersensível. A fonte do conhecimento espiritual agora brota para ele de uma região superior. A luz do conhecimento já não brilha sobre ele de fora, mas ele próprio é colocado no ponto a partir do qual essa luz jorra. Nele, os enigmáticos do mundo são iluminados com uma nova luz. Ele já não fala das coisas criadas pelo espírito, mas do próprio espírito criador. Em momentos de conhecimento espiritual, a vida de sua personalidade não existe mais, a não ser como um símbolo consciente do eterno. Quaisquer dúvidas que ainda possam ter surgido nele sobre o espírito desaparecem; pois a dúvida só pode chegar àqueles que são enganados pelas coisas, quanto ao espírito que nelas trabalha. E porque o "discípulo de sabedoria" pode comunicar-se com o próprio espírito, toda imagem falsa que ele havia formado dele anteriormente desaparece. A falsa imagem em que o espírito é representado é a superstição. O iniciado é acima de toda superstição, porque sabe qual é o verdadeiro aspecto do espírito. A libertação dos preconceitos de personalidade, da dúvida e da superstição é a marca de quem, no "caminho do conhecimento", subiu à categoria de discípulo. Esta identificação da personalidade com a vida universal do espírito não deve ser confundida com a aniquilação da própria personalidade no Todo. Tal aniquilação da personalidade não ocorre quando ela passou por uma verdadeira evolução. Então continua a existir como uma personalidade nessa relação que estabelece com o mundo espiritual. Não é esmagado; ao contrário, é determinado um desenvolvimento mais elevado da personalidade. Se se deseja encontrar um símbolo para esta união do espírito único com o Todo, não se deve escolher o de vários círculos que coincidem em um e desaparecem nele, mas o de muitos círculos, cada um dos quais de uma certa cor. Estes círculos, de cores diferentes, sobrepõem-se, mas cada cor individual permanece inalterada. Nenhum deles perde a plenitude da sua força.

O "caminho do conhecimento" não será descrito aqui em mais detalhe. Na medida do possível, isso já foi descrito na minha Science. Ciência Oculta, que é a seqüela deste livro.

O que aqui é dito sobre o "caminho do conhecimento" pode muito facilmente levar, através de interpretações errôneas, à visão de que recomenda condições anímicas que nos distanciam da experiência imediata, alegre e ativa da vida. A este respeito, é preciso notar que a atitude da alma que lhe permite experimentar

diretamente a realidade do espírito não pode ser estendida a toda a vida. Aquele que faz investigações sobre o mundo espiritual pode, para esse fim, conseguir levar sua alma ao necessário desapego da realidade sensível, sem que esse desapego o torne, em geral, um homem distanciado do mundo.

Por outro lado, é preciso convencer-se também de que o conhecimento do mundo espiritual - não só o que se alcança através do "caminho", mas também o que se alcança ao captar as verdades científico-espirituais com o intelecto sadio e sem preconceitos - conduz também a um modo de vida altamente moral, piedoso, a uma compreensão mais verdadeira da existência sensata, à autoconfiança na vida e à sanidade interior da alma.